

JUSSARA FERREIRA PAIM

HÁ VIDA PARA ALÉM DA SALA DE AULA:
UM ESTUDO SOBRE A IDENTIDADE DO ALUNO DE
EJA

MESTRADO EM EDUCAÇÃO:
PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

PUC/SÃO PAULO
2005

JUSSARA FERREIRA PAIM

HÁ VIDA PARA ALÉM DA SALA DE AULA:
UM ESTUDO SOBRE A IDENTIDADE DO ALUNO DE
EJA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação: Psicologia da Educação, sob a orientação da Prof. Dra. Mitsuko Aparecida Makino Antunes.

PUC/SÃO PAULO
2005

BANCA EXAMINADORA

DEDICATÓRIA

Ao meu filho Marcello, que com apenas quatro anos de idade foi capaz de participar dessa Dissertação de Mestrado, revelando-se um grande educador. Ele me ensinou uma matemática em que aprendi a me dividir, obtendo resultados de multiplicação.

AGRADECIMENTOS

À CAPES, que viabilizou financeiramente a minha pesquisa.

À minha orientadora Mitsuko por sua competência, dedicação, afeto e apoio nos meus momentos de crise.

À Professora Laurinda Ramalho de Almeida, por ter apostado em mim e ter me enchido de coragem.

Ao Professor José Roberto Heloani, pela sua sensibilidade e respeito pelo meu projeto de pesquisa.

À Lucília, companheira de trabalho e mestre na arte da empatia, sem a qual a realização desse trabalho se tornaria muito difícil.

Ao Ilha de Vera Cruz por existir e tornar possível meu crescimento profissional e pessoal.

Ao “Sr. José”, sujeito dessa pesquisa, que se mostrou um verdadeiro educador.

Ao meu marido Rodiney, pelo seu incentivo constante e pelo orgulho que sempre demonstrou da minha carreira profissional e acadêmica.

À minha mãe, que sempre deu o suporte necessário para que eu pudesse, casada e com filho, trabalhar e estudar.

À todos os amigos que torceram por mim e me ajudaram de uma ou de outra forma, compreendendo minha ausência em vários momentos e se colocando sempre à minha disposição.

Resumo

A constatação do desconhecimento dos educadores de um programa de EJA sobre a realidade de seus alunos incentivou esta investigação.

O estudo apresenta um quadro referente ao perfil dos alunos atendidos por um programa de EJA e a análise da narrativa de história de vida de um destes alunos adultos alfabetizando, procurando compreender as relações sociais que fundamentam a constituição de sua identidade. O objetivo é contribuir para que os educadores desse, e de outros programas de educação de jovens e adultos, voltem o olhar para o aluno e pautem as ações educativas na realidade do grupo atendido, compreendendo seu pensamento, sua linguagem e como ele próprio percebe sua realidade.

A pesquisa foi feita em duas etapas. A primeira, com uso de um questionário que tinha como objetivo identificar características gerais do grupo de alunos que freqüenta o programa, resultando no estabelecimento de seu perfil. A segunda, com a escolha de um sujeito que, por meio da narrativa de sua história de vida, trouxe elementos fundamentais para a compreensão de sua constituição como sujeito, como identidade que se constrói nas relações que estabelece com a natureza e com o mundo humano.

A investigação resultou no levantamento de algumas questões importantes que podem contribuir para uma articulação maior entre a ação educativa dos professores e o desejo de aprender do aluno jovem ou adulto que procura a escola.

Abstract

This investigation was inspired by the teachers's lack of knowledge about the students reality of Youth and Adults Education program.

This study presents the student's profile from a Youth and Adults Education program and one student's life's history analysis, trying to understand the social relationships that constitute. The goal is to contribute with the educators of this and others programs of Youth and Adults Education so they can focus their look on the student and base their education's actions in the reality of the assisted group, comprehending their thoughts, their language and how he perceive his own reality.

The research was done in two phases: the first one using a questionnaire which had the aim of identify the general characteristics of a student's group that attend the program. That resulted on the establishment of his profile. The second one included a choice of a person who with his life's history narrative brought elements for the comprehension of his constitution as a person, as an identity that is constructed in the relationships that are established with nature and the human world.

The investigation brought up some important questions that can add to a bigger involvement between teacher's educative action, and the desire of the youth and adults to learn and come to the school.

Sumário

Apresentação.....	08
Capítulo I: A Educação de Jovens e Adultos no Brasil.....	18
Capítulo II: Identidade.....	24
Capítulo III: A pesquisa.....	28
Capítulo IV: Perfil dos alunos – apresentação e análise dos dados.....	32
Capítulo V: Desvelando a identidade de um adulto alfabetizando – narrativa de uma história de vida.....	40
Capítulo VI: Considerações finais.....	98
Bibliografia.....	101
Anexos.....	104

Apresentação

Graduada em Letras pelas Faculdades de Guarulhos¹, comecei a perceber, já na graduação, meu interesse pela educação sobrepor-se ao interesse inicial pela gramática e pela literatura.

Com uma curta experiência como professora de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, minha atuação profissional ficou durante muito tempo distante da área de educação. Somente em 2003 iniciei um trabalho na área, como Coordenadora Pedagógica de um projeto de ação comunitária, num curso de Educação de Jovens e Adultos – E.J.A. Durante todo o tempo em que estive envolvida com outras atividades, meu interesse pela área de educação se manteve e, ao terminar a graduação, iniciei um curso de Psicopedagogia nas Faculdades Oswaldo Cruz. Esse curso de pós-graduação foi muito importante para me ajudar a ver que caminho eu poderia tomar na área educacional.

O projeto de Educação de Jovens e Adultos que comecei a coordenar chama-se Ilha de Vera Cruz e nasceu nas dependências de uma escola da rede particular de ensino da cidade de São Paulo, Escola Vera Cruz, por intermédio de uma professora que fazia um curso de Gestão em Comunicação. Seu trabalho de conclusão era a elaboração de um projeto educativo e sua prática efetiva na sociedade.

Essa educadora sugeriu para a direção da escola que fosse montada uma sala para Educação de Jovens e Adultos que atendesse a população de baixa renda da região. A idéia foi aprovada e deu-se início a uma maratona de visitas, com o objetivo de levantar o número de pessoas não alfabetizadas que trabalhavam ou moravam no entorno da escola.

Formou-se um grupo de alunos do Ensino Médio que, junto com essa professora, visitou as favelas próximas, fábricas, comércios, CEASA² e também as caixarias³.

¹ Nome atual: Faculdades Integradas de Ciências Humanas, Saúde e Educação de Guarulhos, conforme Portaria nº 2.843 de 09/10/2003.

² CEASA – Centro Estadual de Abastecimento S.A. Central que ainda é chamada assim pela população, mas deixou de ter esse nome em 1969, ocasião de sua fusão com a CAGESP (Cia. de Armazéns Gerais do Estado de São Paulo). Seu nome, desde então, passou a ser CEAGESP (Cia. de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo).

³ Caixarias: locais onde são montadas as caixas que acondicionam frutas, verduras e legumes do CEASA. São espaços enormes que também alojam as pessoas que trabalham com a montagem das caixas.

Nessas visitas tornou-se evidente o número de pessoas não alfabetizadas que tinham interesse em freqüentar as aulas.

A escola, então, cedeu o espaço físico e os recursos materiais para profissionais que quisessem desenvolver o trabalho de forma voluntária. Muitas pessoas se interessaram, entre elas pais de alunos da escola e os próprios alunos do Ensino Médio se dispuseram a trabalhar no projeto.

Iniciando no segundo semestre de 2001, somente com uma sala de aula, o projeto cresceu rapidamente e, no segundo semestre de 2003, já contava com sete classes formadas: três de alfabetização e quatro correspondentes ao Ensino Fundamental.

O corpo docente foi constituído por voluntários e a escola mantém essa prática até hoje como um de seus objetivos na concepção de projeto social.

Os voluntários são interessados em geral, pais e ex-alunos da escola. Não é necessário que tenham formação específica na área de educação. Dessa forma, profissionais das mais diversas áreas podem atuar como professores.

Cada um dos voluntários trabalha somente uma noite por semana no projeto e por isso não se encontram para discussões e reflexões sobre o direcionamento e desenvolvimento das aulas.

Esse quadro cria situações nas quais a mesma classe pode ter até quatro voluntários lecionando a mesma disciplina em dias diferentes, cada um desenvolvendo de forma distinta o conteúdo curricular, comprometendo, assim, o rendimento dos alunos.

Existe um espaço para reuniões mensais, com a presença de todos os voluntários, que inicialmente tinha objetivos confusos: alguns voluntários sentiam a necessidade de usar o espaço para discussões pedagógicas e outros necessitavam discutir os aspectos sociais do projeto.

Nesse contexto, tornou-se necessária e urgente a presença de uma coordenação que conseguisse articular adequadamente as disciplinas e a ação dos voluntários.

Exercendo essa função e mantendo contato estreito com voluntários e alunos, deparei-me não só com situações relacionadas às questões pedagógicas, mas também às questões referentes ao relacionamento entre corpo docente e discente.

Ao direcionar as reuniões mensais para encontros por área, nas quais os professores pudessem planejar aulas, receber orientações didáticas e falar sobre as

dificuldades encontradas no exercício da função de professor, deparei-me com as angústias de voluntários que não sabiam lidar com um público de adultos não alfabetizados. Ao se referirem aos alunos, usavam expressões como: “alunos carentes de conhecimento”, “inteligência”, “auto-estima”, “recursos”, entre tantas outras **carências**.

O discurso desses voluntários traduzia uma realidade diferente da realidade vivida por mim no dia-a-dia da escola. Eu via alunos vaidosos, sempre limpos e bem vestidos e com atitudes firmes diante de situações complicadas.

Essa contradição me fez buscar respostas para as questões relativas à visão que os voluntários têm dos adultos alfabetizando.

Sabemos que jovens e adultos que não puderam se alfabetizar quando crianças provêm de classes sociais menos favorecidas economicamente. São pessoas que precisam trabalhar durante o dia para ajudar no sustento de suas famílias e que, portanto, durante a semana têm somente o horário das aulas para dedicar-se aos estudos. Para os que têm filhos, a situação tem uma agravante: a necessidade de tempo, aos finais de semana, para estreitar a convivência familiar, o que elimina a possibilidade de aproveitar sábados, domingos e feriados para aprofundamento das questões escolares.

Uma queixa freqüente dos professores do projeto é a de que os alunos não possuem “memória de longo prazo”, pois uma semana é tempo suficiente para que esqueçam absolutamente tudo o que foi ensinado na aula anterior. Essa certeza de que os alunos não irão memorizar os conteúdos apresentados faz com que os professores superficializem esses conteúdos e infantilizem a comunicação com os alunos, como se, dessa maneira, os alunos fossem capazes de aprender mais efetivamente.

Percebe-se, assim, que se produz um aligeiramento do processo de ensino por se subestimar as potencialidades de aprendizagem dos alunos.

A concepção dos professores do projeto a respeito do aluno adulto e de classes populares me parece uma concepção ingênua, pois estabelece a imagem de um adulto ignorante em sentido amplo e absoluto; um aluno adulto como puro objeto da educação e não como sujeito dela.

Essa concepção determina a forma como o voluntário trabalha com o aluno adulto, pressupondo uma identidade para este e o não reconhecimento do sujeito concreto com o qual se trabalha.

Nessa relação, o comportamento do professor reforça no aluno a configuração de papéis que representam um aluno que não sabe, que não conhece:

“Interiorizamos aquilo que os outros nos atribuem de tal forma que se torna algo nosso. A tendência é nós nos predicarmos coisas que os outros nos atribuem.”(Ciampa-a, 2001, p. 131)”.

Baseada nessa problemática, foi se desenvolvendo a necessidade de se conhecer mais profundamente esses alunos. Saber como se constituiu social e historicamente a identidade desse aluno adulto que tem vontade de aprender, porém, estudando esse processo de constituição da identidade do ponto de vista de quem o vivencia, conhecendo a realidade interpretada pelos próprios sujeitos e os fenômenos particulares que surgem nessa realidade.

A intenção é que esse conhecimento possa ser socializado com o grupo de voluntários do projeto, contribuindo para que suas idéias se traduzam em ações que não coloquem o professor como transmissor de uma mensagem que não se modifica com as condições de tempo, lugar e de interesse dos alunos.

Pretende-se que esse conhecimento contribua para uma visão mais próxima da realidade concreta do educando, para que o esforço das partes nessa relação seja recompensado pelo uso social que os alfabetizados farão com o saber adquirido.

A história de vida desses adultos não começa e não se esgota nessa relação com a instituição de ensino, mas ultrapassa essa presença imediata e perpassa por uma teia de relações sociais que envolvem uma correspondência entre diversos significados e sentidos para um mundo que se partilha em comum.

Capítulo I

Educação de Jovens e Adultos no Brasil

A educação de adultos no Brasil existe desde os tempos coloniais e vem se manifestando das mais variadas formas e nos mais diversos ambientes, tais como instituições religiosas, locais de trabalho, famílias e de forma mais sistemática no ambiente escolar.

Segundo Paiva (1973), no período colonial, com o intuito de catequizar os adultos, os religiosos exerciam uma ação educativa ensinando ofícios e normas de comportamento. Essas ações duraram até a expulsão dos jesuítas do Brasil em 1759.

Somente no Império, com as mudanças na economia e a transformação da sociedade brasileira, começou a surgir a necessidade de escolas para adultos. Essa nova fase para a educação de adultos ainda estava muito ligada ao crescimento do sistema de ensino básico e continuou assim até os educadores começarem a reconhecer a educação como forma de difundir idéias, evidenciando seu poder político. *“Percebia-se claramente o poder da educação enquanto veículo de difusão de idéias tanto quanto o caráter ideológico da organização do ensino.”* (Paiva, 1973, p. 166)

Ainda nos estudos de Paiva (1973), percebe-se que a educação de adultos foi contemplada como direito somente na primeira constituição brasileira, que garantia *“uma instrução primária e gratuita para todos os cidadãos”*. Só uma pequena parcela da população possuía condições de cidadania no período imperial. Negros, indígenas e a maioria das mulheres ficavam excluídos desse direito garantido a todos os cidadãos brasileiros.

Essa primeira constituição, que teve forte influência européia, foi fundamental para a discussão sobre educação de adultos nas constituições posteriores.

Paiva (1973) mostra que, na primeira república, muitas reformas educacionais foram feitas, mas 30 anos depois, o censo de 1920 indicava que 72% da população acima de cinco anos de idade ainda era analfabeta.

A partir dessa época, os movimentos em prol da melhoria para a educação básica favoreceram as discussões sobre políticas públicas para a educação de jovens e adultos. Dessa forma:

“Nossas elites que já haviam se adiantado no estabelecimento constitucional do direito à educação para todos – sem propiciar as condições necessárias para sua realização -, viam agora esse direito unido a um dever que cada brasileiro deveria assumir perante a sociedade.”(Haddad e Di Pierro, 2000, p.110)

Conforme pesquisa de Di Pierro (2003), a educação de jovens e adultos – EJA - mostrou-se como problema independente a partir de 1946, com o objetivo claro de resolver questões de interesse político, mas continuou atrelada à educação básica, como uma flexibilidade dela e não como uma outra organização de sistema educacional. Sendo assim, o sistema educacional brasileiro organiza-se em dois grandes níveis: a educação básica e o ensino superior.

A educação básica divide-se em Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, tornando-se flexível para atender jovens e adultos, o que não garante a essa modalidade de ensino recursos financeiros e pedagógicos adequados a sua complexidade.

As taxas de analfabetismo no Brasil, para pessoas acima de 15 anos, vêm declinando ao longo do século XX, conforme mostra tabela abaixo:

Analfabetismo no Brasil entre pessoas de 15 anos ou mais: tendência 1920/2000

Ano/Censo	Total	Analfabetos	%
1920	17.557.282	11.401.715	64,90
1940	23.709.769	13.269.381	56,00
1950	30.249.423	15.272.632	50,50
1960	40.278.602	15.964.852	39,60
1970	54.008.604	18.146.977	33,60
1980	73.541.943	18.716.847	25,50
1991	95.837.043	19.233.758	20,07
1996	106.169.000	15.560.000	14,70
2000	119.533.048	16.294.889	13,63

Fontes: IBGE. Censos Demográficos; Contagem da População 1996.

INEP. Mapa do analfabetismo no Brasil, 2003.

Mas não podemos afirmar que essa queda resulta de políticas educacionais adequadas à população jovem e adulta. Segundo Di Pierro (2003), essa queda é fruto *“do esforço realizado em direção à universalização do ensino fundamental para crianças e adolescentes, acompanhada por programas de correção de fluxo escolar e aceleração de estudos para estudantes com defasagem na relação entre idade e série cursada.”* (pág. 7)

A Constituição assegura o ensino fundamental público e gratuito em qualquer idade, porém a oferta de serviços de escolarização para jovens e adultos ainda é reduzida e encontra-se numa situação de oferta inferior à demanda.

Para tentar equilibrar essa situação, parcerias entre governos e organizações da sociedade civil passaram a ser concretizadas já na década de 1940, mas foi num passado bem recente que essas parcerias adquiriram novos significados, incorporando diferentes grupos de atores sociais: empresas, sindicatos, cooperativas de trabalhadores, ONG's, que além de realizar cursos de alfabetização para adultos passaram também a se especializar tecnicamente para prestar serviços de pesquisa, planejamento e assessoria para os programas de EJA, oferecendo formação para alfabetizadores e produção de materiais didático-pedagógicos.

Muitas organizações comunitárias e religiosas fizeram parceria com o Estado, mas, na década de 1980, uma modalidade de parceria destacou-se na gestão do educador Paulo Freire, como Secretário da Educação do Município de São Paulo: O MOVA (Movimento de Alfabetização).

Na experiência do MOVA, as organizações da sociedade civil mobilizam os adultos não alfabetizados, buscam educadores na própria comunidade atendida e organizam os cursos de alfabetização. Em contrapartida, o município subsidia os custos do programa e se responsabiliza pela formação dos educadores. A idéia é que o movimento tenha autonomia de trabalho e possa dialogar com o município, garantindo o ingresso, no Ensino Fundamental, dos adultos alfabetizados nesse movimento.

O sucesso inicial da experiência do MOVA em São Paulo inspirou outras administrações municipais. Em São Paulo houve descontinuidade em algumas gestões, tendo sido retomado em 2001.

Algumas instituições educacionais da iniciativa privada também se sensibilizam com a situação do analfabetismo no país e sentem-se responsáveis pela mudança desse quadro. Muitas delas criam programas específicos de EJA em suas unidades, inclusive com direito a certificação para a conclusão do ensino fundamental.

Uma outra questão importante a ser considerada na educação de jovens e adultos no Brasil é a formação dos professores. Há um numeroso contingente de educadores populares que atuam voluntária ou profissionalmente em projetos desenvolvidos por igrejas, movimentos ou organizações sociais, embora saibamos que não existe no Brasil carreira específica para educadores dessa modalidade educativa, nem tampouco uma formação específica.

O que geralmente acontece é que professores do ensino regular atuam também com jovens e adultos e, na ânsia de oferecer um bom trabalho, adaptam a metodologia que usam com crianças ou reproduzem com os adultos a mesma dinâmica de ensino e aprendizagem utilizada no ensino regular.

De acordo com o Cadastro das Instituições de Educação Superior, organizado pelo INEP (www.educacaosuperior.inep.gov.br/funcional/lista_cursos.asp), dos 1306 cursos de Pedagogia existentes no Brasil em 2003, apenas 16 deles (1,22%) ofereciam habilitação específica para a modalidade “educação de jovens e adultos”. Desse modo, nota-se um grande déficit de profissionais de educação com formação inicial adequada para atuar com essa população.

A falta de formação específica, somada ao número de atuantes não-educadores, mostra que a formação dos educadores de EJA representa um desafio que vem impulsionando ONG's e universidades na busca de soluções para os problemas expostos.

O Governo Federal financia alguns programas importantes para a educação de jovens e adultos. A saber:

- PLANFOR (Plano Nacional de Formação e Qualificação Profissional), criado em 1995, com o intuito de ampliar e diversificar a oferta de educação profissional.

- PRONERA (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária), criado em 1998, com o objetivo de oferecer educação aos jovens e adultos assentados em comunidades rurais.

- PAS (Programa Alfabetização Solidária), criado em 1996, destinado inicialmente à população jovem dos municípios das regiões Norte e Nordeste, estendeu-se as outras regiões do Brasil e sua metodologia foi levada ao Timor Leste e também a países africanos de língua portuguesa, como Angola, Cabo Verde e Moçambique. O Programa Alfabetização Solidária consiste em uma campanha de alfabetização que estabelece parcerias entre os governos Federal e Municipal, empresas, organizações da sociedade civil e instituições de ensino superior.

- Programa Recomeço, criado em 2001, para apoiar com recursos financeiros alguns estados das regiões Norte e Nordeste e vários municípios de regiões com baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).

- Programa Brasil Alfabetizado, criado em 2003 pelo Governo Federal, com o objetivo de superar o analfabetismo no Brasil. É um programa coordenado pelo Ministério da Educação, que firma convênios com instituições interessadas, viabilizando recursos e avaliando as ações dos conveniados. Conta com parcerias de governos estaduais e municipais, universidades e ONGs. Difere das demais ações por não se apresentar como campanha, mas como uma política pública, com recursos específicos para esse fim e preocupação com a formação dos educadores envolvidos. Possui uma meta ousada de erradicar o analfabetismo no Brasil, que em 2003 atingia 16 milhões de pessoas acima de quinze anos, conforme dados do IBGE.

Apesar de todas essas iniciativas, notamos que o que move os diversos movimentos a continuar lutando pela educação de jovens e adultos com qualidade é a consciência de que, ainda que a EJA tenha uma história recente no Brasil, desde meados do século XX, essa questão tem tomado parte, em alguma medida, da agenda política nacional e que o conceito de alfabetização vem sofrendo alterações muito importantes.

Hoje já não se considera alfabetizado o adulto que sabe ler e escrever num nível rudimentar, codificando sons e letras. A concepção que orienta a maioria dos trabalhos com educação de adultos hoje baseia-se nas pesquisas e estudos sobre letramento, sobre o conjunto de práticas sociais relacionadas ao uso da escrita na sociedade e ressignifica o conceito de alfabetização, referindo-se não apenas ao saber ler e escrever, mas principalmente ao saber usar a leitura e a escrita em diferentes situações.

Capítulo 2

Identidade

A perspectiva teórica de identidade escolhida para fundamentar este trabalho foi elaborada por Ciampa (2001-a).

Segundo ele, a identidade se configura por meio de um processo que se inicia no nascimento, quando o bebê recebe um nome, escolhido pelos pais. Esse momento evidencia que a identidade se constitui pelas relações sociais.

Esse processo vai acontecendo conforme as relações sociais estabelecidas pelo sujeito, pois a estrutura social determina padrões que serão subjetivados pelos indivíduos.

O nome recebido pelo recém-nascido é a representação de uma identidade que está se constituindo, incorporando expectativas, valores, condições sociais.

Inicialmente, no espaço do lar, o nome será suficiente para identificar aquele sujeito, mas ao ampliar suas relações serão necessários outros elementos para que a identificação do indivíduo aconteça. Esses elementos podem fazer parte da realidade imediata e objetiva do sujeito: idade, sobrenome, endereço etc., ou podem ser elementos de caráter subjetivo.

Ao mesmo tempo que o sujeito se diferencia ao manifestar características próprias, também se iguala ao grupo em que vive por fazer parte de uma mesma realidade social. Essa dialética da igualdade e da diferença vai se tornando palco para a história de vida do sujeito.

Um adulto quando assume o papel de alfabetizando já está mudando algo em si, em busca de outra atividade e papel social (ser aluno) e de uma outra condição de ser no mundo; afinal o indivíduo é aquilo que ele faz.

O que o adulto sabia até então sobre si é negado quando ele se transforma em aluno alfabetizando. Essa negação remete a Ciampa (2001-a), quando diz que (...) *“identificar também é confundir, unir, assimilar. Ora distingue, diferencia; ora confunde, une, assimila. Diferente e igual.”* (p.137)

São vários alunos numa mesma sala de aula, que se diferenciam pelo nome. O número no diário de classe também distingue um aluno do outro. Ao mesmo tempo, fazem parte de um grupo que representa uma série, módulo ou fase de alfabetização e por isso passam a ser iguais.

Essa dialética da diferença e da igualdade aparece em muitos momentos e em diferentes situações, uma vez que ela é a base do processo de constituição da identidade.

Sempre identificamos alguém com uma representação de conotação estática, desconsiderando dois aspectos: a atividade que antecede o que o sujeito representa naquele momento e as mudanças que ocorrem a todo o momento na vida desse sujeito. Essa representação se realiza e se manifesta por diferentes expressões, que cristalizam uma imagem de alguém que **é** e não de alguém que **está sendo**. Ciampa observa que:

“Nossa linguagem cotidiana tem dificuldades de falar do ser como atividade – como acontecer, como suceder. Acabamos por usar substantivos que criam a ilusão de uma substância de que o indivíduo seria dotado, substância que se expressaria através dele. (Ciampa-2001a, p.133)

Isso ocorre freqüentemente quando tratamos da questão “identidade de um aluno”, pois concentramos nosso olhar no papel representado por ele na instituição em que estuda. Pensamos em alguém que tem um nome, um número na caderneta de chamada, um comportamento supostamente comum do momento em que atravessa o portão de entrada até o momento em que sai da escola. Essas informações são suficientes para pensarmos no aluno no âmbito institucional, pois são representações da identidade dele, porém insuficientes para entender o conjunto, a complexidade do processo de constituição da identidade desse aluno.

“Ao dar o nome a alguém, ao chamar alguém de uma maneira, torno esse alguém determinado, isso, porém, pode me fazer esquecer o momento anterior em que esse alguém se tornou presente para mim (...)” (Ciampa-2001a, p.132)

Um adulto num curso de E.J.A. está sendo aluno nesse espaço físico e nesse momento de sua vida, mas ao mesmo tempo constitui-se também de outros papéis e personagens dentro e fora da escola.

Esses vários papéis são representados simultaneamente e vistos com frequência como definitivos, quando na realidade podem ser representações temporais.

Agnes Heller (2000) diz que “o *aparecimento de estereótipos dificulta extraordinariamente as tarefas do conhecimento dos homens*” (p. 92). Essa afirmação parece bastante adequada em situações nas quais nos deparamos com alunos adultos e não alfabetizados que têm ignorada sua trajetória de vida, o que pode contribuir para cristalizar seu papel de aluno adulto analfabeto.

Ao percebermos como cristalizado esse papel, ignoramos o fato de que a personagem que o vivencia naquele ambiente está articulada com várias outras personagens que vivenciam outros papéis em outros momentos e que permanecem, desaparecem, progridem ou regredem conforme os movimentos de sua trajetória de vida; ao ignorar esse fato, reproduzimos uma identidade e a determinamos como definitiva, gerando o que, segundo Ciampa, pode ser chamado de identidade-mito.

A identidade-mito contrapõe-se à identidade-metamorfose por impossibilitar a superação de contradições.

Quando anteriormente falamos sobre a articulação da diferença e da igualdade no processo de constituição de identidade, estávamos falando de uma contradição que é superada a todo o momento e que faz parte desse processo.

Quando a identidade-mito faz com que o indivíduo se manifeste como um ser permanente e estável, rejeitando as inevitáveis transformações que ocorrem com o ser humano, ele se depara com a mesmice.

A mesmice é a insistência do indivíduo em continuar a repor uma identidade que se constituiu em algum momento de sua vida; é a insistência em ignorar as mudanças e a todo o momento mostrar-se como uma repetição, uma reposição.

Mas a mesmice não está apoiada apenas na tentativa voluntária do indivíduo em manter uma identidade. Muitas vezes, por diferentes contingências, um sujeito é impedido de superar as contradições, por ser submetido a situações que reforçam a manutenção de uma identidade determinada.

Um adulto analfabeto que, ao chegar à escola, encontra professores que possuem uma imagem pré-estabelecida dele, acaba reproduzindo sua identidade de analfabeto, ignorando a transformação que está ocorrendo desde o momento em que decidiu procurar uma escola.

Essa afirmação remete ao Projeto Ilha de Vera Cruz, que, no início de suas atividades, atendia um grupo pequeno de alunos, oriundos da mesma comunidade e que possuíam uma rotina comum.

Formou-se entre os voluntários uma imagem da identidade desses alunos que se cristalizou. Uma identidade que foi atribuída a eles, desconsiderando sua constituição e o movimento do próprio Projeto, que passou a atender adultos de outros bairros e comunidades, possibilitando o estabelecimento de novas relações entre eles.

Na medida em que a identidade desses alunos é pressuposta pelos voluntários, seus comportamentos vão sobrevivendo e caracterizando a relação professor-aluno.

Nessa relação percebe-se um grau forte de submissão dos alunos em relação aos voluntários, pois os alunos agem de acordo com a forma com que são tratados, ou seja, num ritual em que o professor “sabe”, pois não lhes faltaram condições e oportunidades, enquanto os adultos analfabetos “não sabem” e precisam aprender a reproduzir conhecimentos e condutas corretas. Nesse processo, retiram o caráter de historicidade da identidade desses alunos, que acabam interiorizando a personagem que lhes é atribuída (adulto analfabeto) e se identificam com ela, permanecendo no que chamamos anteriormente de *mesmice*.

Para deixar de repor uma identidade pressuposta é necessário que o indivíduo seja movimento, processo. Seja metamorfose.

Isso implica transformar-se, “(...) *fazer-se outro para então retornar a si mesmo (outro outro)*”. (Ciampa-b, 2001, p. 70)

Fazer-se outro é entrar num processo de reconstrução de quem somos. Os significados construídos na escola somados a outros significados a que um indivíduo é exposto em outros ambientes desempenham um papel na contestação ou na confirmação da identidade que foi construída até então.

Se considerarmos aqui a relação do indivíduo com a escola e como essa pode e deve respeitar as outras relações vividas pelo indivíduo, entenderemos que a metamorfose se faz com a mediatização das experiências sem a superposição de uma sobre a outra. Assim, compreender o processo histórico de constituição da identidade do aluno adulto alfabetizando é uma das condições necessárias para que se possa planejar e realizar um projeto pedagógico adequado à realidade concreta desses alunos.

Capítulo 3

A Pesquisa

O Projeto Ilha de Vera Cruz, quando iniciou suas atividades com E.J.A., procurou atender, preferencialmente, os moradores das caixarias, sendo que a maioria do corpo discente, na ocasião, trabalhava ou morava nelas.

Com o passar do tempo, a realidade do projeto transformou-se e o Ilha de Vera Cruz passou a receber alunos de todas as regiões de São Paulo e Grande São Paulo, moradores ou não de favelas. No entanto, a representação que os voluntários do projeto têm dos alunos reproduz uma imagem que corresponde a esse período inicial, em que todos os alunos se conheciam, trabalhavam juntos e moravam no mesmo lugar.

Essa imagem reflete as expectativas do voluntário em relação ao aluno e serve de base para suas atitudes em sala de aula. Os alunos tendem a corresponder a essa imagem, reforçando essas atitudes e fechando o círculo.

Partindo desse quadro, esta pesquisa pretende investigar o processo de constituição de identidade dos alfabetizandos do projeto, como forma de compreender, por meio de sua história de vida, a realidade social, econômica, cultural e, sobretudo, psicológica desses alunos.

Estudar a constituição da identidade dos alunos de E.J.A. implica compreender as relações sociais que a fundamentam, os papéis e personagens estabelecidos, as possibilidades de transformação desses sujeitos, considerando principalmente o acesso à escolarização.

É necessário considerar também que os voluntários do Projeto Ilha de Vera Cruz, a partir de suas ações, constituem-se em fatores identitários significativos.

Dessa forma, compreender os valores, desejos e expectativas de pessoas que buscam a educação escolar na fase adulta significa investigar como essa pessoa se constituiu historicamente (passado), como vem concretizando sua identidade (presente) e quais as possibilidades vistas por esse indivíduo para sua emancipação (futuro).

O conhecimento desses diferentes momentos pode ser uma grande contribuição para a ação educativa dos voluntários do projeto, uma vez que nem todos são educadores e demonstram que o conhecimento que possuem do público

atendido restringe-se à caracterização da clientela, com informações básicas sobre idade, frequência anterior à escola, contato com leitura, necessidades do uso da escrita no trabalho etc., e pouco sabem a respeito do que pode causar a motivação ou rejeição desses alunos ao processo de alfabetização. Pouco sabem dos motivos que levaram esses alunos a procurar a escola.

Procedimentos metodológicos

A pesquisa foi elaborada em duas etapas. A primeira consistiu na aplicação de um questionário⁴, cujos dados têm como objetivo mostrar indicadores gerais sobre o perfil dos alunos do projeto.

Nessa primeira etapa, o questionário, que foi aplicado para os alunos regularmente matriculados no Projeto Ilha de Vera Cruz, no segundo semestre de 2003, sem distinção de módulos, proporcionou uma compreensão do perfil dos alunos que freqüentavam o projeto nesse período, trazendo também elementos para a escolha dos sujeitos que participariam das entrevistas.

É importante considerar a forma e o contexto no qual os questionários foram aplicados. Sendo eu a pesquisadora e também a coordenadora pedagógica do projeto, portanto, tendo contato constante e diário com os alunos, percebi que ao serem abordados e informados de que a pesquisa não teria nenhuma relação com a escola, a maioria dos alunos se sentiu à vontade para falar de suas vidas, contando particularidades que não estavam previstas no formato objetivo das questões, suscitando trocas entre o pesquisador e o pesquisado.

Na segunda etapa da pesquisa foi realizada uma entrevista. A escolha do sujeito a ser entrevistado seguiu os seguintes critérios para atender os objetivos propostos:

- aluno pertencente ao ciclo de Alfabetização e que, portanto, não sabia ler nem escrever na ocasião da aplicação dos questionários.
- aluno com idade acima de 40 anos.

⁴ Vide anexo I

O questionário respondido pelos alunos mostrou que os mais velhos estavam concentrados nas classes de alfabetização. Os critérios para escolha do sujeito foram adotados levando-se em conta o discurso dos voluntários, que demonstravam sentir maior dificuldade em lidar com as especificidades de um aluno com idade mais avançada, tais como problemas de visão e coordenação motora.

Essa etapa do estudo, fundamentalmente interpretativa, tentou penetrar na esfera da subjetividade do sujeito, com a utilização de uma entrevista não estruturada, na qual o entrevistador procurou apreender a narrativa da história de vida do sujeito e este assumiu o curso da conversa, sem obedecer a um plano sistemático, mas guiando-se por uma questão de referência que é sua própria vida.

Muitos sentimentos permearam o momento da entrevista, que teve um caráter interativo, de forma que o conhecimento do entrevistado sobre sua história fosse reconhecido e valorizado intrinsecamente, revelado pela narrativa que ele ofereceu à pesquisadora.

Houve movimentos de reflexão de ambas as partes. O entrevistado, enquanto contou sua história, refletiu sobre ela e algumas vezes analisou, ele próprio, determinados fatos ocorridos em sua vida. O pesquisador, por sua vez, ajudou na organização da narrativa, analisou e buscou significados, respeitando os conhecimentos de quem, com muita propriedade, narrou sua história.

Foram consideradas pela pesquisadora informações obtidas também em situações informais, uma vez que sujeito e pesquisador tiveram contato diário durante todo o período da pesquisa.

Por ser a narrativa da história de vida o foco central de análise deste estudo, a cooperação obtida pelo pesquisador foi determinante na análise dos dados e evidenciou o sentido especial que a pesquisa adquiriu para o sujeito.

Capítulo 4

Perfil dos alunos: apresentação e análise dos dados

Serão apresentados neste capítulo os dados referentes aos alunos regularmente matriculados no Projeto Ilha de Vera Cruz, no segundo semestre de 2003.

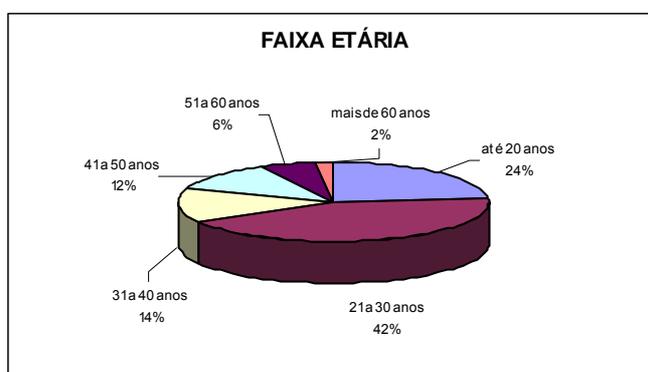
Esses dados referem-se a informações objetivas e pessoais, como idade, endereço, local de nascimento, estado civil, informações sobre trabalho, lazer etc., e informações de caráter subjetivo, como desejos e atribuição de significados e sentidos referentes a questões como trabalho e estudo.

Os dados foram coletados por meio do preenchimento de um questionário. A pesquisadora apresentou-se diante de cada um dos alunos individualmente, falou sobre o objetivo do questionário e seu caráter científico e fez as perguntas para cada um dos alunos, preenchendo ela mesma o formulário.

Esses dados foram organizados e posteriormente transformados em gráficos, com indicadores na forma de percentuais. Seguem abaixo os referidos dados.

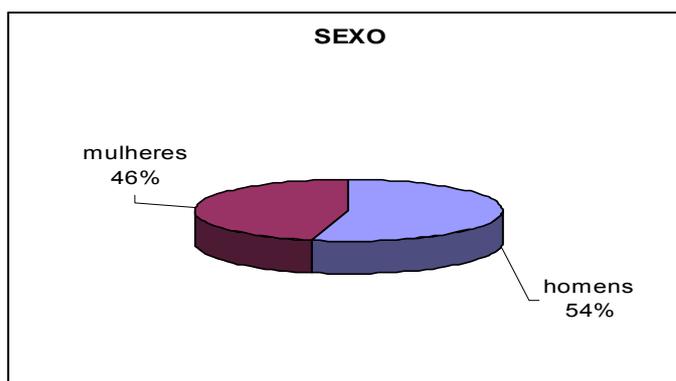
5.1 Faixa etária

A maioria dos alunos encontra-se na faixa etária de 18 a 30 anos (até 20 anos, 25% e de 21 a 30 anos, 42%; perfazendo um total de 67% de alunos nessa faixa etária). Os 33% restantes possuem idades variadas e bem distribuídas, sendo que somente 2% dos alunos possuem mais de 60 anos. Foi constatado que os alunos mais velhos estão concentrados nos módulos de alfabetização.



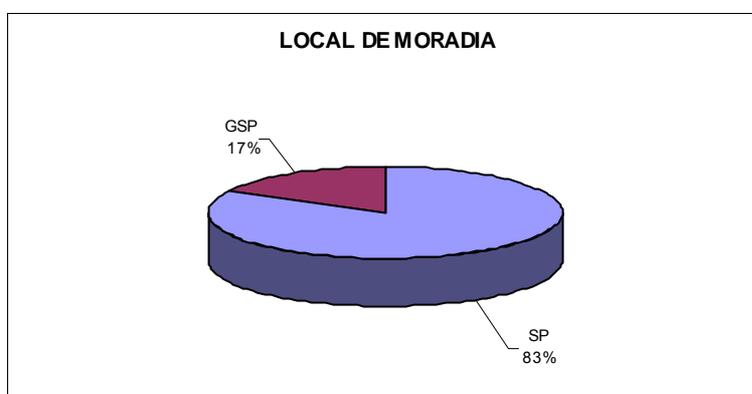
5.2 Sexo

São 54% o total de homens matriculados e 46% de mulheres, o que mostra um certo equilíbrio entre os dois sexos, embora invertidos se considerarmos a distribuição na população, em que as mulheres superam os homens em alguns pontos percentuais.



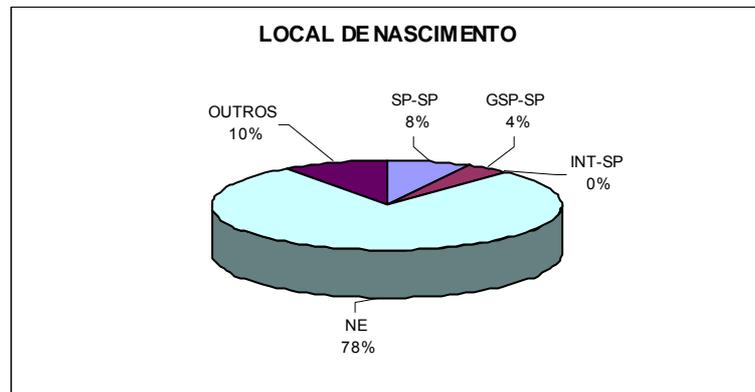
5.3 Local de Moradia

17% dos alunos moram em cidades como Osasco, Carapicuíba, Jandira e outras da Grande São Paulo; 83% deles moram na capital de São Paulo (72% no entorno da escola e 28% distribuídos em bairros das zonas leste, norte, sul e oeste). Isso mostra que a Instituição continua atendendo majoritariamente os moradores do entorno, mesmo que não sejam das caixarias, atraindo também pessoas de todas as regiões de São Paulo e da Grande São Paulo.



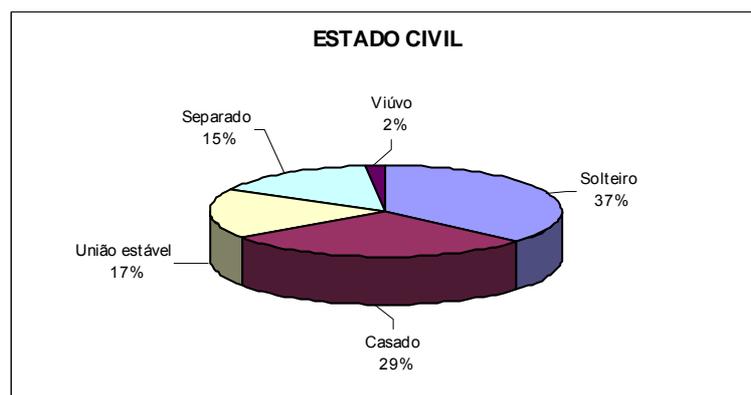
5.4 Local de nascimento

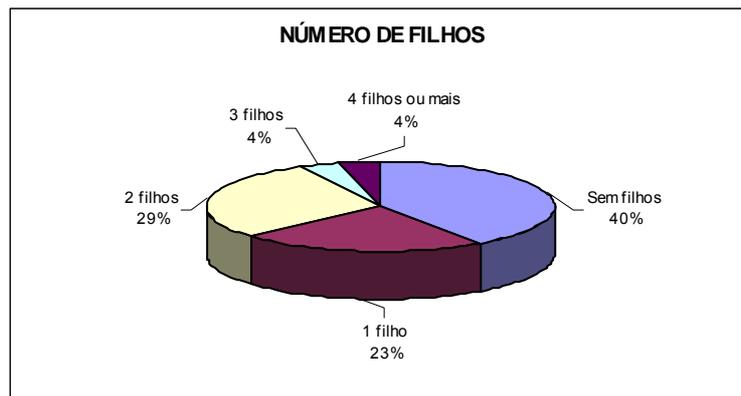
O gráfico mostra que 78% dos alunos vêm de cidades da região nordeste do país, 12% são do estado de São Paulo (8% da capital e 4% da Grande São Paulo). Somente 10% dos alunos nasceram em outras regiões do Brasil.



5.5 Estado Civil / Número de filhos

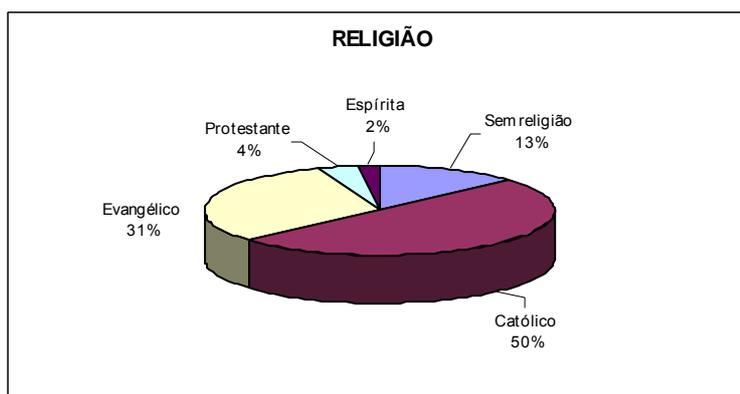
Perfazem 46% os alunos que vivem maritalmente (29% casados oficialmente; 17% vivendo em união estável) e 37% são solteiros; os demais se dividem entre separados e viúvos; 40% dos alunos não possuem filhos e os que são pais têm, em sua maioria, dois filhos.





5.6 Religião

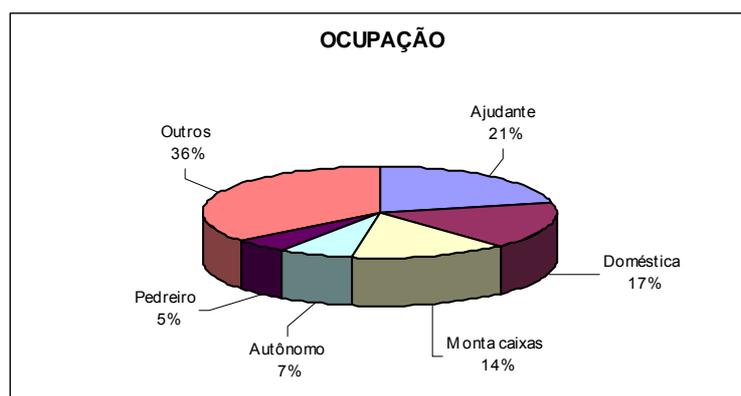
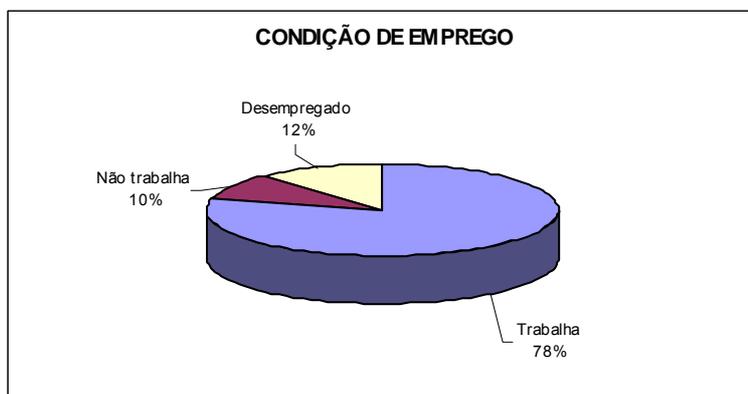
A religião que predomina entre os alunos é a católica com 50%, seguida dos evangélicos com 31%; aparecem alguns protestantes e espíritas; 13% dos alunos que disseram não ter religião afirmam crer em Deus, com respostas espontâneas.



5.7 Condição de emprego / Ocupação

São 78% os alunos que trabalham. Esse número mostra que o fato de não terem tido acesso ou condições de permanência na escola, na infância, não impediu que a maioria conseguisse se inserir no mercado de trabalho. Essa observação desconsidera as condições de trabalho e a importância de um trabalho formal e se detém somente no fato de estarem ou não trabalhando. As ocupações são bastante diversificadas, com destaque para ajudante: 21% dos alunos. Essa função tem, em sua maior parte, ligação com as caixarias, mas não se refere à montagem de caixas, que abrange 14% dos alunos. A função de ajudante está ligada ao carregamento e

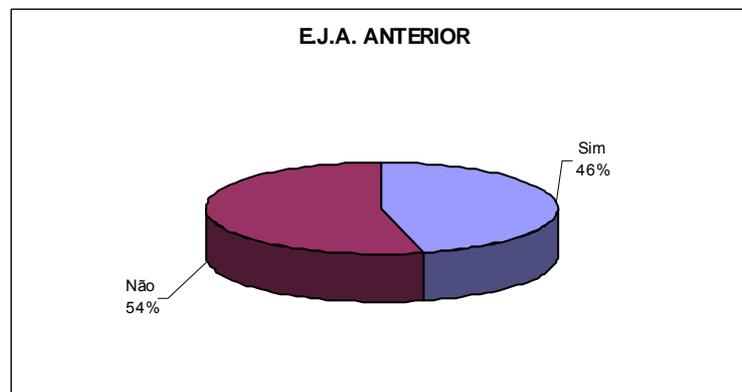
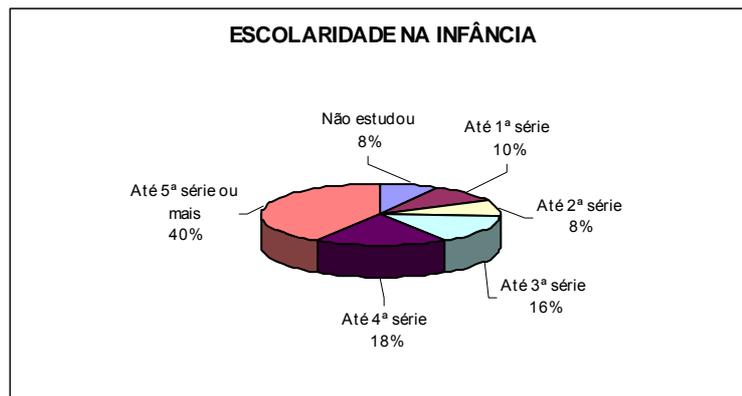
descarregamento de caminhões no Ceasa ou nas próprias caixarias. Perfazem 17% o total de alunas que trabalham como empregadas domésticas mensalistas; as diaristas estão incluídas nos 36% referentes a outras ocupações, pois representam um número muito pequeno de alunos.



5.8 Escolaridade

Freqüentaram a escola, quando crianças, 92% dos alunos, sendo que 42% estudaram até a 5ª série ou mais; 50% dos alunos não completaram as séries iniciais de alfabetização. Esses dados mostram que o trabalho do projeto está bastante equilibrado entre a alfabetização propriamente dita e a complementação dos estudos para a conclusão do Ensino Fundamental.

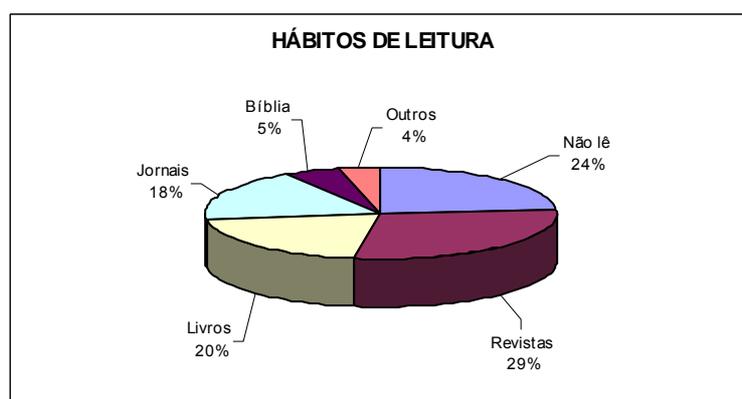
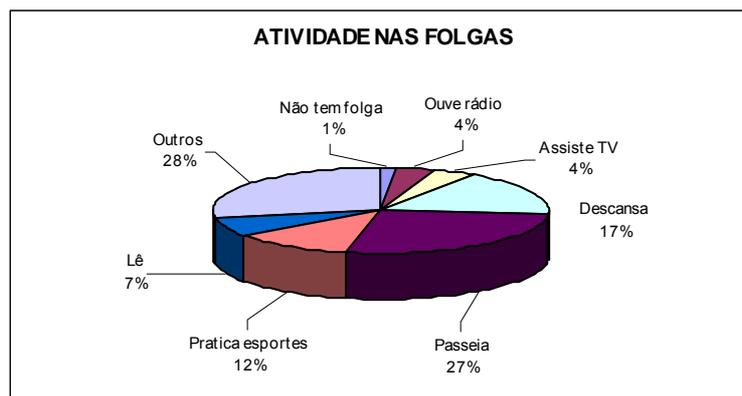
Há um equilíbrio também entre os alunos que fizeram E.J.A. antes e os que não fizeram.



5.9 Lazer / Leitura

No relato sobre o que fazem nas horas de folga, o passeio foi a atividade mais citada: 34%. Desses, a maioria citou a casa dos parentes como o lugar preferido para passear.

São 61% os alunos que disseram que possuem o hábito de ler; vários tipos de leitura foram citados: livros, revistas, jornais etc. Um percentual de 4% dos alunos informou que lê sempre placas de rua, cartazes e panfletos. Essa informação partiu das pessoas que se encontram na fase de alfabetização e isso mostra que os voluntários envolvidos com a educação desses alunos estão equivocados quando dizem que os alunos não lêem. É importante considerar a leitura como algo mais amplo que as indicações sistematizadas pela escola, reconhecendo essa prática realizada pelo aluno.



Resumindo, podemos dizer que, dos alunos que responderam ao questionário, a maioria tem entre 18 e 30 anos, o que representa um público jovem de EJA.

A maioria desses alunos reside no entorno da escola, mas não são mais exclusivamente moradores das caixarias, como acontecia no início do projeto. Um número bastante representativo de alunos é oriundo da região Nordeste do país e quase a metade dos alunos é casado, com pelo menos um filho.

A religião que predomina entre os alunos é a católica e um número significativo deles trabalha. Sem considerar as condições de trabalho e o caráter informal da maioria das ocupações, nota-se que eles não estão fora do mercado de trabalho.

Uma parcela grande dos alunos estudou quando criança e quase metade deles passou por um outro programa de EJA.

Pode-se notar que a maioria dos alunos se interessa por leitura e possui esse hábito das formas mais variadas possíveis, fazendo desde uma leitura para um fim

especifico como manuais e livros de receitas, até leituras para simples entretenimento.

Capítulo 5

Desvelando a identidade de um adulto alfabetizando: narrativa de uma história de vida.

Este capítulo baseou-se numa entrevista com um aluno adulto de 46 anos, imigrante nordestino e matriculado no curso de alfabetização de adultos desde sua fundação em 2001.

Aluno aplicado, assíduo e repleto de vontade de aprender a ler e escrever, o sujeito da pesquisa continuava analfabeto na ocasião da entrevista, mesmo tendo passado quase três anos ininterruptos no curso. Apresentou uma enorme riqueza de conhecimentos e sabedoria em sua narrativa.

Partindo da entrevista realizada, decidiu-se organizar este capítulo por temas que emergiram da própria narrativa do sujeito e que se revelaram significativos para a compreensão de sua história de vida e dos elementos determinantes da constituição de sua identidade.

Assim, serão apresentados, a seguir, os seguintes temas:

- das origens do Nordeste à chegada a São Paulo;
- os primeiros tempos de sua vida em São Paulo;
- o trabalho;
- a família e os filhos;
- a música;
- a escola;
- os sonhos;
- as oportunidades perdidas e a resignação;
- saberes e sabedoria;
- Sr. José⁵ visto por ele mesmo;
- o sentido da entrevista para Sr. José.

⁵ Nome fictício; será mantido o pronome de tratamento “Sr.”, pois esta é a maneira como a pesquisadora acostumou-se, ao longo do convívio, a tratar o personagem entrevistado.

O encontro com Sr. José foi marcado para o dia 21 de Abril de 2004, um feriado, às 9h. Ele foi pontual e mostrou-se muito preocupado com o que iria falar. Antes de começar, pediu um tempo para pensar no que iria me dizer, pois não queria me dizer “palavras feias”. Essa preocupação aparece novamente em alguns momentos de sua narrativa, como no trecho abaixo citado:

“(…) Falar as coisas, a gente tem que falar as coisas que é certo. Não pode falar palavras que desagradem. Falar palavras, tem que saber falar palavras que não é palavras feias. Tem que falar palavras bonitas, né? Agradar a pessoa.”

“(…) Estou pedindo desculpas para você porque a gente fala errado, né? Não é certo. Bom é falar correto, falar as coisas tudo certinho, explicado, para a pessoa ouvir e saber o que que a pessoa está falando. Então, eu estou pedindo desculpas para você, certo?”

- Das origens do Nordeste à chegada a São Paulo:

Sr. José inicia sua narrativa de vida de uma maneira que revela respeito e preocupação com o compromisso de ceder entrevista para um trabalho acadêmico, manifestando uma educação quase formal. Inicia definindo sua condição de imigrante nordestino:

“(…) Então, primeiramente, bom dia, Jussara. Eu não sou daqui, sou de Pernambuco. Sou lá de [nome da cidade]⁶ e faz vinte anos que eu estou aqui em São Paulo, certo?”

(...) sou lá daquele sertão lá. Lá a vida lá era lutar com o gado, trabalho em roça.”

O início de sua narrativa é muito interessante, pois aparece como uma negação: “eu não sou daqui”. Isso pode ser a manifestação do sentimento dos imigrantes nordestinos em relação a São Paulo. Apesar de serem eles uma parte significativa das pessoas que construíram e constróem a cidade, sentem-se como não parte dela, provavelmente porque as relações estabelecidas aqui sejam

⁶ Sempre que alguma referência puder identificar o entrevistado, será ela omitida.

excludentes, fazendo com que o imigrante se perceba como estranho e não como sujeito que também constitui a história da cidade, a construção da riqueza que a caracteriza, a identidade do lugar.

Sr. José pertence a uma família grande, composta por pai, mãe e doze filhos. Além do convívio com os irmãos, Sr. José cresceu cercado por primos e tios e nutre admiração por alguns membros da família.

“(...) porque nós somos em 12 irmãos. Não, doze irmãos, é. Tudo já casou, quase tudo já. Tem as minhas irmãs, quase tudo já casou. (...) das mais novas, uma estuda. Tem um bom estudo, mas não liga.”

“(...) Tem sabedoria de nascença, parte da minha família. A mãe da minha mãe foi criada no mato, (...) minha mãe se criou junto com os índios e eu tenho outro irmão meu e outra irmã minha que tem descendência de índio, né?”

“Já tem outro, outra prima minha que ela também dá aula. (...) tem um monte da minha família que tem um estudo muito bom. Das minhas irmãs quase tudo tem uma leitura boa.”

Percebe-se que em muitos momentos nos quais se refere à família relaciona o assunto à questão da educação, particularmente à “leitura”. A leitura é um assunto recorrente no relato do Sr. José.

Também recorrente é o tema trabalho, presente em sua vida desde a infância. Seu pai era bem rígido com todos e ensinou os filhos logo cedo a trabalhar com ele.

“(...) Que meu pai naq..., inda hoje ele é, mudou mais um pouco, mas antigamente, o meu pai tinha uma volta meio dura com a gente. Era eu, uma irmã minha. Era mais eu e minha irmã que sofria mais. Tudo que era mais de sofrimento era eu.”

Nem a escola Sr. José pôde freqüentar, uma vez que o pai exigia que o trabalho estivesse em primeiro lugar. O horário de início das aulas coincidia com o

horário de buscar o gado na mata. Por isso, Sr. José estudou por aproximadamente um mês e parou.

“(…) eu era pequeno naquela época. Aí não tinha tempo. Quando chegava a hora de ir para a escola tinha que catar umas vacas no curral. (…) Aí não ia para a escola. Não ia de jeito nenhum para a escola.”

“Aí você corre dentro do mato, por riba de tudo. (…) dá medo de pegar aquela rede, cortar o chocalho e trazer ele [o gado] bravo, que nunca viu um curral. Fazia isso lá no norte, por isso que eu não tenho estudo.”

“(…) porque naquela época, quando eu estava lá no Norte, eu entrei numa escola e fiquei um mês, (…)”

“(…) Agora, eu só não tenho uma leitura boa, que na época quando eu comecei, entrei na escola, eu fiquei um mês na escola.”

Um primo procurou incentivá-lo a continuar estudando. Pediu que ele se interessasse pelos estudos e não parasse. Esse foi o primeiro relato do Sr. José sobre alguém que tivesse tentado mostrar para ele a importância da escola.

“(…) tem até um conhecido meu, que é filho de uma irmã da mãe do meu pai, né? Aí eu comecei estudando e ele disse: se interessa, se interessa, se interessa pelo estudo, se interessa.”

Mas o trabalho era prioridade para seu pai. Era um trabalho difícil e perigoso. Eles tinham que levar o gado do mato para o curral, mas a maioria dos animais vivia livre e não conhecia o cativeiro, por isso resistiam muito ao serem apanhados. Ficavam bravos e tentavam fugir quando eram alcançados. Os vaqueiros, como eram chamadas as pessoas que faziam esse trabalho, precisavam ser ágeis e ter muita força nos braços para lançá-los e puxá-los. A descrição desse trabalho é feita de maneira bastante rica por Sr. José:

“ (...) tinha que catar umas vacas no curral. Meu pai mandava a gente botar um monte de vaca, botar no curral, senão o gado comia bicho.”

“ (...) Se veste de perneira, veste a perneira, gibão, chapéu de couro e tem que juntar gado nos mato, ancorado. Tem gado que nunca viu um curral na vida dele. Aí, aquele gado tem que ir para o curral. Ou dum jeito ou de outro tem que trazer ele para o curral. Se não quiser vir na manha, vir andando para o curral, tem que correr atrás e pegar, dentro da mata.”

“Aí você corre dentro do mato, por riba de tudo. (...) dá medo de pegar aquela rede, cortar o chocalho e trazer ele bravo, que nunca viu um curral. Fazia isso lá no norte.”

Esse era o trabalho que o Sr. José aprendeu a fazer desde muito cedo. Antes mesmo de ter agilidade e força necessárias para cumprir a tarefa.

(...) eu era pequeno, não tinha força de segurar, tinha doze, treze anos, mandava eu pegar um animal bravo e montar bravo. Uma vez ele mandou eu montar num cavalo bravo, eu quase me mato no cavalo, comigo”.

O pai do Sr. José fazia esse trabalho há muitos anos e o sustento da família era proveniente dessa atividade. Ele queria garantir a sobrevivência dos filhos ensinando esse ofício.

Era como se ‘trabalho’ se resumisse naquilo que ele sabia fazer e que exigia que os filhos fizessem.

Mas, os interesses do Sr. José passavam distantes daquela realidade. Ele se interessava por música. Com seus primos, construía instrumentos musicais nas horas em que não estava trabalhando com o pai. Eles mesmos confeccionavam os instrumentos com os materiais que encontravam: cabaças, latas vazias, borrachas etc.

“ (...) eu pegava uma cabaça, abria a cabaça no meio. É, eu abria a cabaça no meio e pegava uma liga. (...) cortava aquelas ligas. Aí botava um monte, botava uma liga assim, outra assim, outra assim. Aí botava uma nessa e outra nessa. (...) aí ajuntava os meninos tudo,

pegava e dançava no terreiro. (...) Inventava isso e tinha outro colega meu, que ele pegava uma lata e ficava batendo numa lata, né? A invocação era grande”.

Vários parentes do Sr. José, como muitos habitantes do sertão nordestino, gostavam de música; assim, essas brincadeiras foram aproximando Sr. José dos parentes que tocavam algum tipo de instrumento. Ele entusiasmava-se cada vez mais com a música e tomou um gosto todo especial por um instrumento específico, a “sanfona”. Entretanto, ele não possuía o instrumento e tampouco perspectiva de conseguir adquirir um.

Seus primos mais velhos, que tinham o instrumento musical, não o deixavam tocar e o Sr. José foi acalentando o sonho de, um dia, comprar uma sanfona. O interesse cresceu a ponto de ele pedir para o pai, mas não teve nenhum apoio. O pai não compreendia o interesse pela música como um caminho profissional nem como uma atividade simplesmente prazerosa. E dizia:

“ (...) não, não é dar sanfona para você não, que quem aprende a tocar sanfona não tem coragem de trabalhar não.”

“ Esse negócio de sanfona, hoje eu sou unido em sanfona, porque quando eu era pequeninho tinha um primo meu que tocava. Parte da minha família tem uns que rodam, que são caminhoneiros, que roda na estrada direto e os outros quase tudo toca. Minha família quase tudo toca, quase tudo.”

Sr. José foi crescendo com uma certa frustração e percebendo que aquele espaço em que ele vivia não estava permitindo a realização de seus desejos. Começou a acalentar um outro sonho: ir embora dali. Ir para algum lugar onde pudesse se libertar, onde pudesse “ganhar o mundo” e não ser subtraído por ele. Um lugar onde sua liberdade não fosse tolhida. Queria conhecer outras pessoas, outros lugares, outras possibilidades.

“ (...) se meu pai naquele tempo compra um instrumento para mim, oxa! Hoje eu era outro na minha vida. Não vivia [palavra ininteligível] aí na vida não, vivia não. (...) aí eu dizia

para minha mãe: quando eu crescer mais um pouquinho, pegar meus documentos, eu vou embora daqui, vou embora, sumir no meio do mundo, não dou notícia para ninguém.”

Só com sua mãe Sr. José conseguia falar sobre seus sentimentos e interesses. Em relação à música, ela o encorajava. Conseguia enxergar naquele interesse uma outra possibilidade de escolha na vida do filho. Enquanto o pai relutava em comprar um instrumento para o filho, a mãe dizia:

“(…) Tss, dá uma sanfona para o menino. Quem sabe se, se der uma sanfona para ele, aí ele não vai ser outra coisa na vida.”

Mas em relação à vontade do Sr. José de se mudar de Pernambuco, ela não apoiava. Não acreditava que essa seria a solução para ele. Tinha receio de que o filho sofresse estando longe da família e que não encontrasse ninguém que o protegesse.

“(…) meu filho, você sabe que a pessoa que ganha o mundo não arruma nada de bom. Mãe não arruma não, mas pai arruma todo dia.”

Essa fala remete à figura de um pai autoritário, reafirmando o que o Sr. José já havia construído na relação com seu pai.

“(…) mas antigamente, o meu pai tinha uma volta meio dura com a gente. Era eu, uma irmã minha. Era mais eu e minha irmã que sofria mais. Tudo que era mais de sofrimento era eu.”

“(…) aí fiquei em casa , trabalhando lá, ajudando meu pai, ajudando, ajudando. (...) Meu véio (sic) falou:

— O quê? Tu não é besta de querer ir embora daqui.

Oh! Ele me deu outra dura.”

Sr. José foi crescendo assim, trabalhando com o pai, pensando em música e acalentando o desejo de mudar de vida, até que, ao completar dezoito anos, alistou-se no serviço militar.

Lá conquistou a simpatia das pessoas e rapidamente descobriu uma forma de minimizar o sofrimento por não ter sua sanfona, a frustração por ficar longe da música. Começou a bater caixa no ritmo da marcha dos soldados.

“(...) sabe o que eu fui fazer dentro do exército? Bater caixa: pá, pá, pápápumpum. E os outros marchavam.”

“(...) tamborzão de estudante. Eu batia em dois tempos, dois tempos mesmo. O cara não sai marchando? Então, se bate: dois é um passo, dois passos e meio. (...) Batia a caixa eu e o outro, o outro trabalhando.”

Ficou no quartel um ano e resolveu pedir baixa depois de mais uma frustração. Numa de suas folgas, pediu para que um primo lhe emprestasse a sanfona. O primo propôs uma troca: ele emprestaria a sanfona, desde que Sr. José fizesse um trabalho para ele. Sr. José teria que limpar um pedaço de terra, tirando todo o mato. Era um terreno grande; ele aceitou, tamanha era sua vontade de tocar. Passou o dia todo limpando o terreno e quando foi à casa do primo pegar o instrumento, ele não estava lá e nem havia autorizado que a sanfona fosse entregue a ele.

Sr. José ficou muito triste. Foi mais que tristeza, foi uma grande frustração. Decidiu que um dia compraria uma sanfona para ele.

“(...) e me deu uma tristeza em mim, rapaz. Mas eu saí triste! (...) um dia eu ainda compro uma para mim. Um dia ainda compro uma, vou comprar. (...) Aí foi na hora que eu fui lá para o quarto, aí fiquei lá, pensando na invocação, invocação. Aí pedi para sair. Dei baixa para sair, não quis ficar.”

Ao tomar a decisão de sair do quartel, Sr. José tinha em mente a idéia de se mudar de lá, de ir para uma cidade maior. Ele sabia das dificuldades que teria que enfrentar e pensava no fato de que ainda não sabia ler nem escrever. O capitão, quando soube de sua decisão, quis persuadi-lo a ficar no quartel. Falou da importância da relação que ele havia estabelecido lá dentro e da necessidade de estudar. Esse foi o segundo relato de alguém que o incentivou a estudar, que mostrou a importância dessa iniciativa.

(...) “Ah! Só sei assinar meu nome mal. Não tenho uma leitura boa. Eu ir para essas cidades grandes, São Paulo, tem que ter uma boa leitura. Sem estudo não vale nada. Foi que nem o capitão falou para mim: José, você aqui dentro do quartel é uma pessoa muito querida aqui dentro, educado. Só está faltando você estudar. (...) depende você querer. Por que você quer sair daqui? Todo mundo gosta de você aqui. Você vai estudar, vai aprender um monte de coisas aqui dentro. Vai ficar aqui. Não tem precisão de você sair daqui.”

Mas Sr. José já estava decidido. Ficou ajudando seu pai até que combinou com um primo caminhoneiro de viajar para São Paulo. Não contou nada para o pai porque sabia que ele tentaria impedi-lo, mas falou para sua mãe. Ela quis desencorajá-lo, mas não conseguiu. Sr. José arrumou sua mala, pegou sua bicicleta e foi encontrar-se com o primo. Antes de concretizar seu plano de viagem, ainda teve contato com um tio, que questionou sua partida. E mais uma vez o assunto “escola” entrou em evidência. O tio quis entender em que condições o sobrinho iria para um lugar estranho, como se manteria.

“ (...) — Olha meu tio, vou deixar essa bicicleta aqui, que hoje eu estou viajando.

— Você vai para onde?

— Vou para São Paulo.

— Você vai com quem, meu filho? (...) Mas você vai para a casa de quem, meu filho?

— Não, vou para a casa de um colega meu, que ele, eu estou com o endereço dele direitinho, eu vou...

— Mas você pensa que andar no mundo é assim? Tu não tem estudo.

— Não, mas quando eu chegar lá em São Paulo eu vou entrar numa escola e vou aprender, vou aprender.”

É interessante a recorrência do assunto relacionado à escola, estudo e saber ler; numa situação como a descrita por ele, as preocupações devem ter sido de várias ordens, mas é como se ele elegeesse um tema para relatar: a escolaridade. Pode ser que isso se deva à condição da pesquisadora, que pertence ao espaço escolar.

E foi assim que Sr. José saiu de Pernambuco em busca da realização de seus sonhos. Falou com seu primo que era caminhoneiro.

“(…) Aí, tinha uma primo meu que ele viajava direto, caminhão. Aí eu falei para ele: [palavra ininteligível] tem coragem de me levar para São Paulo? ‘Depende você querer. Quer ir hoje?’”

Sr. José começou a arrumar suas coisas. Arrumou sua mala, separou alguns pertences que não seria possível levar consigo e pediu para seu tio entregar esses pertences para os irmãos. Sr. José não se despediu dos irmãos, mas pediu para que seu tio contasse para eles o destino que ele havia traçado para si.

“(…) Eu tinha umas coisinhas minhas, né? Tinha bicicleta, tinha um monte de coisinha aí para vender. Aí, deixei de lado, nem vendi. Aí, quando [palavra ininteligível] voltou, eu arrumei umas malinhas, arrumei minhas roupas, pus dentro das malas.”

“(…) Olha, meu tio, vou deixar essa bicicleta aqui, que hoje eu estou viajando. (...) É, eu vou deixar a bicicleta com o senhor, o senhor entrega para, para os meus irmãos que chegar aí. Fala que eu viajei, peguei o caminhão e caí no mundo.”

- Os primeiros tempos vivendo em São Paulo

Chegando a São Paulo, Sr. José deu-se conta de que estava sozinho... que a partir daquele momento sua vida seria outra.

Ao se ver ali no meio de rostos que não eram familiares, num lugar que não conhecia, pegou o pedaço de papel que levava com o endereço do amigo e a primeira necessidade que sentiu, misturada com todas as emoções daquele momento, foi a necessidade da leitura.

“ aí, desci com aquela malinha, sozinho e Deus. Não conhecia ninguém, ninguém, ninguém, ninguém. Placa? Ler uma placa? Como é que eu ia ler aquela placa? Sabia um pouquinho assim.”

Chegando ao local que procurava, onde residiria um amigo, Sr. José saiu andando pela rua, tentando identificar o número que buscava; quando o localizou, descobriu que seu amigo não morava mais lá. Ficou um tempo ali, parado, refletindo sobre sua situação. Pensando em que atitude tomar.

“(...) aí eu saí olhando os números. Eu passei na rua direto, até o fim. Não estava. Número eu conhecia. Fui e achei o número. Quando eu cheguei na casa, o cara não mora mais lá.”

“(...) já eram seis e meia da noite. Aí eu falei, e agora? Que eu faço? Sozinho aqui, sem conhecer ninguém. Dinheiro eu tinha um pouco ainda.”

Sr. José avistou um bar e foi se aproximando, tentando organizar suas idéias. Olhou para a pessoa que estava no bar e achou que ele tinha aparência de nordestino. Essa impressão o encorajou a se aproximar mais. Foi, porém, o dono do bar que iniciou a conversa, perguntando de onde o Sr. José estava chegando. Percebendo a insegurança dele, o dono do bar sugeriu que o Sr. José estivesse fugindo do exército.

Essa suposição preocupou o Sr. José sobremaneira. Ele imediatamente tirou seus documentos e, num gesto seguro de quem dá um significado muito importante para eles, respondeu que estava procurando um amigo.

“(…) — aí o cara falou assim, olhou para mim e disse:

— Tu vem da onde (sic)?

— Não, estou chegando de viagem.

— Rapaz, você está com jeito de cara que nem está fugindo, rapaz, do exército. Cuidado, que os caras aí estão pegando cara que foge do quartel, viu?

— Não, meu amigo. Que é isso?

Aí tirei os documentos e mostrei para o cara. O cara lá da Paraíba.”

Sr. José contou que estava procurando por um amigo e mostrou o endereço, mas o amigo havia se mudado para um outro bairro de São Paulo, próximo ao Ceasa. O dono do bar, num gesto generoso, convidou Sr. José para passar aquela noite ali.

“(…) mas se for por isso, você pode ficar aqui a noite com nós. Pode ficar a noite aí com nós aí, que a gente dorme por aqui e passa a noite com nós aqui.”

Sr. José, sem ter alternativas, concordou.

“(…) Tudo bem. Aí peguei a malinha e entrei, né? Fiquei por ali.”

Sr. José estava tímido, mas foi muito bem recebido pelos filhos e demais parentes do dono do bar. Todos tentaram entrosá-lo com a família. Conversaram, o convidaram para sair, fizeram perguntas.

“(…) — aí já chegaram chamando eu para sair, para ir não sei para onde. Eu digo: não, cheguei agora do Norte. E eles insistiram:

— Não, mas vamos com a gente, vamos com a gente. (...) Não, rapaz! Tu está em casa, rapaz. Que é isso, rapaz?”

Uma das garotas da família perguntou ao Sr. José se ele sabia ler. Ele explicou que só sabia assinar seu nome e a garota prontificou-se a ensiná-lo a ler e escrever. Em São Paulo, foi o primeiro incentivo relativo à escola que ele recebeu. Mais uma vez, numa situação provavelmente cheia de assuntos, Sr. José elege o tema “leitura” para oferecer em sua narrativa.

“(…) — Mas você vai ficar aqui com nós? Fica aqui com nós toda a vida.

Perguntou se eu sabia ler, a menina, olha? Menina deste tamanho. Sabida! Eu falei que assinava o nome, né?

— Fica aqui que nós te ensina a ler”.

O dono do bar gostou do Sr. José e, num gesto pouco comum em São Paulo, ofereceu emprego para ele no bar, combinando que ensinaria todo o trabalho. Essa generosidade, típica do povo nordestino, estava muito presente no Sr. José também.

“(…) Aí, tomei amizade com ele lá. Aí, foi quando no outro dia, o véio (sic) me chamou lá dentro:

— Oh! Gostei do teu jeito. Você tem jeito de uma pessoa muito boa. Quer trabalhar com nós aqui? Vou ensinar você trabalhar no balcão aí, ó.”

Ele reconhece o quanto foi importante o encontro com essa família.

“(…) aí fiquei trabalhando nesse bar um monte de tempo. Foi sorte minha de ter achado assim, essa pessoa, viu?”

Sr. José reconhece e valoriza a solidariedade no gesto do dono do bar. Em vários momentos de sua narrativa, ele reitera a crença na ajuda mútua, na solidariedade, na capacidade de se colocar no lugar do outro e participar das dores e das alegrias do próximo, ainda que nem sempre tenha como retorno a gratidão, como no caso citado abaixo.

“(…) Nós estamos na terra para ajudar os próximos irmãos. Que é nós. Sou teu irmão, você é minha irmã. Então, nós somos irmãos do outro. Já tem certas pessoas que pensa, que só pensa nele, só pensa em si. (...) Às vezes ele acha que não vai acontecer nada com ele, mas não é, a gente tem que lembrar dos próximos irmãos para, quando cair numa, não, vou precisar de fulano, de fulano, eu tenho a certeza que se eu precisar deles, eles vão me ajudar, dar uma mão para mim.”

“(…) Aí, eu com dó de um cara, tá certo que não vale nada, você ajuda a pessoa, nem que a pessoa seja (sic) lá o que ele for. Pode ser uma pessoa mal, pode ser o que for, mas sempre dê uma mão.”

“(…) eu perdi o serviço por causa dele. Aí, eu também não liguei não, não liguei não. Isso aí é uma coisa que eu nem liguei. (...) O que aconteceu eu não fiquei com raiva dele. Só falei que Deus ajudasse a vida dele e pronto. Se ele precisar de mim outra vez, eu ajudo.”

“(…) Falei para ele: Oh! Ele chama Pereira⁷, o nome dele. Venho a dizer: Oh! A gente não faz isso com as pessoas não, rapaz. Quando você vê a pessoa, dá a mão para a pessoa, agradece, agradece que é muito bom encontrar as pessoas que ajudam o outro.”

Voltando à família que o acolheu e à oferta de trabalho, Sr. José o aceitou e mostrou que havia adquirido muitas habilidades ao longo de sua vida, especialmente no período em que esteve no quartel.

⁷ Nome fictício. Todos os nomes serão substituídos para garantir o anonimato das pessoas citadas.

“(...) aprendi um monte de coisa lá no, aprendi no, quando você entra para o exército aprende a fazer um monte de coisas, fazer comida, fazer tudo no mundo.”

“(...) Oxente! Demorou... eu sabia um monte de coisa já. Aprendi lá no Norte.”

O tempo foi passando e um dia Sr. José sentiu vontade de sair num domingo para passear sozinho. Foi alertado sobre o perigo de se perder na cidade, mas não se intimidou. Seu desejo de conhecer a cidade era grande. Seu desejo de conhecer, de aprender, sempre foi muito maior que seus medos.

“(...) aí, quando foi, me deu uma vontade de sair andando, um dia de domingo, sozinho.

— Oh! Não anda por aí não que periga você se perder.

— Não, pode deixar que eu me viro.

E para pegar um ônibus? Eu digo: tenho que aprender pegar um ônibus. O que que eu faço para pegar um ônibus? Aí os caras falavam: Parque Dom Pedro. Eu pensava: Parque Dom Pedro!!! Primeira letra é ‘P’. Tenho que procurar no ponto de ônibus. Chegar no ponto de ônibus, procurar, como é que eu vou pegar esse ônibus, para ir lá na Praça da Sé andar. Eu tenho que conhecer alguma coisa.

Com essa determinação, Sr. José foi até o ponto de ônibus e indagou o motorista sobre o itinerário.

“(...) aí eu falei para o moço: é porque eu sou novato aqui. Vim do Nordeste, aqui não conheço nada aqui e quero dar umas voltas aí para conhecer.”

“(...) aí entrei dentro do ônibus e fui parar lá na cidade. Aí eu andei por a Praça da Sé. Todo canto. Eh! Os caras brincando lá, tocando lá, e eu. Pronto, aí eu comecei a andar na Praça da Sé sozinho.”

Sr. José foi sozinho conhecer o centro da cidade. Visitou a Praça da Sé e vários outros pontos. Viu as pessoas nas ruas, tocando, brincando. Ficou satisfeito.

Mas na hora de voltar para casa, ficou inquieto. Carregava um papel com endereço e telefone de onde estava morando. Ali estava também o nome do ônibus que deveria pegar para voltar para casa. Ele olhava para o papel e olhava para o ônibus. Sentia tristeza por não saber ler. Mas tentava. Antes de perguntar qualquer coisa para alguém, fazia sua própria leitura. Observava. Comparava.

“(...) Agora e para voltar? Como é que eu vou fazer? Aí para voltar tinha que pegar o Vila Maria. (...) aí, eu chegava no ônibus, olhava o papel e olhava lá o nome do ônibus. Vamos ver se bate esse nome com aquele. Ah! É triste a pessoa não saber ler, viu? É muito triste! Aí eu olhava aquele nome aqui, contava as letras. Caramba! Está batendo. As letras estão todas iguais. É isso mesmo.”

Sr. José passou a fazer esses passeios todos os finais de semana e assim foi conhecendo cada vez mais a cidade de São Paulo.

“(...) Por muito tempo eu fazia isso. Aí, quando foi um dia, eu vim, andei por o Viaduto do Chá, Praça Ramos, Avenida São João. Conhecia tudo, conhecia tudo, não se perdia mais não. Comecei a andar em São Paulo assim.”

Um dia resolveu andar de metrô. Fez várias viagens de ida e de volta, sem descer do trem. Prestava atenção nos nomes das estações e se encantava com a rapidez da locomotiva.

“(...) Um dia eu peguei o metrô. O metrô foi no final, voltou. Foi no outro, voltou. Foi no outro, voltou. Foi no outro, voltou. Aí chegou o cara e falou:

— Meu amigo, você já deu quatro viagens. Já vai fazer oito viagens. Você nem desce. Está perdido?

— Não, meu amigo. É que eu vim lá do Nordeste e aí eu estou conhecendo, aprendendo a andar. (...) não esquenta a cabeça não, que eu vim do Nordeste e vai fazer poucos meses que eu estou aqui e eu estou aprendendo a andar em São Paulo porque eu não conheço nada. Não pode?

— Não, não esquenta a cabeça não. Fique à vontade aí.”

Num desses passeios, andando pela Praça da Sé, Sr. José encontrou o amigo que veio procurar em São Paulo. Foi uma grande e agradável surpresa.

“(...) aí eu vim andando na Praça da Sé, encontrei com esse colega meu. Advinha?

Encontrei de cara assim. Ele estava em pé assim, eu cheguei:

— Mas rapaz! Você aqui, rapaz! (...) fui lá no seu endereço. Você mudou. Está morando onde?

— Eu moro lá em Osasco e trabalho num restaurante. Num restaurante aqui perto do Ceasa. Você está onde?

— Eu estou lá no, no Paraíba. Eu trabalho lá no bar, mas eu quero sair de lá.

— Ah! Se você quiser vir trabalhar no restaurante eu arrumo para você.”

Sr. José se sentiu tentado, pois já estava buscando outros caminhos para sua vida. Já estava querendo outras oportunidades. Em seu relato, porém, não dá continuidade ao tema. Desse modo não fica explícita a forma como ele deixou de trabalhar no bar, como se desvinculou da família que o acolheu e tampouco se aceitou o convite de emprego do amigo.

Este relato mostra as dificuldades que passam aqueles que chegam, como migrantes, a esta cidade. Mostra também a rede de solidariedade espontânea entre aqueles que compartilham uma mesma história. Esses episódios revelam elementos importantes para a compreensão da identidade como metamorfose: um homem que chega a uma cidade estranha e se apresenta como um estranho também, mas que aos poucos vai conquistando o espaço, descobrindo as belezas, curiosidades e mazelas do lugar. Percebe-se claramente como ele chega, transforma-se num ator,

desempenhando um papel de migrante nordestino que busca defender a vida, incorporando a condição de ser e estar numa realidade distinta daquela de suas origens.

- O trabalho

Para uma pessoa que não sabe ler e chega a uma megalópole como São Paulo, complexa, estranha e nem sempre acolhedora, é necessário muita coragem para enfrentar o desconhecido. Todos que vêm de fora passam por essas dificuldades, mas sobretudo os nordestinos.

O primeiro lugar em que Sr. José se estabeleceu e recebeu acolhimento foi no bar dessa família de paraibanos. Ele teve vários outros empregos depois de se desvincular dessa família. Segundo ele, naquela época era fácil encontrar trabalho em São Paulo.

“(…) antigamente, nas épocas que eu andei, que eu vim para São Paulo, para aqui, era muito bom. Emprego era um em riba (sic) do outro. Essas fábricas daqui, aqui perto do Ceasa, do Mappin, tudo funcionava, tudo. Você chegava em qualquer firma dessa aí e arrumava emprego. Você escolhia emprego para trabalhar.”

Ele trabalhou em metalúrgica durante doze anos, como ritimista num trio musical, como autônomo no Ceasa. No período em que trabalhava na metalúrgica acumulou dois empregos. De segunda a sexta-feira trabalhava durante o dia como operador de máquina e nas noites de sexta, sábado e domingo fazia parte de um trio musical e cantava nos salões. Chegou a viajar com o grupo para fazer apresentações fora de São Paulo.

(…) “eu trabalhava numa firma, numa metalúrgica. Trabalhava com torno, torno mecânico. Eu sou operador de máquina. E à noite, sexta, sábado e domingo eu ia para o salão. (...) Eu era ritimista. Então, a gente viajava para todo canto. Ia para Casa Branca, para Mogi-

Mirim, Campinas, Aguari, aqui pertinho. Mato Grosso, Rondônia. Uma vez para o Paraná, Londrina, tudo aí.”

Sr. José foi também carregador no Ceasa, pintor de residências, pedreiro, eletricitista, encanador. Aprendeu tudo na prática, ajustando as necessidades com as oportunidades de trabalho que surgiam.

“(…) aí, quando eu termino de fazer esse serviço, aí eu pego os carrinhos de carregar e vou reformar. Que eu trabalho com madeira, né? (...) às vezes eu faço novo, mas é muito difícil um cara pedir um carrinho novo.”

“(…) Às vezes o cara me chama para fazer uma pintura numa casa, eu vou, faço.”

“(…) Aí, lá onde eu moro, lá tem um bocado de serviço lá para fazer.”

Sr. José é um homem corajoso. Além disso, em várias situações de seu relato demonstra também solidariedade. Uma dessas situações, já mencionada, aconteceu quando trabalhava no Ceasa como carregador. Ele conheceu um homem que estava passando por uma fase difícil. Sr. José trabalhava três vezes por semana e ganhava uma certa quantia semanal pelo serviço prestado. Ele observou o homem por algum tempo, suas necessidades e decidiu ajudá-lo.

“(…) Oh! Eu trabalho há dois anos aqui, o cara me dá tanto, três dias por semana. Quer trabalhar comigo? Ganho duzentos contos (sic), vou te dar cem e vou ficar com cem. Vou te ensinar.”

O homem aceitou, apesar de não saber fazer o trabalho, e Sr. José ensinou tudo. Ensinou como fazer a carga, como amarrar. Falou sobre o que o patrão gostava e o que não gostava. O rapaz aprendeu o serviço.

“(…) Pode deixar que eu te ensino tudo. Ensino para você tudo direitinho, como é que faz uma carga, como é que amarra, tudo direitinho. Fruto não pode bater. Não pode pegar fruta estragada, certo? Que o dono não gosta.”

Depois de um tempo, Sr. José percebeu que seu colega de trabalho estava mudando de comportamento.

“(…) um mês beleza, trabalhando legal comigo. Quando passou a dois meses, ele começou a ficar o contrário. O contrário comigo, de repente já falando coisa que... eu não ligava não. Ele falava as coisas e eu nem ligava. Calado, né? Na minha.”

Sr. José soube depois que o homem havia se oferecido para trabalhar sozinho por um salário menor, enquanto ele estava negociando com o patrão um aumento no salário.

“(…) Aí, quando foi, já com uns dois meses, aí ele chegou no cara e falou que fazia mais barato e eu tinha ligado para o dono da firma, que estava pouco. O cara ia aumentar. Por causa dele, além do cara ter baixado o salário, eu saio do serviço e ele ficou lá no serviço, ganhando cento e trinta contos (sic) por semana. Eu perdi o serviço por causa dele.”

Apesar disso, Sr. José não desanimou.

(…) “os caras ficaram falando:

— Não, rapaz! Tu deixou o cara lá?

— Não, que ele às vezes estava precisando, né? Eu falei que pode ficar. Para mim, quem tem coragem não fica parado, né? E eu não sei ficar parado”.

Essa atitude de resignação aparece em vários trechos da narrativa do Sr. José, que, por sua recorrência, será especificamente tratada adiante.

Com muita coragem, Sr. José passou por várias outras experiências profissionais. Como mora num conjunto habitacional, freqüentemente os moradores dos apartamentos vizinhos solicitam serviço de pintura. E ele gosta muito de pintar.

“(…) Às vezes o cara me chama para fazer um serviço de pintura numa casa, eu vou e faço. Aí, lá onde eu moro lá, tem um bocado de serviço para fazer, pintura. Lá tudo é apartamento. (...) é melhor do que pintar uma casa, porque é baixinho e não dá muito trabalho para fazer, né?”

Mesmo sem emprego fixo, Sr. José realmente não fica parado. Como suas relações no Ceasa são boas, ele consegue pegar frutas para vender, consegue arrumar carroçaria de caminhões, montar caixas. Já não pode mais trabalhar como carregador, pois teve um problema de coluna e foi proibido pelo médico de carregar peso.

“(…) quando eu estava trabalhando de carregador, eu parei porque eu dei um mal jeito nas minhas costas e quando eu trabalho com muito peso, amagoa (sic), né? Aí eu fui, passei no médico, o médico falou para mim assim:

— Oh! Você tem que parar uns tempos de pegar peso. Vou te passar esses remédios para você e você vai tomar esses remédios aqui e não é para pegar peso não. Se você quiser ficar bom, certo? Se você continuar pegando peso, o que vai acontecer é te dar um problema e não ter mais jeito, esse problema seu.”

Por esse motivo Sr. José passou a vender frutas. Ele trava conhecimento com os donos dos boxes do Ceasa e pega as frutas pela manhã para pagar no final do dia.

Uma vez ele chegou num box e o vendedor era novo, não conhecia o Sr. José. Não quis dar as frutas sem receber o dinheiro na hora. Sr. José mais que depressa, ofereceu o que ele tinha de mais valor: sua carteira de identidade. Disse ao vendedor que deixaria sua identidade e voltaria no final do dia com o dinheiro. Ao

perceber a dúvida nas palavras do rapaz, Sr. José argumentou firmemente. Era a segunda vez que ele se deparava com uma situação em que apresentava seu documento como símbolo de todo seu caráter, como sua própria vida.

“ (...) Quando às vezes eu chego numa firma, claro, todo mundo me conhece, mas tem, já tem pessoa que é novato, que trabalha de vendedor, que não tem conhecimento com a gente, e não confia na gente. Aí eu digo: não, se você não confia em mim eu vou deixar a minha identidade com você. Vou pegar as frutas, vou lá vender e volto aqui para te pagar.

— Ah, não sei o quê. Não!

— A identidade, rapaz! Estou lhe deixando.

— Mas a identidade? O que é que vale uma identidade?

— Vale muita coisa meu amigo. Você sem uma identidade, você não é nada. Toma a identidade, segura aí. Aí eu pego a mercadoria, vou lá, vendo.

Com uma hora, duas horas mais ou menos, eu voltei.

— Oh! Olha o dinheiro aqui.

— Puxa vida, você veio, né?

— Falei para você que eu vinha, rapaz!

— Pronto, já virou freguês da firma. Pode pegar o que você quiser.”

É muito interessante como a palavra dada, referendada pelo documento, tem para Sr. José um valor absoluto, inquestionável. Poder-se-ia dizer até que é uma “palavra documentada”. Essa atitude é própria da cultura de origem do Sr. José.

Desse modo, ele consegue pegar as frutas e sair para vender em sua bicicleta.

“(…) É, eu faço assim. Já tem conhecido que me conhece há muito tempo. (...) aí eu na bicicleta, ponho na bicicleta, vou lá, busco uma caixa lá, volto, pego outra, deixo outra lá, nas

padarias, restaurante. Saio vendendo. Às vezes pego a granel, saio vendendo a um, vendendo a outro. Nas casas assim, dos pessoal (sic), vou passando assim, os pessoal (sic) me chama.”

Ele não fica sem trabalho. Pensa nas duas filhas que tem e que não moram com ele.

“(…) Aí eu falei que, mais que eu fico preocupado no lado de mim, eu tenho duas filhas, minhas duas filhas, elas não vivem comigo. (...) só é melhorar para mim as coisas, aí eu vou começar dar tudo para elas e fazer o possível.”

Percebe-se, assim, que Sr. José, como muitos habitantes da cidade de São Paulo, imigrantes ou não, faz parte do contingente de mão-de-obra da economia informal. Ele valoriza muito seu documento de identidade, mas não faz menção em nenhum momento a sua carteira de trabalho, apesar de relatar que trabalhou por doze anos numa metalúrgica. A falta de referência a um documento importante, como é a carteira de trabalho, pode se justificar pelas relações capital-trabalho que ocorrem no país, em que cada vez mais o trabalhador submete-se ao trabalho disponível, nas condições que estiverem dadas, para garantir sua sobrevivência.

O trabalho para Sr. José tem uma função maior que o de suprir suas próprias necessidades. Possibilita que ele participe do crescimento e desenvolvimento das filhas que não vivem com ele, mas que representam um importante papel em sua vida.

- A família e os filhos

As duas filhas do Sr. José vivem com as mães. A primeira nasceu de um namoro rápido. Sr. José era muito jovem quando a namorada engravidou. O casal viveu poucos meses junto e a separação foi conturbada.

“(…) Isso é da vida mesmo. Quando eu vim aqui para São Paulo, na época eu era carinha novo. Essa filha minha que tem, tá dentro de dezesseis anos, eu era carinha novo, não pensava na vida, aí aconteceu, né? Ficar, né?”

Já a segunda filha nasceu de uma relação mais estável. Sr. José viveu vários anos com a esposa e pôde acompanhar de perto o crescimento da filha. Eles adquiriram juntos um terreno numa cidade da grande São Paulo. Com a separação, a filha ficou com a mãe e Sr. José voltou a morar sozinho.

“(…) Agora, essa outra minha mulher que eu vivi, que é mãe dessa outra que tem onze anos, essa eu vivi com ela mesmo, um bocado de tempo. Aí não deu certo. Aí eles moram, tem o terreno deles. Deixei tudo lá para ela, para a menina, né?”

(…) “às vezes temos um bom plano por aquela pessoa, né? Um bom pensamento. E no fim, a pessoa pega e faz um lado, que deixa você meio triste. Você vai ficar com ela? Não. Aí eu falei que não dava”.

Apesar de não viver com elas, Sr. José se preocupa com a qualidade de vida das filhas. Sempre que pode compra roupas para elas, principalmente para a filha menor, com onze anos.

“(…) Aí, eu falei, que mais que fico preocupado no lado de mim, eu tenho duas filhas, minhas duas filhas elas não vivem comigo. Tenho uma de dezesseis anos, tem a outra de onze anos. Então, essa mais pequena que eu mando as coisas para ela. Não estou mandando muitas coisas para ela porque agora eu estou ganhando pouco. Mas o que eu mando, ela fica muito agradecida, muito satisfeita.”

Sr. José conversa com a filha por telefone e fala sobre sua situação financeira. Divide a responsabilidade com a ex-esposa, pois a separação não foi conflituosa a ponto de eliminar o contato entre eles. Ele quer o melhor para as filhas e pensa em ajudá-las enquanto estiver vivo.

“(…) Eu ligo para ela, explico para ela: olha, as coisas melhorar eu vou dar mais umas coisas melhores para ela. Ela: “tá bom, tá bom.” E espera. Que nem um dia, um dia eu comprei uns duzentos paus (sic) de roupa e mandei para ela. Eu não estava sabendo que medida de roupa ela estava vestindo, né? Eu pensei que ela estava na mesma medida que era, mas ela cresceu mais um pouco, está com, bem dizer, onze anos de idade, pôs mais corpo, né? Aí, eu comprei a roupa um número a menos. Ficou tudo perdido, tive que voltar tudo para trás de volta. É, teve umas que deu e outras não deu. Aí, eu liguei. Hum... Pegou falando e falando que tinha gostado das roupas e não estava e era para mode (sic) pegar as roupas e trocar pela mesma roupa do mesmo jeito. E onde eu vou arrumar essas roupas do mesmo jeito, menina? Falei, olha, vamos fazer assim: pego você e levo você na loja, é melhor você ir, aí você escolhe. Escolhe do jeito que você quer, é melhor.

— Não, mas com quem eu vou, com quem eu vou?

— Com a mãe.

Que a mãe dela não tem raiva de mim. A gente se separou, mas ela na dela e eu na minha, né? Não deu certo, tudo bem. Aí vou trabalhar num ponto de, até um dia que eu estiver vivo em cima da terra, eu vou ajudar todas duas, para elas crescer.”

Ele fica muito preocupado quando as filhas pedem alguma coisa que ele não pode dar. Quando isso acontece, ele pensa em todas as alternativas possíveis para atendê-las.

“(…) tem dia que, um dia eu, tem vez que ela pede as coisas, um dia ela pediu uns tênis e eu falei: Meu Deus, que que eu faço? Eu tenho que dar de qualquer jeito, fazer qualquer jeito. Aí eu descí, peguei as melancias lá embaixo, um bocado de melancia e fui vender. Graças a Deus que eu vendi tudo. Quando foi de noite eu apurei o dinheiro, aí comprei e mandei os tênis para ela. Aí ficou alegre, feliz, sabe? Mas é assim mesmo a vida, a vida é assim mesmo, tem que ser na luta mesmo. Sem luta a gente não consegue nada. Vamos ver se você não lutou muito para chegar no nível onde você está?”

Sr. José conta que acredita num relacionamento baseado na compreensão. Acredita ser necessário que o casal colabore um com o outro.

“(…) Comparação: você trabalha e ele trabalha, né? É igual: se o seu marido chega primeiro em casa, é lógico que ele tem todo o direito de adiantar alguma coisa, entendeu? (...) ele deixa lá do jeito, quando a mulher chegar já está tudo pronto. Aí, lógico que a mulher vai gostar disso aí. Às vezes se o marido atrasa e a mulher chega primeiro, a mulher vai lá para ajeitar.”

Apesar de ter passado por duas separações, Sr. José acredita que o casamento deva durar para sempre. Uma vez foi chamado pela irmã para ajudá-la numa situação de separação com o marido. Ele foi decidido a mudar o rumo da história.

“(…) Aí eu tava em casa. Ela ligou lá em casa. Ligou bem cedinho que era prá mode (sic) eu ir lá que ela ia ajeitar as coisas dela e ia embora. Eu falei que não pode ser assim. Tem que esfriar a cabeça, ficar com a cabeça fria, gelada, e saber o que está acontecendo. Não é por aí. Falei que ela tinha que conversar. (...) Cheguei lá e a primeira palavra foi:

— Tu casou com ele e ele casou com você. Para quê? Para viver até o fim da vida. Vocês não casaram? Então, por que não faz por onde viver?”

Hoje Sr. José vive com uma pessoa que admira bastante. Sua família, quando a conheceu, também gostou dela e o sentimento foi recíproco.

“(…) minha mãe gostou dela, minha irmã, minha sobrinha, meus sobrinhos. (...) Ela gostou muito da minha mãe. Gostou dela prá caramba. Ela tem quarenta e poucos anos, pessoa de cabeça.”

Ela também é separada. Vem de um casamento que não deu certo por causa da infidelidade do ex-marido. Sr. José demorou para perceber que havia um interesse além de amizade por parte dela.

“(…) e para você ver, às vezes eu via ali e não sabia que ela queria para os lados sérios comigo. Não sabia. Eu não sabia. Eu passava num canto e sempre levava fruta lá. (...) Aí, quando foi um dia, eu andando, estava tirando uma mudança lá onde ela trabalhava e mandou pôr dentro do caminhão.”

Sr. José, sempre solícito e generoso com as pessoas, acabou levando a mudança dela até sua casa. Os dois conversaram bastante, mas Sr. José ainda estava tímido.

“(…) — Você não quer ir com nós até lá em casa, não?.

— Ir na sua casa, mas para fazer o quê?

— Para você ir com nós, porque lá não vai ter ninguém para tirar essas coisas do caminhão e vai ser você mesmo que vai tirar.

(…) Era um dia de domingo e eu resolvi fazer esse favor para ela, porque não é nada difícil. Nós fomos. Quando chegou lá, eu não conhecia nada. Subi lá em cima. Ai, ai, ai. Ela já foi contando a vida dela. Eu subi para tirar as coisas e pôr as coisas dentro da casa dela, mas não tinha nada para conversar, não. Eu não desabafo.”

Ele fez todo o trabalho sozinho e ela tentou recompensá-lo pelo favor, oferecendo a ele, com carinho, o que ela sabia fazer de melhor. Almoçaram juntos e foram se conhecendo um pouco mais.

“(…) Aí, tirei fogão, geladeira. Tirei sozinho, peguei o fogão, saí subindo na escada com o fogão. Voltei, peguei a geladeira. Peguei e pus tudo lá em cima. (...) Aí, ela perguntou quanto era. Eu disse que não era nada não e ela falou para eu sentar que ela ia cortar meu cabelo. Não, mas meu cabelo estava bom. Ela deu uma cortadinha aqui, arrumou para mim,

tirou minha barba. Depois disse que ia fazer minhas unhas. Falei: Caramba! Perguntei quanto era, ela disse que não era nada e disse que ia fazer um almoço.”

Sr. José continuava tímido. Ela falava mais, contava sobre sua vida e fazia perguntas sobre a vida dele.

“(…) Eu fiquei sentado ali, meio acanhado, por ali. De vez em quando ela olhava para mim, eu olhando, ficava com vergonha. Ela perguntou se eu era casado e eu disse não. Moro só.

— Você mora só, mas onde?

— Ah! Perto do Ceasa mesmo.

— Mas você cozinha, José? Você mesmo lava sua roupa?

— É. Às vezes a pessoa solteiro é assim mesmo, tem que lavar roupa. Quando quer cozinhar, cozinha, certo? Engoma uma roupa.

— Qual é seus vícios que você tem?

— Eu não tenho vício nenhum, eu falei. Não bebo, não fumo e não roubo. Nunca gostei de bebedeira e detesto a pessoa que fuma.”

Ela começou a fazer planos e incluir Sr. José neles.

“(…) Então, ela estava falando para mim que ela dá a maior força pela pessoa. Disse que ia conversar com a irmã dela, porque a irmã dela tinha um estudo mais ou menos e que ela ia pedir para a irmã ajeitar um emprego para mim, para eu sair desse serviço pesado. Ela disse: ou senão, eu tenho um negócio de uma herança de um dinheiro que eu tenho para receber aí. Eu vou fazer o possível para pegar uma perua e boto na tua mão para você se virar pegando fruta. Eu tenho para receber aí uns vinte paus (sic) mais ou menos. Eu quero comprar a perua.”

Atualmente os dois vivem juntos num clima em que um respeita a individualidade do outro.

“(...) ela já está chegando já aos quarenta e quatro anos de idade. Mas é pessoa gente fina. Se ela não mudar, né? Meu jeito é assim. Eu não sou pessoa de agredir ninguém, não sou pessoa de ser ignorante com ninguém, não sou pessoa de ser estúpida. Eu sou do lado da paz. Ninguém manda em ninguém. Eu nem mando em você e nem você manda em mim. Cada um faz as coisas que dá certo, né?”

Sr. Antônio procura respeitar os gostos da companheira e ela, por sua vez, procura respeitar os gostos de Sr. José, principalmente no que diz respeito ao que está mais presente em sua vida, a música⁸.

A música continua ocupando um lugar muito especial na vida do Sr. José. Ele carrega consigo desejos que o acompanham em todos os seus movimentos, seja no trabalho, na escola ou no lar.

- A música

Quando criança, Sr. José teve muitas referências na família que o levaram a se interessar por música. Alguns de seus primos tocavam algum instrumento e isso já o fascinava.

“(...) hoje eu sou unido em sanfona, porque quando eu era pequeninho (sic), tinha um primo meu que ele tocava. Parte da minha família tem uns que roda, que são caminhoneiros e os outros quase tudo toca. Minha família quase tudo toca, quase tudo.”

Sr. José acredita que se tivesse sido incentivado em favor da música quando criança, hoje teria uma vida melhor.

⁸ Esse dado não está na entrevista, mas foi obtido numa conversa informal entre o entrevistado e a pesquisadora.

“(...) a invocação era grande. Se meu pai naquele tempo compra um instrumento para mim! Oxa! Hoje eu era outro na minha vida. Não vivia aí na vida não.”

Ficou sem saber tocar sanfona até vir para São Paulo e começar a trabalhar como ritimista num trio musical. Somente nesse momento, começou a aprender tocar sozinho, ouvindo, prestando atenção.

A música sempre ocupou um espaço grande na vida do Sr. José e tem, para ele, um significado muito especial. Em sua aparente simplicidade, Sr. José aponta para uma elaboração complexa, em que articula a música com a arte e ambas com o trabalho, deixando sutilmente a impressão de que compreende a expressão musical como práxis artística.

“(...) a música é um, a música, ela não tem fim. A música, a música, ela significa assim numa arte. A música, ela é sem fim, e é um tipo de trabalho. É, é tipo de arte. A arte é um trabalho, é o mesmo que você estar trabalhando aqui.”

Entretanto, manifesta uma concepção inatista, bem própria do senso comum. Sr. José acredita que algumas pessoas já nascem com dom para a música. Ele crê que não adianta estudar se não existir algo que vem de dentro, que acompanhe o indivíduo desde o nascimento.

“(...) agora que a música é mais difícil, a música já é de, já é um dom que a pessoa nasce, já como dom mesmo, da mente. (...) se você não tem o dom nem adianta, você pode estudar, pode fazer o que quiser, pode se formar. (...) eu conheço um cara que ele estudou doze anos, música. Ele não toca. Porque ele não tem o dom.”

Depois de um tempo, Sr. José procurou um professor de música. Queria aperfeiçoar aquela habilidade tão importante para ele. Mas não conseguiu ficar muito tempo. O preço era alto para suas condições. Além disso, percebeu que

precisaria se alfabetizar antes, para tirar melhor proveito de um curso de música; aqui se revela um dos motivos que levaram Sr. José a procurar uma escola.

“(…) aí, por isso que eu estou estudando mais. Prá mode (sic) eu entrar numa escola de música e estudar, entendeu?”

Mas ele estuda também em casa com seus livros de música. Ele marca as notas musicais e vai aprendendo devagar. Dedicando amor a esse processo de aprendizado e vai se guiando pelo respeito que sente pela música.

“(…) eu mesmo se eu pudesse, eu não trabalhava não. Vivia só com os instrumentos pregados no peito. Direto. Porque eu amo muito o lado da música, eu acho muito bonito e dou muito valor à música. (...) música tem que ter o maior respeito pela música.”

Conhece suas limitações e acredita em seu potencial.

“(…) Nós que é amador de música, toca em dois tempos, três tempos. Então, a gente pode falar as coisas. Tocar muito eu não sei ainda, porque eu comecei um tempo desses, mas eu posso aperfeiçoar a música, treinar e ficar bom.”

Sr. José, além de tocar, também canta e compara o canto com a natureza, com a alegria que emana dela.

“(…) Agora, o canto já é de natureza. Você já nasce com aquele dom de alegria dentro de você. A sua alma já nasceu com aquela alegria. Tem pessoas que, às vezes, uma pessoa que canta não tem tristeza na vida dele. Eu mesmo, se eu pudesse, eu não trabalhava não. Vivia só com o instrumento pregado no peito.”

Ao mesmo tempo ele acredita que mesmo as pessoas que nasceram sem o dom, podem aprender.

“(…) Qualquer um que não toca um instrumento, pode aprender a tocar um instrumento. Ele pode aprender a cantar. Nem que a pessoa tem a voz ruim, o canto faz muito bem para a pessoa.”

Sr. José tem uma fala segura quando se trata de música. Ele se empolga, ensina e quer aprender.

“(…) a senhora sabe o que é estrofe? Estrofe é os versos. Um, dois, três. Você não pode misturar as músicas. Escrever a música de cima abaixo sem separar. Você tem que pôr uma estrofe aqui, pôr outra aqui, outra aqui, tá entendendo? Primeira estrofe, segunda estrofe. Aí vai subindo. Tem música que tem doze estrofes grandes, muito grandes mesmo.”

Demonstra seus conhecimentos de música com muita fluência, desenvoltura e reconhecendo suas limitações.

“[Mas então o senhor lê as partituras?] “Leio e escrevo tudo no papel. Quer que eu escreva aqui? Notas musicais [desenhou]. Essas linhas aqui significam em cinco linhas musicais. Todas as linhas musicais significam em cinco linhas musicais. Não tem uma linha mais do que outra. É cinco linhas. (...) Isso aqui chama uma clave de “sol” e essa aqui chama uma clave de “fã”. Entendeu? São as notas musicais. (...) Comparação: se você falar em sons estinidos. Sons estinidos são os melhores sons que existe. Tons bemores também tem. Tons bitonados é os melhores tons. Não é todo mundo que toca nessa tonalidade. Só as pessoas que lê muito e sabe o que é um som bitonado.”

Essa fala remete a um questionamento: o domínio gráfico que Sr. José tem da música não seria uma forma de alfabetização, um saber ler e escrever?

Ele aproveita todas as oportunidades que tem para estar em contato com a música. Sr. José também compõe.

“(…) eu estava escrevendo o começo de uma música. Aí dei para a professora para ela levar para arrumar, né? Que eu estava fazendo a letra, eu fiz o começo todinho e escrevi no papel. A professora arrumou um cantinho e disse que o resto estava tudo correto.”

Compor é um dos grandes estímulos para Sr. José permanecer na escola. Ele sonha com o dia em que poderá escrever suas próprias músicas sem recorrer a um escriba.

Em vários momentos de seu relato ele trata do assunto “estudo” de uma maneira bastante especial. Destaca algumas pessoas valorizando sua escolaridade. Lembra de sua família, destacando sempre a questão da leitura, mostrando a importância que dá para o “ser letrado”.

Há, nesse ponto, uma questão que precisa ser pensada: quais são as variantes do ler e do escrever? A tendência é conceber a alfabetização restrita ao ler e escrever palavras. Entretanto, o processo envolvido no ler e escrever partituras, compreender sua lógica, não seria um caminho para ler e escrever palavras?

- A escola

O estudo sempre teve muita importância na vida do Sr. José. Para ele é uma maneira de buscar um trabalho melhor, e mais do que isso, é um elemento de valorização do ser humano.

“(…) Então, eu vivo enfrentando a vida muito difícil. Quero estudar mais, mode (sic) que a pessoa sem estudo não é de nada. Hoje em dia a pessoa que tem um estudo bom, tá difícil. E quem não tem? Quem não tem estudo? Ainda é mais difícil ainda. Qualquer empreguinho aí tão pedindo primeiro grau, segundo grau, eu estava assistindo passar no jornal, que o cara estava falando, que para pintar parede tem que ter o primeiro grau, por isso

que eu estou interessado a aprender. Prá mode (sic) chegar um ponto de eu arrumar um emprego melhor, né? Para eu não ficar a vida toda no Ceasa, certo?”

“ (...) Não, estudar é muito importante. A pessoa ter o saber é muito bom, né? Muito bom.”

Sr. José deseja tanto saber ler e escrever que já chegou a sonhar literalmente com esse dia.

“(...) Um dia eu sonhei que acordei lendo. Acordei. Diz que eu pegava um caderno e ficava escrevendo. Diz que eu via a escrita assim, aquela letra bonita e eu com a caneta. Aí, diz que eu falava para a professora: Está certo aqui? [risos]. Está certo, professora, do jeito que está aqui? ‘Olha, está ótimo. Puxa vida, você já aprendeu. Pronto. Daqui para frente não carece mais você, ninguém ensinar mais a você. Você já sabe’.”

O desejo é tanto que ele não desanima com as dificuldades e acaba tentando estimular os companheiros de sala de aula.

“(...) Ai, por isso que eu falo, a pessoa que, tem pessoa que não se interessa em estudar. Que nem eu conheço pessoa aí na escola, aí na aula, que fica xingando, não quer estudar. (...) eu falava: ‘Rapaz, tem calma, rapaz. Paciência, rapaz. Não é por aí, rapaz.’ (...) Quem já é estudado é que sabe que existe história, compra o livro e lê. E quem não sabe ler? Vai saber o que é que está escrito naquele livro? Então, por isso que a professora pega aquele livro e lê aquela história para aquele aluno ver aquela história. Que nem, eu achei bonito a professora falando a história do Rio Pinheiros. Achei muito bonito, falando a história do rio, antigamente, do jeito que o rio era antigamente. Ele era miudinho, era bem fininho o rio, aquelas curvinhas assim, né? Se mudou hoje? [palavra ininteligível]. Agora, por quê? Porque ninguém toma providencia, né? Aqui em São Paulo, a cidade de São Paulo é uma cidade bonita, mas ninguém toma providência.”

Ele acredita nos estudos como algo que pode e deve trazer resultados, que tem uma continuidade, que não está isolado em si somente.

“(…) Tem as minhas irmãs que casou quase tudo. (…) das mais novas, uma estuda. Tem um bom estudo, mas não liga. Veio praí, o cara chamou, chamou ela para trabalhar no mercado lá, não quis. Quer ir embora. Eu digo: esse estudo teu não vale nada. Que se fosse eu que tivesse o estudo que tu tem, eu ia aproveitar esse estudo teu. Eu entrava num serviço aí, procurava uma faculdade aí e ia estudar. Mas não, não quer. Só está faltando fazer faculdade só. E não quer.”

Ele fala com orgulho das pessoas da família que estudaram e lamenta sua falta de oportunidade ou de interesse.

“(…) Que nem, eu sou uma pessoa que quando eu era menino lá no nordeste, eu não me interessei. Eu fui para uma escola e não me interessei num ponto. Minha vida era brincar com outras coisas, brincar com o gado, tirar leite. Só viver em luta de roça, né? No nordeste é assim, a maioria das pessoas só se preocupam com coisas de roça, não se preocupam com coisas de estudo não.”

“(…) Já tem o outro, outra prima minha, que ela também dá aula. Ela estava dando aula em Recife, né? Tem um monte da minha família que tem um estudo muito bom. Das minhas irmãs, quase tudo tem uma leitura boa. Quase tudo. Agora, eu só num tenho uma leitura boa, que na época quando eu comecei, entrei na escola, eu fiquei um mês na escola.”

Ele se lembra das pessoas que o incentivaram. Ao longo de sua vida recebeu muito incentivos para estudar.

“(…) Tem até um conhecido meu que é, que ele é filho de uma irmã da mãe do meu pai, né? Aí eu comecei estudando, estudando. Aí ele:

— Se interessa, se interessa, se interessa pelo estudo, se interessa.”

“(…) — Mas você pensa que andar no mundo é assim? Tu não tem estudo.

Meus primos tudo estudava, trabalhava em banco, aí, por aí, um bocado aí.”

“(…) mas se eu tivesse tido cabeça naquela época, que eu, que nem eu fui para o exército e não ter saído, hoje eu era outro na minha vida. Que nem eles falaram: ‘Fica aí rapaz, vai estudar aí, fica aí.’”

“(…) ah! Só sei assinar meu nome mal. Não tenho uma leitura boa. Eu ir para essas cidades grandes, São Paulo, tem que ter uma leitura, sem estudo não vale nada. Foi que nem o capitão falou para mim: José, você aqui dentro do quartel é uma pessoa muito querida, aqui dentro, educado. Só está faltando você estudar. Você ser uma pessoa do nível lá em cima. Depende você querer”.

“(…) Aí eu falei para ele que eu não tinha estudo, que eu estava me batendo para aprender a ler. Ele disse que nunca é tarde. Que conhece pessoas que têm cinquenta, sessenta anos e se formou e tem mais sabedoria do que ele.”

Por seu relato, a música tem uma grande influência no processo de alfabetização do Sr. José. Ela está presente em vários momentos de sistematização do processo de escrita do Sr. José, seja na escola ou fora dela.

“(…) Comparação: se eu fizer isso aqui, você sabe o que é? [escreveu numa folha]. (...) Eu sei o que significa. É os nomes das notas musicais. Comparação: tem uma, duas, três, quatro, cinco. Aqui já tem uma nota e já está em outra escala. Então, eu posso botar as notas: dó, ré, mi, fá, sol, lá, si. Aí põe. Eu não sabia escrever, mas aprendi. Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si. Entendeu?”

“(…) antes de eu entrar aqui eu não sabia nada. Eu só marcava as notas musicais, tirava e marcava nota por nota. (...) Se eu pegar um instrumento aqui e eu pegar aqui, é lógico que eu marco. Já sei o que é, o que significa. Antigamente eu não sabia, então eu agradeço as minhas professoras, né?”

Mesmo antes de entrar na escola, Sr. José mostra que já lia e escrevia. Ele copiava as notas dos seus livros, sem saber exatamente o que significava, mas dava a elas um significado próprio, fundamentado na sua sensibilidade musical. Na escola ficou mais fácil conseguir um escriba para registrar suas composições.

“(…) Quando eu estou com uma música, uma música para fazer, aí eu gravo aquela letra na cabeça para fazer, né? Aí tem vez que eu pego assim com um colega meu. Tem uma menina que cria muito bem. Antes de eu conhecer as professoras daqui, ela pegava e ela fazia para mim, escrevia para mim as letras e eu ia falando aquelas palavras e as pessoas ia escrevendo, entendeu? Aí, depois, depois que eu comecei a estudar aqui, aí eu pedia para as professoras e elas faziam para mim.”

Aos poucos Sr. José vai adquirindo autonomia na escrita. Ele percebe os avanços que teve depois que voltou a estudar.

[Então o Sr. acha que estudando vai ajudar nesse lado de música?]

— Lógico que vai. Se a pessoa não tem leitura, como é que vai aprender? Repare que eu não sabia fazer isso.

[Agora o Sr. já consegue?]

— Aprendi já. Já sei o que é que está escrito. Se você mandar fazer, escrever. Se você falar as letras tudo, eu escrevo até uma carta. Qualquer letra que você fala eu escrevo.

[E se o senhor pegar sozinho, sem ninguém falar as letras?]

— Eu já faço. Já faço algumas coisinhas. Já faço devagarinho. (...) Já tem umas coisinhas que eu já escrevo, entendeu? Sozinho já escrevo muita coisinha. Já depois que eu estou aqui eu já analisei que eu já aprendi muitas coisinhas. Tinha coisa que eu não sabia, se a pessoa dá um papel assim eu já sei. Leio. Já sei o que é. (...) Só tá faltando saber juntar as palavras. Só isso. Mas eu penso dentro de mim que eu vou chegar lá. Eu não sei ajuntar (sic) aquela palavra todinha e falar de uma vez. Conheço as letras, mas chega na hora não falo a palavra.”

Embora fique explícito que Sr. José está na etapa inicial do processo de alfabetização, percebe-se que ele compreende a totalidade desse processo, sendo capaz de avaliar o estágio em que está e os próximos passos que terá que dominar.

Sr. José quer ouvir o que a pesquisadora tem a dizer sobre estudo. Ele vê dificuldade no processo de aprendizagem do adulto e compara com o processo infantil.

“(…) — Agora só você que não falou quase nada ainda, né?”

[Por que o senhor quer me ouvir?]

— O que você quiser contar. Assim, se a vida da pessoa que estuda é muito difícil que nem a gente passa, que é muito difícil. Eu não sei se é porque a pessoa quando é adulto... Pequeno, criança já é mais fácil. Agora, a pessoa quando cresce que fica... acho que é um lado mais difícil, né? Porque uma criança, se você faz um risco assim no papel. Se você fizer isso aqui eu garanto que ele não vai tirar o pensamento daqui. (...) Pensamento é um só ali. E a gente que já é mais ou menos grande, grande de idade, se preocupa com muitas coisas, né? A gente se preocupa com uma coisa ali, pensa com outra. Vem para a escola: ‘Puxa vida! Era para ter resolvido aquele negócio, nem resolvi.’ Aí fica aquele pensamento, que nem às vezes, eu estou lá na escola e a professora está lá e eu com meu pensamento lá longe.”

(...) Então, agora você tem que contar um pouquinho da sua vida, eu queria ver como foi o seu começo, a sua vida, sua carreira de estudo, certo? Porque a pessoa que é bem estudado é muito importante. Eu acho muito bonito. Principalmente a pessoa que, que fala bonito. Que nem a D. Maria, eu acho bonito ela falar. Acho muito bonito. Tudinho. As pessoas que sabem falar, explicar. Acho muito bonito a pessoa que sabe falar bonito. Eu só não falo mais, mais bem explicado, por causa dos meus dentes. Já arranquei quase tudo já.

Ele consegue diferenciar as condições de aprendizagem de uma criança das condições de aprendizagem de um adulto. Mostra com simplicidade que se as condições são diferentes, os caminhos a serem percorridos também precisam ser.

Sua fala remete a uma questão que tem sido discutida exaustivamente pelos educadores e estudiosos da Educação de Jovens e Adultos: a necessidade de se compreender o processo de aprendizagem específico dos adultos, visto que, geralmente, são tratados de forma pueril, com materiais utilizados em educação infantil e simplesmente adaptados, quando o são, para um público adulto. Essa adaptação passa a ser duvidosa, pois é feita para um aluno que ainda não foi

compreendido em sua totalidade. Afinal, conhecer um aluno não se restringe a saber se ele é pobre, se trabalha ou onde mora. Esses dados são muito importantes, mas não são suficientes para levar à compreensão do processo de aprendizagem de um aluno adulto e, analisados isoladamente, geram situações que não contribuem para uma aprendizagem efetiva.

Sr. José já percebeu que o caminho é longo e que é necessário ter paciência e não deixar que a ansiedade cause qualquer tipo de bloqueio.

“(…) Eu fico muito cabeça quente com as coisas, mas eu fiquei analisando um lado assim, que não adianta você vir para a escola e ficar de cabeça quente pensando no problema lá que você não resolveu. Não, aquele lado lá, deixa lá. (...) eu ficava nervoso, de cabeça quente e não conseguia fazer. Aí foi indo, foi indo (...) se for assim eu não vou aprender nada. Foi indo, foi indo, aí eu fui tendo mais paciência, calma, calma. Agora eu estou conseguindo.”

Ele define a aprendizagem como um processo de memorização mecânica. Há uma certa semelhança entre sua concepção de aprendizagem e aquela dos voluntários, que se queixam do fato dos alunos não terem “memória de longo prazo”. Pode-se levantar a hipótese de que a postura dos professores revela de alguma maneira essa concepção que, por sua vez, é internalizada pelos alunos. Uma outra hipótese a se considerar é a possibilidade de tanto professores como alunos terem ainda representações de aprendizagem como memorização pura e simples de conteúdos apresentados em aula.

“(…) Na escola você tem que ficar ligado e esperto ali, prestando atenção no que a professora está falando, para você guardar tudo na mente. A pessoa que está aprendendo a ler, estudando, tem que guardar as palavras e gravar tudo dentro da mente para não esquecer nunca.”

Sr. José não se abala nem quando ouve palavras depreciativas em relação a sua decisão de voltar à escola. Quando ouve algo negativo relacionado a estudar depois de adulto lembra-se logo de algo positivo em relação ao adulto que está na

escola. Ele está convicto de que precisa estudar e firme na determinação de realizar um de seus sonhos que é aprender a ler e escrever.

“(...) eu não troco de opinião nem que... Pode ‘dê o que dê’ (sic) só se um dia a escola acabar. Vou dizer uma coisa: meu sonho é aprender, um caderno, escrever tudo. Eu mesmo estava falando para a minha mãe, que a minha mãe sabe ler muito bem. Tem uma leitura muito boa, minha mãe. Ela falava mesmo que hoje a pessoa sem estudo não é nada. Ela cansou de falar para eu ir para a escola. Tem uns amigos meu que me pergunta se eu já vi cavalo véio (sic) aprender a ler. Eu digo: Meu amigo, se tu tem trinta e cinco anos e começa a estudar, estuda mais uns vinte anos daqui para frente. (...) Não é difícil não, meu amigo. O estudo ensina a pessoa a falar muito bem. O estudo ele deixa a pessoa muito correta na fala. Falar as palavras tudo explicadinho. Eu presto atenção em tudo.”

“(...) eu acho incrível os jornalistas falando as notícias que falam no mundo todo. Eles falam palavra por palavra, tudinho. Eles não falam aquela palavra de uma vez, né? Eu presto atenção. (...) aí, eu sempre ligo a televisão para escutar e fico pensando. Eu acho muito bonito a pessoa falar daquele jeito. Cara estudado, cara não gagueja e nem erra. Como pode, né? Um cara que parece que nasceu para isso, sei lá, a língua dele é rápida para falar. É assim mesmo a vida. Cada qual tem um destino na vida, né? Com fé em Deus, chego lá ainda.”

Nessa fala, Sr. José revela claramente que seu desejo por saber ler e escrever não é meramente instrumental, algo que lhe permitiria alcançar um emprego melhor. Há um desejo que se revela nessa fala, que tem uma dimensão quase estética: “saber falar bem e bonito”.

Sr. José quer tanto aprender a ler e escrever que compreende que os professores se utilizam de ferramentas variadas para ajudar o aluno a descobrir os caminhos da aprendizagem.

“(...) Então, que nem as professoras falam muito bem, viu? Então, elas falam aquela fala ali, lógico que é para o aluno prestar atenção, para aprender. Aí, qualquer coisa que não sabe, pensa que ela já está falando bobagem: ‘ah, eu vim aqui para aprender a ler e escrever.’ Eu digo: rapaz, tu sabe para que que ela está dando essa lição aí? É para tu analisar e aprender

o jeito certo e como é que ela fala. Ela está te ensinando o que é a fala, como é que se fala as palavras. Jussara, ela estava contando uma história que fala, explicando como é que é a fala, como você fala. Às vezes você fala uma palavra errada. Ora, uma pessoa que é formada, estudada, ele quer comparar com uma pessoa que só sabe o óculos que é redondo?”

A fala registrada acima demonstra a sabedoria de Sr. José. Ele consegue compreender que para aprender a ler e escrever é necessário passar por vários processos. Ele consegue entender que nem sempre estará na sala de aula com o lápis na mão e mesmo assim estará passando por um processo que o levará a compreender o sistema de escrita. Essa é uma queixa muito comum nos adultos que retornam à escola. Eles reclamam que não farão determinadas atividades, pois estão na escola para aprender a ler e escrever. Resistem a atividades que não estejam diretamente ligadas às letras e aos números com registros no caderno. E Sr. José, sabiamente, apesar de sua ansiedade para escrever e ler com autonomia, se apropria dos vários caminhos apresentados e tenta usufruir deles com paciência.

- Os sonhos

Sr. José conta alguns sonhos que acalenta. Ainda criança, ele já manifestava para sua mãe um interesse que se transformaria com o passar do tempo num grande sonho: viajar. Sair de sua terra natal e conhecer outros lugares, “ganhar o mundo”.

“(…) Aí eu [palavra ininteligível] ganhar o mundo. Aí eu dizia assim para minha mãe, quando eu crescer mais um pouquinho, pegar meus documentos, eu vou embora daqui, vou embora, sumir no meio do mundo, não dou notícia para ninguém.”

Seu pai foi irredutível desde a primeira vez que ouviu falar sobre esse desejo do Sr. José.

“(…) Meu véio (sic) falou: ‘O quê? Tu não é besta de querer ir embora daqui.’ Oh! Ele me deu outra dura.”

Ainda na infância, um outro sonho começou a povoar os pensamentos de Sr. José. Ele começou muito cedo com uma promessa não cumprida de ganhar uma sanfona.

“(…) Eu era pequenininho naquela época. Aí eu custava ir em casa, na roça, aí meu avô me chamando:

— Ah! eu vou apanhar uma sanfoninha pequenininha para você, para você aprender a tocar. Quer aprender mesmo?

Viche (sic), aí eu não dormi, não dormi naquele dia, pensando.”

A sanfona não chegou às mãos do Sr. José, mas a vontade de ter uma foi aumentando a cada dia, ao ponto de ele barganhar com seus parentes para conseguir ter acesso ao instrumento.

“(…) Aí tinha um primo meu que ele tinha uma sanfona, né? Era trancado. Ele tinha um ciúme daquela sanfona que por amor de Deus. Aí quando foi um dia, eu pedi a ele:

— Deixa eu pegar um pouquinho?

— Não, só deixo você pegar nessa sanfona, se você limpar esse pedaço de mato aqui, todinho, hoje.

Mas era grande o pedaço de mato. Eu digo, mas você vai deixar eu pegar quantas horas?”

Essas barganhas e frustrações, como a ocorrida no episódio acima, estimulavam ainda mais o desejo de Sr. José.

“(…) um dia eu ainda compro uma para mim. Um dia eu ainda compro uma, vou comprar. Aí meu pai uma vez ainda pensou de comprar uma. Não comprou.”

“(…) a invocação (sic) era grande. Se meu pai naquele tempo compra um instrumento para mim, oxa! Hoje eu era outro na minha vida, não vivia [palavra ininteligível] aí na vida não. Vivia não.”

Um de seus sonhos começou a ganhar espaço em sua vida quando ele já era adulto. Está relacionado à escola e é recorrente em toda a sua fala.

“(…) Aí, meu sonho dentro de mim. Eu tenho um sonho assim dentro de mim que eu ainda vou aprender a ler muito bem, escrever muito bem. Eu tenho assim um sonho dentro de mim.”

“(…) às vezes você tem um pensamento dentro de você, pensamento bom, lado bom. Você tem assim uma vontade de realizar um, um sonho dentro de você. Ah! Um dia, um dia eu realizo o que eu tenho vontade na minha vida. (…) a mesma coisa eu, né? Eu não tenho estudo, a minha leitura é pouca. Então, eu ponho dentro de mim assim, um dia eu realizo o que, o que eu quero fazer na minha vida, pegar um, pegar um lápis, um papel e vou escrever aqui um jornal deste tanto. Que eu quero escrever. Vou fazer uma carta bem bonita pra eu pôr tudo o que eu quero pôr, certo? Então, esse é um pensamento que a gente tem dentro da gente, tudo. Nós tem aquele pensamento firme dentro da gente e, que fica aquela força de vontade, até que consegue fazer, entendeu?

“(…) então é melhor eu ficar treinando minha sanfona em casa, devagar. Ficar tocando só por aí e aprender a ler. O importante é aprender. Eu quero é aprender, poder escrever prá mode (sic) escrever minhas músicas, certo? Eu tenho as letras minhas. Aí meu sonho é esse. Eu sabendo escrever bem, aí o que eu tenho guardado dentro de mim, os meus pensamentos, aí eu vou pôr para fora e vou escrever no papel.”

Mais uma vez o “saber ler e escrever“, o “falar certo e bonito” transcendem a função meramente instrumental. E, mais uma vez, aparece uma conotação quase estética, que sugere um colorido literário, expressão de sua vida, seus pensamentos,

seus sentimentos, por palavras bonitas, corretas. É uma fala que aponta para um sentido mediato, humanizante e humanizador.

“(…) Mas, com fé em Deus, Jussara, eu vou. Um dia eu vou chegar onde eu quero chegar. Se eu não morrer logo. É que a gente nunca sabe da vida da gente, né? Às vezes a gente está hoje aqui, mas nós não sabe o dia de amanhã. Mas se Deus me der saúde, enquanto eu for vivo não vou parar de estudar mais não. Se algum dia eu sair daqui, eu entro em outra escola.”

Em meio a esses sonhos, Sr. José vai enfrentando as dificuldades. Em alguns momentos é bem sucedido, em outros nem tanto. Apesar de sua garra e coragem, algumas oportunidades passam por sua vida sem serem aproveitadas em sua totalidade.

Ele relata algumas situações em que, apesar de sua coragem, não conseguiu fazer exatamente o que desejava naquele momento. Apesar disso, ele insiste. Acredita que a persistência é que o fará avançar.

- As oportunidades perdidas

Em muitos momentos de seu relato, Sr. José fala de oportunidades que acredita ter perdido. Em alguns momentos ele se culpa por não ter aproveitado uma grande oportunidade.

“(…) mas se eu tivesse tido cabeça naquela época que eu, que nem eu fui para o exército, e não ter saído, hoje eu era outro na minha vida.”

“(…) que tem vez que vem as oportunidades na vida da gente e a gente não quer. Que nem, tem uma, uma, uma banda de forró. Os caras planejaram, rapaz, para eu acompanhar eles. Eu não fui por causa da família, mulher. Ia largar tudo e acompanhar eles? Aí eu fiquei pensando: se eu acompanhar essa banda, eu vou ter que sair da escola. Então, é melhor eu ficar treinando minha sanfona em casa, devagar.”

Em outros momentos culpa alguém que tenha lhe negado algo importante.

“(...) a invocação era grande. Se meu pai naquele tempo compra um instrumento para mim, oxa! Hoje eu era outro na minha vida, não vivia [palavra ininteligível] aí na vida não. Vivia não.”

Ele conta uma oportunidade de emprego que perdeu por causa do seu grau de escolaridade, que não correspondia à necessidade do trabalho.

“(...) quando eu cheguei na Casa Manon, hoje eu não trabalho na Casa Manon hoje porque eu não tenho estudo.”

Sr. José entrou na loja ao mesmo tempo que um casal interessado na compra de um órgão. O vendedor não estava e o gerente da loja não sabia mostrar com detalhes o instrumento. Chamou Sr. José num canto e disse que ele ganharia um presente se apresentasse o instrumento ao casal.

“(...) Aí cheguei, com o cara ali, pá, olhando a sanfona e não tinha quem testava o instrumento. Aí o cara me chamou num canto, o gerente, que manda lá.

— Você sabe mexer em qual instrumento aí? Então se você fazer aquele cara lá, comprar aquele aparelho lá, eu vou te dar um presente.”

— Mas sobre o quê, o cara?

— Não, você ir lá chamar, faz de conta que você é vendedor. Chama o cara lá, o cara está querendo comprar um aparelho aí, uns instrumentos aí, mas eu não entendo, eu só vendo. E o outro menino que, que apresenta aí, não está aqui.”

Sr. José aceitou o desafio e mostrou que além de conhecer os instrumentos, tinha simpatia, condição necessária para ser um vendedor. Acabou fazendo com que o casal se interessasse pelo aparelho.

“(...) bom dia, tudo bem com o senhor? Interessa o aparelho aí? (...) Esse aqui é um aparelho muito potente e, e italiano. Instrumento muito bom. Vou te dar uns tons para ele, para o senhor ver. (...) Aí eu: pam, pam, pam. O cara ficou olhando. (...) eu digo: não, eu estou aprendendo. Isso aqui eu não manjo não. Estou dando uns tons para o senhor e nota porque eu conheço notas, né?”

O casal foi se empolgando e perguntou se Sr. José tocava outro instrumento. Ao vê-lo tocar sanfona e animar o ambiente, decidiu-se por comprar o órgão.

“(...) — Mas você toca outro instrumento? Pega a sanfona ali.

(...) Aí eu toquei Asa Branca lá dentro do, do, lá na Casa Manon. Aí as mulheres que estavam trabalhando, gerente, era mulher dançando com outro, outro com outro. Aí, pronto. Aí o cara terminou comprando o órgão.”

O gerente da loja chamou Sr. José no escritório e fez várias perguntas. Entre elas, perguntou sobre o grau de estudo dele. Ao saber que ele não era alfabetizado, lamentou, pois se fosse poderia contratá-lo para ser vendedor da loja.

“(...) — oh! que grau de estudo você tem?

— oh, meu amigo, só assino meu nome. Eu não vou mentir para o senhor, dizer que eu sei, sei ler. Só assino o nome.

— Poxa vida! Que pena, viu? (...) Se você tivesse um pouco mais de estudo, se soubesse preencher uma ficha ou fazer uma nota, eu ia pegar você para trabalhar aqui com nós.”

Em alguns momentos parece acreditar tanto nos seus sonhos, que acaba confundindo sua realidade com seus desejos, como se eles se transformassem numa fantasia em que fica difícil até discriminar a realidade.

“(…) Então, por isso que eu falo que tem que prestar atenção nas coisas. Tenho um amigo meu que o nome dele é Marquinhos, ele viaja para os Estados Unidos. Um dia nós saímos e brincamos lá embaixo, ele mora bem perto daqui. Eu falei que queria ir para os Estados Unidos e ele disse que não dava não porque para ir para os Estados Unidos tem que resolver muita coisa, tirar passaporte, um monte de coisa tem que tirar, né? Tem que ser outro documento para você passar fora do Brasil. Mas aí ele disse que nós ia tocar nos Estados Unidos. Falou para a gente ensaiar uma música para ganhar dinheiro lá. Ele perguntou se eu topo, mas eu não vi mais ele não. Pois na semana passada, o tio dele me encontrou e falou que o sobrinho estava me procurando porque ia viajar para os Estados Unidos e queria me levar junto. Queria me ver naquele dia. Eu falei que não porque eu tinha que vir para a escola.”

“(…) Os caras toca tudo, toca demais. Toca o Brasileiro. O Brasileiro eu toco ele. (...) É difícil, filha. E eles tocaram e eu acompanhei. E eles apertaram a minha mão. Me chamaram para ir lá no programa da Inesita Barroso. Eu disse que não estou preparado não. Ele disse que eu estava escondendo. Falou que eu tenho que mostrar o que eu sei, que é muito importante.”

O que esses relatos demonstram é que os fatos da vida são interpretados por Sr. José sempre como fatalidade, acaso ou incidindo sobre fatores meramente individuais. Sr. José não consegue perceber as determinações concretas de sua condição de vida, o que o leva a uma postura de resignação.

Ao mesmo tempo em que Sr. José vai à luta e enfrenta as dificuldades, mostra-se resignado com algumas situações, como se não dependesse dele uma mudança. Como se bastasse esperar pelo cumprimento do destino.

“(…) Inclusive, tem um serviço aí que o cara me prometeu para mim. Mas até agora não falou nada, não. Estou esperando, né? Quem espera não cansa. Sempre vai acontecer. (...) Então eu sou assim. Eu fico esperando, esperando. Não falo nada.”

Ele não reage a algumas situações. Como no caso em que ajudou uma pessoa que parecia necessitada, foi enganado, e mesmo assim diz que ajudaria a pessoa novamente porque crê que o ser humano “tem que ser assim.”

“(…) Eu perdi o serviço por causa dele. Aí eu também não liguei não. Isso aí é uma coisa que eu nem liguei, a gente, o que aconteceu eu não fiquei com raiva dele. Só falei que Deus ajudasse a vida dele e pronto. Se ele precisar de mim, outra vez eu ajudo. A gente tem que ser assim.”

Ele demonstra uma sujeição paciente a vários acontecimentos importantes de sua vida, como se fossem inevitáveis ou alheios a sua vontade.

“(…) Isso é da vida mesmo. Quando eu vim para São Paulo, na época eu era carinha novo. Essa filha minha que tem, tá dentro de dezesseis anos: eu era carinha novo, não pensava na vida, aí aconteceu, né?”

“(…) Mas minha vontade, sempre eu peço a Deus, todo dia. Deus me abrir uma porta para mim assim de um serviço. Inclusive tem um serviço aí que o cara me prometeu para mim. Mas até agora não falou nada, não. Estou esperando, né? Quem espera não cansa. Sempre vai acontecer. Então, eu sou assim. Eu fico esperando, esperando. Não falo nada.

Há várias outras passagens de sua narrativa, já mencionadas, que reforçam essa postura resignada, que pode ser entendida, sobretudo, pelo fato de que o Sr. José não consegue compreender os determinantes a que está, como sujeito concreto, submetido; é possível identificar o processo de alienação, que não o permite compreender sua vida como totalidade multideterminada, reduzindo sua concepção de si e do mundo a uma naturalização individualista e fatalista.

Entretanto, em muitos momentos ele revela sua capacidade de compreensão, mostrando um saber e uma sabedoria construídos na luta pela sobrevivência, ainda que de maneira ingênua, destituídos daquilo que Paulo Freire denomina “consciência crítica”.

- Saberes e Sabedoria

Sr. José, em muitos momentos de sua narrativa, evidencia sua inteligência. Ele faz analogias quando quer que o outro entenda o que está falando.

“(…) [Como o senhor canta, agudo ou grave?]

— Não, eu canto um pouquinho grave. Grave é mais fácil. É o mesmo que você falar natural. Você não fala? Como a pessoa falar inglês. Se você mandar a pessoa falar, tem pessoa que fala. Já é diferente da pessoa que nasceu lá no estrangeiro, nos lugares. É diferente do brasileiro. A mesma coisa é a pessoa que canta. Agora, o canto já é de natureza. Você já nasce com aquele dom de alegria dentro de você. A sua alma já nasceu com aquela alegria. Tem pessoa que, às vezes, uma pessoa que canta e não tem tristeza na vida dele. A vontade dele é estar cantando, cantando, cantando. “

“(…) Se você chegar assim num consultório (sic) de música que só tem maestro, se você é uma pessoa que só vive triste, de cabeça baixa e você conversar com um a pessoa que é maestro, que é músico, que canta, quando você sai de lá, você já é outra pessoa, com pensamento diferente, que mexe muito com a cabeça da gente, com a alma da gente. A alma da gente: você vê um pássaro. Quando o pássaro está triste, porque é que ele está triste? Então me responde agora: porque quando o pássaro está triste, ele não canta? (...) Sabe por que é? É porque às vezes ou ele está doente, ou quebrou a asa, ou quebrou o pezinho dele. Ele está triste, então acabou a alegria dele. (...) Agora, quando ele começa a cantar disparado é porque ele está alegre. A mesma coisa é a pessoa que canta. Nem que às vezes esteja meio doente, mas ele quer fazer o possível para cantar.”

Sr. José tem noção correta de alguns assuntos relacionados à saúde e cuida de seu corpo utilizando os conhecimentos que foi adquirindo ao longo de sua vida. Guarda suas receitas caseiras que, segundo ele, ajudam a melhorar a qualidade de vida das pessoas.

“(…) A pessoa que canta morre, mas com negócio de problema de coração, né? Então a gente tem que se cuidar muito. A pessoa que canta tem que tomar muito cuidado. Essas coisas mexem muito com a mente da gente. Tem que tomar muito alho. Pega o alho, pisa ele, põe na água e toma gelado o alho roxo, que controla a circulação da gente e você não passa nervoso à toa. Você passa o dia todinho aí fazendo computação, aí chega um e pede isso, outro pede aquilo, aí não fez direito, esquenta a cabeça, passa nervoso. Aí você tem um pouquinho de água do lado com alho pisado. Aí você vai ali caladinho e toma sua água e já dá uma ligação.”

“(…) Todos nós passamos nervoso. O sangue sobe porque o sangue da gente, ele circula de cima para baixo, na palma do pé, nos dedos e na sobe todo cheio de veia. Se você está calmo, paciente, é lógico que o sangue sobe devagarzinho. Se você passar nervoso, aí sabe que às vezes dá problema na pessoa, numa veia. Que Deus o livre. Porque nós somos todos cheios de veia, né? Todo canto da gente tem veia. Veia fininha. Então, aquele sangue, quando vem todo embolado, ele embora e aí chega para passar, a veinha não agüenta e dá nó, e estoura a veia e aí é perigoso dar um problema de infarto.”

Ele mostra conhecimentos que utiliza no seu dia-a-dia e que são guardados como um “saber popular”. Apesar da simplicidade de sua explicação, deve-se destacar a compreensão correta que ele tem de sistema circulatório e pressão sanguínea.

“(…) O meu cabelo, eu nunca pinteï o meu cabelo. Nunca lavei o meu cabelo com shampoo. Sabe com que eu lavo meu cabelo? Com babosa. Você sabe que você compra o shampoo, eles fazem a fábrica de shampoo, tem uma química dentro do shampoo. (...) Você lava o seu cabelo muito tempo, sabe o que acontece? Afraca (sic) a raiz do cabelo. E se você pegar a babosa e você fazer o shampoo você mesmo e lavar o seu cabelo é outra coisa. Nem compara, está entendendo?”

“(…) O shampoo de abacate, você pega o abacate, tira ele estando maduro, pega o limão, joga dentro, bate no liquidificador. Só ele, sem pôr água nem nada. Aí pega ele e taca no cabelo.”

“(…) Remédio eu não pago, estou falando para você. Mas eu não faço. Tem pessoa que não pode tomar qualquer tipo de remédio de raiz. Às vezes a pessoa tem dor no estomago e

não pode tomar. Às vezes tem problema de pressão, problema no coração, certo? Mas meu remédio, oxente! Eu mesmo faço para mim. Garrafada de babosa, de guaco, de Erva Maria. Aqui chama erva Maria, lá chama mentruz.”

“(…) Toma um litro de xarope de babosa para você ver. É muito bom, você fica outra pessoa, limpa tudo. A pessoa fica outra pessoa. Se fizer um suco de tomate, para que coisa melhor? Não tem um suco melhor do que o de tomate. Não, não tem vitamina que ganha do suco de tomate.”

Ele demonstra que adquiriu uma capacidade de olhar seus problemas com racionalidade, sem se deixar trair pela emoção e dando o devido valor a cada um deles, sem supervalorizá-los.

“(…) Então, é por isso que eu falo: eu não sou um cara nervoso de esquentar minha cabeça à toa. Às vezes a pessoa fala uma coisa comigo assim. Não, eu não sei ficar nervoso. Não passo nervoso. É estragar a saúde. Primeira coisa que você sente quando passa nervoso na sua vida é dor de cabeça e dor de estômago. É lógico. Todo o nervoso, a raiva, o ódio todo que você passa vai direto para o coração. Então, se você passa aquela, nunca passa. Não deixa entrar dentro de você, não deixa que é muito ruim, muito triste. O fim é muito triste também. Não tem pessoa que está assim e de repente cai?

Sr. José acredita que as pessoas precisam ajudar uns aos outros. Que devem agir tentando se colocar no lugar do outro sempre, porque as pessoas estão sempre precisando umas das outras.

“(…) Nós estamos na terra para ajudar os próximos irmãos. Que é nós. Sou teu irmão, você é minha irmã. Então, nós somos irmãos do outro. Já tem certas pessoas que pensa, que só pensa nele, só pensa em si. Em si, e dizer, a pessoa só pensa nele, só nele, o lado dele. Ele pensa que às vezes ele está um lado assim, mais ou menos na vida dele. Às vezes ele acha que não vai acontecer nada com ele, mas não, e a gente tem que lembrar dos próximos irmãos para, quando cair numa, não, vou precisar de fulano, de fulano, eu tenho certeza que se eu precisar deles, eles vão me ajudar, dar uma força para mim.”

Sr. José, quase que poeticamente, fala sobre a necessidade do auto-conhecimento. Fala sobre a necessidade de se olhar, se enxergar por dentro e conseguir guiar sua vida alicerçado no que tem de bom dentro dele.

“(…) às vezes eu passo um nervoso assim na minha vida, mas não deixei entrar para dentro de mim. Que a gente só deixa entrar as coisas ruim para dentro da gente se a gente quiser. (...) então tem pessoas que às vezes tem pensamento, olha para lá é um, olha para cá é outro, olha para cima, olha para trás, olha para baixo é outro. Um pensamento ruim já entrou dentro da mente dele. Aí, por isso que acontece de ficar com aquilo encucado dentro da mente, aquele pensamento ruim, e vai indo, vai indo e cai para o lado. É muito ruim a preocupação. Fica em depressão porque a pessoa deixa entrar na mente. Se você vê um alado assim do pensamento e diz: ‘não goste’, tem que fechar o pensamento desse lado e não deixar entrar dentro de você. Você sabe reversar e olhar para dentro de você? (...) Reversar é olhar para dentro de você. Se você olha para frente é uma coisa. Agora, reversar é olhar para dentro de você. É outra coisa, certo?”

[E é bom olhar para dentro?]

É muito bom. Você sabe que tudo que é divino existe em cima da terra. Existe o bom e o ruim. Agora, a gente não deve acreditar no lado ruim. Eu tenho um lado comigo, eu só penso no meu lado bom.”

“(…) Então, às vezes eu vejo as coisas, analiso, se soubesse como a vida é tão boa, não deixava acontecer o que acontece na vida. Você vê essas pessoas que é jogada na rua? É o pensamento fraco, minha filha, que deixa entrar os lados ruim, tomar conta dos pensamentos deles, dos vários pensamentos bons que tem dentro da mente.”

Sr. José conta que analisa as pessoas, o que elas falam e tenta não se influenciar pelo negativismo de alguns. Ouve e procura discernir o que é e o que não é bom para sua vida. Ele acredita que as pessoas que não conseguem se apoiar nos seus aspectos positivos, entram em depressão e podem chegar à morte.

“(…) Comparação: às vezes tem pessoa que você está conversando com a pessoa, aí você fala para a fulana: ‘eu estava querendo fazer isso, isso, isso, isso.’. aí a pessoa olha para você e diz: ‘não vai fazer não, que não vai dar certo.’ Isso já é um pensamento negativo. Você está com um bom pensamento de fazer e aquela pessoa já vem com: ‘quem falou isso para você? Você vai fazer isso? Ah, não vai dar certo! Nem faça que não vai dar certo!’ (….) Então, porque ela viu que o que você vai fazer vai dar certo, aquela pessoa é um a pessoa negativa. Então, eu sou uma pessoa que analisa as coisas. Quando uma pessoa fala as coisas eu fico calado, na minha, e fecho meu pensamento na hora para ele. (….) Eu conheço pessoas, que nem médico, nem remédio dá jeito. Depressão é a doença mais triste que tem no mundo. Não tem cura. Depressão é uma doença que você fica assim meio, nada para você está bom. Você pode ter dinheiro, pode ter o que ter que nada para você está bom. Porque é um tipo de problema que só põe coisa ruim na sua mente. Tudo o que é de ruim, põe no seu pensamento. Essas pessoas que se mata, às vezes é depressão, minha filha.”

“(…) eu, Jussara, não tomo conselho de ninguém. Palavra amiga, tudo bem, porque palavra amiga é você chegar e dizer isso, isso, isso, mas conselho? Conselho todo mundo dá. Você tem que analisar aquelas palavras que a pessoa está falando e ver se vai bater certo na tecla.

[Mas se o senhor não gosta de falar do senhor, então como o senhor está se sentindo falando comigo essas coisas todas?]

Não, a gente tem que ficar calado, caladão. Se a pessoa procurou uma palavra, você responde.”

- Sr. José visto por ele mesmo

Ao longo de sua narrativa, Sr. José define-se ora como alguém resignado, ora como alguém corajoso.

“(…) Inclusive tem um serviço aí que o cara me prometeu para mim. Mas até agora não falou nada, não. Estou esperando, ne? (….) então, eu sou assim. Eu fico esperando, esperando. Não falo nada.”

“(…) Arrumei tanto pai para bater em mim, viu? (…) E, qualquer um, minha filha. A pessoa vê que você está sem, a pessoa quer bater em você, quer vir tirar uma com você. A pessoa que anda no mundo [palavra ininteligível], na minha vida aqui em São Paulo. Sorte que eu não dou moleza. Não dou moleza para ninguém. O cara vem, eu mando sair fora.”

Mostra racionalidade nos momentos em que a vida exige controle emocional.

“(…) Então, é por isso que eu falo: eu não sou um cara nervoso de esquentar minha cabeça à toa. Às vezes a pessoa fala uma coisa comigo assim. Não, eu não sei ficar nervoso. Não passo nervoso. (…) Às vezes eu passo um nervoso assim na minha vida, mas não deixei entrar para dentro de mim. Que a gente só deixa entrar as coisas ruins para dentro da gente se a gente quiser.”

Ele se mostra otimista em muitos momentos.

“(…) Você sabe que tudo que é divino existe em cima da terra. Existe o bom e o ruim. Agora, a gente não deve acreditar no lado ruim. Eu tenho um lado comigo, eu só penso no meu lado bom.”

E observador em outros. Prefere observar, analisar e ficar quieto.

“(…) eu sou uma pessoa assim: eu vejo as coisas, as pessoas falando. Eu fico calado porque, uma: se você esta numa sala de aula que tem dez, vinte, trinta alunos, você não vai chegar e falar uma palavra que diz que o que vocês estão falando aí está tudo errado. As palavras não é assim. Eu não vou fazer isso. Jamais eu vou fazer isso. Eu fico só analisando, prestando atenção, olhando, né? Fico olhando quem fala alguma coisa que não existe, outro fala palavra que não tem cabimento. Aí, eu fico calado, não falo nada.”

Quando conheceu sua atual esposa, no primeiro contato ela lhe confidenciou algumas passagens de sua vida. Sr. José foi bem claro, afirmando que só ouviria, não falaria nada sobre ele.

“(…) era um dia de domingo e eu resolvi fazer esse favor para ela, porque não era nada difícil. Nos fomos. Quando chegou lá eu não conhecia nada. Ai, ai, ai. Ela já foi contando a vida dela. Eu subi para tirar as coisas e pôr as coisas dentro da casa dela, mas não tinha nada para conversar não. Eu não desabafo. (…) Eu falei para ela que ela podia falar, que eu ia ficar só ouvindo.”

Sr. José conta que confia em seu senso crítico. Conta que é uma pessoa que ouve, observa, mas procura verificar se o que está ouvindo ou vendo vai ao encontro do que realmente acredita.

“(…) Eu, Jussara, não tomo conselho de ninguém. Palavra amiga, tudo bem, porque palavra amiga é você chegar e dizer isso, isso, isso. Mas conselho? Conselho todo mundo dá. Você tem que analisar aquelas palavras que a pessoa esta falando e ver se vai bater certo na tecla.”

“(…) Às vezes ia convidado numa festa e ficava olhando. Os caras perguntavam se eu não ia beber, se eu ia ficar só olhando. Eu ia lá na frente de uma coca, pegava umas quatro lingüiças no prato e os caras bebendo cachaça. Daqui a pouco estava caindo por cima da mesa e cadeira e eu só olhando. Está vendo? Eu presto atenção nessas coisas. Eu não vou entrar no embalo de ninguém, não.”

Sr. José define-se como um homem tranquilo. Ele procura respeitar as outras pessoas.

“(…) Meu jeito é assim: eu não sou pessoa de agredir ninguém, não sou pessoa de ser ignorante com ninguém, não sou pessoa de ser estúpida. Eu sou do lado da paz. Ninguém

manda em ninguém. Eu nem mando em você e nem você manda em mim. Cada um faz as coisas que dá certo, né?”

Ele conta que, apesar do seu jeito observador e pouco chegado a confidências, também gosta de conversar. Ele crê no aprendizado até mesmo numa conversa com alguém que possa ter uma experiência maior que a sua na vida.

“(…) Sempre eu gosto de conversar assim. Inclusive, um tempo aí eu estava pensando que eu tenho que conversar com uma pessoa. Tem que conversar com essas pessoas que é sabido, né? Conversar com uma pessoa que sabe mais do que a gente. Eu gosto muito de conversar com pessoa que explica e ensina coisa que eu não sei.”

“(…) Eu gosto muito de conversar, viu? Eu sou pessoa que quando eu estou lá dentro da escola parado, às vezes a professora pensa que eu estou, às vezes a professora pensa que eu não quero falar porque eu não quero, ou que tenho cerimônia. Mas não é. (...) A pessoa tem que falar, conversar. É muito importante. Inclusive para a pessoa que entende, né?”

Ele diz que não consegue negar as coisas para as pessoas e que só se compromete com o que realmente sabe fazer.

“(…) Não sou pessoa de dizer não. Nunca vou dizer não. (...) Só se eu estiver doente. Mas jamais eu vou chegar naquele dia e falar que eu sei fazer uma coisa e não saber. Eu só falo que faço coisa, quando eu sei fazer. E que nem a leitura. Às vezes eu chego num canto, aí a pessoa procura as coisas para mim e eu digo que sei muito pouco. Inclusive, eu estou estudando para chegar esse ponto, de sabedoria, leitura.”

- O sentido da entrevista para Sr. José

Essa entrevista para Sr. José teve um significado bastante especial. Ele se sentiu valorizado ao ser chamado para participar da pesquisa e mostrou isso em

vários momentos de sua narrativa, inclusive na maneira formal com que fez questão de iniciar a entrevista.

“(…) Então, primeiramente, bom dia Jussara.

Ele pediu um tempo antes de iniciar a gravação para que pudesse pensar no que iria dizer e como faria isso. Começou a falar e, após um relato curto, fez menção de quem já estava terminando.

“(…) Mas fazer o quê, né? Então, está bem. [fez menção de quem estava terminando e ia levantar-se]

A pesquisadora introduziu um outro assunto e Sr. José continuou falando com eloqüência, mas por pouco tempo. Depois de mais um curto relato, falou em terminar a entrevista e verificar os possíveis erros que pudesse ter cometido. Ele via com tamanha importância esse momento que não queria cometer erros.

“(…) Então, é isso aí. Então, se você quiser desligar [o gravador] para nós ver o que que deu. (...) Vamos ver os erros e eu peço desculpas a você de algum erro que está aí, né?

Em outro momento ele chama a entrevista de “palestra” e induz a pesquisadora a responder se está ou não gostando.

“(…) Então, Jussara, eu acho que já está chegando o final. A palestra eu acho que você está gostando.

[Eu estou. Estou gostando muito da sua historia.]”

Em vários outros momentos, Sr. José fez menção de terminar a entrevista, mas ao mesmo tempo demonstrava que não queria parar, que ainda tinha muito para falar. Num dado momento, quis ouvir a pesquisadora.

“(…) É isso aí Jussara, agora você dá o final. Acho que, acho que já gravei muito. (...) É. Já conversei muito. Agora só você que não falou quase nada ainda, né?”

Mais uma vez, ele cita preocupação com possíveis erros e pede desculpas por isso. Ele afirma que é necessário falar corretamente para que haja compreensão do que foi dito.

“(…) Acho que está no final, já conversei muito, né? Você me desculpa o lado que eu falei muito errado. (...) Estou pedindo desculpas para você, porque a gente fala errado, né? Não é certo. Bom é falar correto, falar as coisas tudo certinho, explicado para a pessoa ouvir e saber o que a pessoa está falando. Então, eu estou pedindo desculpas para você, certo?”

Sr. José quer parar, mas tenta encerrar como se tivesse pedindo permissão para isso. Coloca-se à disposição para voltar a conversar se for necessário e pergunta sobre a fita. Quer saber o que será feito com a fita em que foi gravada a sua história. E demonstra interesse em ouvi-la.

“(…) então, você ainda quer falar mais ou...

[O senhor é quem sabe. Se o senhor quiser falar mais, eu estou aqui para ouvir. Pode falar o que o senhor quiser.]

Tá bom, a gente conversou muito. Outro dia se você quiser, eu volto, certo? Você vai levar essa fita para onde? Não dá para ouvir agora não?

[Dá sim. O senhor pode ouvir um pedacinho. Não dá para ouvir as três fitas porque vai demorar muito, né?]

Que nem eu estava falando, eu posso despedir, agradecer você e parar? Então, Jussara, isso que eu falo. Fico muito satisfeito, assim, por você ter me convidado para vir aqui. Você

me escolheu entre os alunos para eu fazer essa fala para você, essa entrevista. Se você precisar outra vez, pode me convidar que eu venho. (...) Jamais eu vou ter vergonha de falar as coisas para as pessoas. Se a pessoa procurar uma palavra, e lógico que eu... (...) Ou errado ou torto, eu falei. Agora, você que é uma pessoa que é sabida na leitura, sabe ler bem, falar bem. Se tem algum erro, você vai ver aí, vai voltar e falar para mim depois. (...) Eu fiquei muito satisfeito, muito feliz.”

Sr. José encerra sua fala, reiterando a satisfação que teve por ser escolhido entre tantos alunos para falar sobre sua vida. Sentiu sua trajetória de vida valorizada. Ao organizar sua memória para contar sobre sua vida, conseguiu perceber a qualidade do que tinha vivido, muito mais do que a quantidade de tempo que havia passado.

Capítulo VI

Considerações Finais

Ao longo deste estudo percorremos a trajetória de vida de um imigrante nordestino, a partir de seu próprio relato, de seu próprio olhar, de sua própria voz, tão rica de expressões e ritmos certamente imperceptíveis ou até mesmo estigmatizadas por aqueles que se ocupam de sua alfabetização.

Ao expor a compreensão que possui de sua própria vida, o entrevistado apresentou uma riqueza de informações que se revelou como articulação necessária que deve se estabelecer entre os alunos de EJA e as pessoas envolvidas com o processo de ensino e aprendizagem desses alunos.

Reconhecendo a Educação de Jovens e Adultos como uma modalidade de ensino que precisa ser pensada de forma diferente, e não isoladamente, do ensino regular, a organização do trabalho com EJA contempla reflexões sobre a identidade do sujeito com o qual se trabalha.

Nesse sentido, considerando as muitas questões que surgiram ao longo deste estudo, algumas merecem destaque.

A primeira refere-se ao sofrimento do sujeito. Ele narra um sofrimento que começa na infância e permanece até o relato de acontecimentos bem recentes.

O sujeito assume uma postura de adesão ao sofrimento, de modo que não consegue identificar os determinantes históricos, sociais e econômicos de sua vida. Sua compreensão de si mesmo e de suas possibilidades parece prejudicada pelo mergulho num determinismo que afasta a análise de fatores externos como responsáveis por situações pelas quais tenha passado.

Ao introjetar o sofrimento, o sujeito determina uma convivência com ele, de modo que a percepção de sua realidade desconsidera suas condições históricas e se atém aos fatos em si.

Essa relação com o sofrimento apresenta o que pode ser chamado de contradição no processo de metamorfose desse sujeito. Ora se mostra resignado com suas dores e frustrações. Ora se mostra sujeito ativo das lutas travadas em sua vida, demonstrando uma sabedoria própria de quem está em constante busca. Em outras palavras, convive entre reposição de papéis e metamorfoses.

Há uma articulação entre o personagem resignatário e o personagem lutador. Cada um desses personagens se revela e se oculta, repondo-se infindavelmente e impedindo a superação das contradições que podem levar a uma transformação efetiva.

Diante dessa constatação é que outra questão importante destacou-se nesse estudo: o olhar do educador de jovens e adultos. Essa questão vai ao encontro da inquietação que levou a pesquisadora a iniciar a investigação: a imagem que os educadores formam dos alfabetizando adultos, a atuação desses educadores e o reflexo dessa atuação no processo de constituição da identidade dos alunos.

O próprio sujeito da pesquisa alerta para as diferenças existentes na educação infantil e na educação de adultos. Num dado momento de sua narrativa, ele relata suas dificuldades na escola, aponta as diferenças das condições de aprendizagem de uma criança e de um adulto e mostra que em cada etapa da vida as capacidades de ação se distinguem.

A educação de jovens e adultos precisa ter o olhar voltado para o aluno e concomitantemente para as questões pedagógicas: matéria a ensinar, currículos, métodos, para não cair no erro da infantilização do adulto.

Sabemos que em qualquer situação de ensino e aprendizagem, o ponto de partida não deve ser a ignorância do educando, mas a utilização daquilo que ele sabe, de seu repertório cultural.

Mas como fazer isso se o educador mantiver seu olhar única e exclusivamente nos conteúdos? Se o aluno for desconsiderado na escolha dos conteúdos, na distribuição desses conteúdos pelos semestres, na decisão da carga horária, a educação terá sido autêntica?

O sujeito desta pesquisa responde a essas perguntas. Seus relatos sobre a escola e sobre a expectativa que tem dela mostram a necessidade da compreensão do educador sobre os sentimentos que os alunos possuem acerca de suas aprendizagens. Mostra que a competência técnica não pode impedir o olhar reflexivo sobre o aluno concreto que se apresenta diante do educador e, ainda, que as dificuldades encontradas nesse processo não podem fazer com que o educador se afaste do aluno real e viva numa constante lamentação por não estar diante de um aluno ideal.

Essas considerações nos levam a tratar de uma última questão fundamental para que se possa promover educação de fato: a compreensão do que foi e do que é vivido pelo alfabetizando adulto. Essa compreensão não pode ser reduzida a uma visão pessoal da realidade do aluno ou a levantamento de perfis. Trabalhar com o aluno adulto no plano concreto significa entender seu pensamento, sua linguagem, seus sentimentos, como ele percebe sua própria realidade.

Essa relação com a realidade do educando adulto produz idéias que se transformam em ações pautadas numa situação objetiva e não mítica.

Conhecer e respeitar os diversos saberes que constituem um grupo de adultos em sala de aula ajuda a explorar essa diversidade e favorece a abertura de disponibilidade de todas as partes para analisar suas histórias, suas transformações e rever as “verdades” que pautam as ações de todos os envolvidos nessa relação político-pedagógica tão especial que é a alfabetização e educação de jovens e de adultos.

Bibliografia

- ANDRE, M.E.D.A. ***Etnografia da prática escolar***. Campinas, Papyrus, 1995.
- BAPTISTA, Marisa Todescan. ***A identidade do professor universitário***. Tese de Doutorado, PUC, 1992.
- BAPTISTA, Marisa Todescan. ***Identidade Profissional: Questões atuais***. In: ***Uma psicologia que se interroga***. São Paulo, Edicon, 2002.
- BERGER, Peter L. e LUCKMAN, Thomas. ***A construção social da realidade***. Petrópolis, vozes, 1985.
- CIAMPA, Antônio da Costa. ***A estória do Severino e a história da Severina***. São Paulo, Brasiliense, 2001.
- CIAMPA, Antônio da Costa. ***Políticas de identidade e identidades políticas***. In: ***Uma psicologia que se interroga***. São Paulo, Edicon, 2002.
- CORTELLA, Mário Sérgio. ***A Escola e o Conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos***. São Paulo, Cortez, 2002.
- Di Pierro, Maria Clara. ***A Educação de Jovens e Adultos no Brasil: informe apresentado à Oficina Regional da UNESCO para América Latina y Caribe***. São Paulo, Junho de 2003.
- FREIRE, Paulo. ***Pedagogia da Indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos***. São Paulo, Unesp, 2000.
- _____. ***Pedagogia do Oprimido***. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- _____. ***Política e Educação***. São Paulo, Cortez, 2001.
- _____. ***A importância do ato de ler: em três artigos que se completam***. São Paulo, Cortez, 2003.
- GANDIN, Danilo. ***Escola e Transformação Social***, Petrópolis, Vozes, 1998.
- GONÇALVES, Maria da Graça Marchina. ***A psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: a historicidade como noção básica***. In: BOCK, Ana M. Bahia, GONÇALVES, Maria da Graça Marchina, FURTADO, Odair (orgs.). ***Psicologia Sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia***. São Paulo, Cortez, 2001.

- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo, Paz e Terra, 2000.
- HELOANI, José Roberto e LAGE, Roseli Ferreira da. “**Discriminação e preconceito**”: **A Identidade Deteriorada – um estudo de identidade com trabalhadores lesionados**. In: **Uma psicologia que se interroga**. São Paulo, Edicon, 2002.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Discursos de identidades**. Campinas, Mercado das Letras, 2003.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Identidades Fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas, Mercado de Letras, 2002.
- LUCAS, Karin Adriane Hugo. **O currículo na E.J.A.: uma experiência de construção coletiva**. Tese de doutoramento, PUC, 2004.
- LANE, Sílvia T. M. e CODO, Wanderley (org.). **Psicologia Social: O homem em movimento**. São Paulo, Brasiliense, 2001.
- MACHADO, Aliciene Fusca. **Identidade e Metamorfose de professoras da rede regular de ensino: descobrindo-se com a educação inclusiva**. Dissertação de mestrado, PUC, 2001.
- PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação Popular e Educação de Adultos**. São Paulo. Loyola, 1973.
- PICONEZ, Stela C. Bertholo. **Educação Escolar de Jovens e Adultos**. Campinas, Papirus, 2002.
- PINTO, Álvaro Vieira. **Sete Lições sobre Educação de Adultos**. São Paulo, Cortez, 1997.
- SZYMANSKI (org.). **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília, Plano, 2002.
- TRIPADALLI, Maria de Lourdes Brusnardo. **A compreensão do processo de aprendizagem por alunos do curso de pedagogia do CESBE/FEBE de Santa Catarina**. Dissertação de mestrado, PUC, 2000.
- WAJMAN, Sérgio. **O saber do adulto vai à escola: um convite à reflexão**. Dissertação de mestrado, PUC, 2003.

ANEXOS

Anexo I: Questionário

1. Nome completo (opcional): _____
 2. Idade: _____
 3. Bairro onde mora: _____
 4. Cidade e estado em que nasceu: _____
 5. Local de nascimento do pai: _____ da mãe: _____
 6. Estado civil: casado solteiro viúvo separado
 união estável
 7. Tem filhos? sim não
 8. Se sim, quantos? 1 2 3 4 5 ou mais
 9. Quantas pessoas moram com você? 1 2 3 4
 5 ou mais
 10. Qual o grau de parentesco? tio(a) avós irmãos pais
 cônjuge/companheiro sobrinhos primos filhos
 outros
 11. Tem religião? sim não Qual? _____
 12. Qual a sua ocupação hoje? _____
 13. Qual seu horário de trabalho atual? _____
 14. Já teve outros empregos antes? sim não Quais foram? _____
 15. Frequentou escola quando criança? sim não
 16. Em que cidade? _____
 17. Até que série? somente a 1ª série até a 2ª série até a 3ª série
 até a 4ª série 5ª série 6ª série 7ª série 8ª série
 18. Por que parou de estudar? _____
 19. Estudou em outra escola depois de adulto? sim não Qual? _____
 20. Se sim, por que parou de estudar? _____
 21. Por que escolheu o Projeto Ilha de Vera Cruz? _____
 22. O que você costuma fazer nos seus dias de folga? ler praticar esportes
 23. Você tem o hábito de ler? sim não
-

24. Se sim, que tipo de leitura você faz? () revistas () jornais () livros
() quadrinhos () outros

25. Se houvesse oportunidade e você pudesse escolher, mudaria de profissão?
() sim () não Para qual? _____

26. Você acha que estudar ajudará você a melhorar no seu emprego? () sim
() não

27. Como e por que? _____

28. O que significa 'estudar' para você? _____

Nota: Este questionário tem como objetivo coleta de dados para pesquisa científica do curso de mestrado, no Programa de Psicologia da Educação da Pontifícia Universidade Católica - PUC/SP e, ao respondê-lo, o aluno autoriza o pesquisador a utilizar os dados coletados para levantamento de perfil do grupo e posterior estudo de caso.

Anexo II: Declaração de livre consentimento

Eu, _____, declaro que estou me dispondo a conceder entrevista a Jussara Ferreira Paim, aluna de mestrado na PUC-SP.

Estou ciente de que essa entrevista integra, possivelmente com outras, uma pesquisa da referida aluna no Programa de Psicologia da Educação, que tem como objetivo compreender o processo de constituição da identidade dos alunos de E.J.A. Sei também que meu nome será mantido em sigilo pelo pesquisador e ainda os fatos que eu pedir que permaneçam confidenciais também não serão gravados, transcritos ou revelados pelo pesquisador.

São Paulo, 21 de Abril de 2004

Assinatura do entrevistado

Assinatura do pesquisador

Anexo III: Entrevista I

Marquei o encontro com o entrevistado, para o dia 21/04, um feriado às 9h. Ele foi pontual e mostrou-se preocupado com o que iria falar. Antes de começar, pediu um tempo para pensar no que iria me dizer, pois não queria dizer “palavras feias”. Eu disse que ele poderia dizer o que quisesse e somente o que realmente quisesse.

Quando ele autorizou, eu iniciei a gravação:

Então, primeiramente bom dia Jussara. Eu não sou daqui. Sou lá de Pernambuco. Sou lá de [nome da cidade] e faz vinte anos que eu estou aqui em São Paulo. Trabalhei doze anos em metalúrgica, sou operador de máquina. Saí, hoje estou no Ceasa, trabalhando. Entrei aqui no Ilha do Vera Cruz através da D. Maria. Ela foi uma pessoa muito legal para mim. Deu uma boa força para mim. Aí, eu estou trabalhando no Ceasa, carregador, mas sempre eu pretendo arrumar uma melhora na minha vida, de coisa mais maneira, serviço mais maneiro. Eu vivo enfrentando a vida muito difícil. Quero estudar mais, mode (sic) que a pessoa sem estudo não é de nada. Hoje em dia a pessoa que tem um estudo bom está difícil. E quem não tem? Quem não tem estudo? Ainda é mais difícil ainda. Qualquer empreguinho por aí estão pedindo primeiro grau, segundo grau e eu estava assistindo passar no jornal que o cara estava falando que para pintar parede tem que ter o primeiro grau, por isso que eu estou interessado a aprender para mode (sic) chegar um ponto de eu arrumar um emprego melhor. Para eu não ficar toda vida no Ceasa. Eu morava aqui na Hamburguesa, aí eu mudei lá para Vila Lara. Morando com a mesma pessoa, estou numa boa. Construir uma família, se Deus quiser. E daqui para frente a minha vida é só vitória, daqui para frente, certo?

Tenho plano de voltar para o Norte daqui uns tempos, só passear. Mas quando melhorar as coisas para mim, arrumar um emprego e as coisas melhorar para mim, ficar tudo bom... inclusive hoje mesmo eu vou lá em Itaquera, vou despedir da minha mãe [a mãe dele estava em São Paulo a passeio]. Não gosto de despedir de ninguém, que a minha mãe, ela é uma pessoa assim que, quando a pessoa vai despedir começa a chorar... Eu só vou porque, enfim é o jeito. Mas,

modo de dizer que a coisa tem que ir, né? A gente sente muita saudade. De chegar, despedir da pessoa e assim... despedir da gente e a gente ficar sem poder fazer nada, né? Sem poder ir junto.

Então aí, domingo eles tiveram junto comigo, minha mãe, veio minha irmã, meu cunhado. Brincamos, toquei sanfona. Ela chorou ainda. Pegou a chorar. É... Pessoa muito fraca chora, né? Mas está bom. Está com saúde, está bem. Aí eu estou, vim aqui fazer essa entrevista com você, certo? Que eu não tenho vergonha de nada para falar as coisas.

Falar as coisas, a gente tem que falar as coisas que é certo. Não pode falar palavras que desagradem. Falar palavras, tem que saber falar palavras que não é palavras feias. Tem que falar palavras bonitas, né? Agradar a pessoa. Então eu estou aí nessa vida aí, enfrentando até o dia em que Deus quiser na vida. Então, [palavra ininteligível] você também é uma pessoa muito gente fina, pessoa muito legal.

Dá uma boa força por nós aqui. E você sabe que a pessoa que é assim, Deus gosta muito da pessoa assim, ama muito a pessoa que é assim. Nós estamos na terra para ajudar os próximos irmãos. Que é nós. Sou teu irmão, você é minha irmã. Então nós somos irmãos do outro. Já tem certas pessoas que pensa, que só pensa nele, só pensa em si. Em si, é dizer, a pessoa só pensa nele, só nele, o lado dele. Ele pensa que às vezes ele está um lado assim, mais ou menos na vida dele. Às vezes ele acha que não vai acontecer nada com ele, mas não é, a gente tem que lembrar dos próximos irmãos para, quando cair numa, não, vou precisar de fulano, de fulano, eu tenho a certeza que se eu precisar deles, eles vão me ajudar, dar uma mão para mim.

Porque depende o lado que a pessoa, ué, você não vê a D. Jussara como é que ela é. Ts... [ele confundiu os nomes] D. Maria como é que é o jeito dela? D. Cecília também. Todo mundo aqui é um pessoal muito legal. Admiro também o trabalho das professoras, que nem elas fazem aí. É um bom coração fazer o que elas fazem. Sair do seu trabalho, vir para cá, ficar até dez horas da noite, tu chega meia noite. Tem delas que chega meia noite em casa, né?

Então, isso aí é como voluntário faz. Trabalha, não ganha nada para fazer isso aí. É uma boa vontade, tem um bom coração pelas pessoas. Difícil a pessoa

assim. Eu admiro muito. Pessoa que ajuda muita gente. Que isso aí era o governo podia pegar. Tomar uma providência disso aí e dar uma, um lado bom para as pessoas, ajudar um lado. Chamava todo mundo, se reunir, fazer um lado, para dar uma ajuda, né? Porque particular não é fácil não. Mas fazer o que. Então, está bem. [fez menção de quem está terminando]

[E esse seu trabalho no Ceasa como que é?]

O Ceasa, no Ceasa é assim Jussara: a gente trabalha, é autônomo, por conta, né? A gente tira o documento no Ceasa e fica pagando por ano, todo mês você paga uma taxa. Paga uma taxa de, de dez. E em ano em ano você paga uma de oitenta, é. Oitenta e seis, paga mais outra de quarenta e seis, mais outra de trinta e seis e tem o INPS que é por fora. O INPS eu pago por fora. Entendeu? O INPS eu estava pagando quarenta e pouco, INPS. Todo mês. Quando eu saí da firma, eu quando eu trabalhava na firma era descontado, no salário. Aí como eu saí da firma na época eu tive que ficar pagando. Que quando chega as época, aí se tem o direito, né? Se não paga o INPS, como é que se tem o direito de se aposentar um dia? Aí eu vim pagando. Aí, agora fracô (sic), fracô (sic) aí esses problema aí comigo aí, lá anda meio fraco o serviço. Aí eu até atrasei, mas eu enfrento de novo, mas nem que faço o possível, mas tem que pagar, né? Aí eu falei, que mais que fico mais preocupado no lado de mim, eu tenho duas filhas. Minhas duas filhas, elas não vivem comigo. Tenho uma de dezesseis anos, tem a outra de onze anos. Então essa mais pequena que eu mando as coisas para ela. Não estou mandando muitas coisas para ela porque, agora eu estou ganhando pouco. Mas o que eu mando, ela fica muito agradecida, muito satisfeita. Eu ligo para ela, explico para ela: olha, as coisas melhorando eu vou dar mais umas coisas melhores para ela. Ela diz: “está bom, está bom”. E espera. Que nem um dia, um dia eu comprei uns duzentos paus (sic) de roupa e mandei para ela. Eu não estava sabendo que medida de roupa ela estava vestindo, né? Eu pensei que ela estava na mesma medida que era, mas ela cresceu mais um pouco, está com, bem dizer onze anos de idade, pôs mais corpo, né? Aí eu comprei a roupa um número a mais. Ficou tudo perdido, tive que voltar tudo para trás de volta. Teve umas que deu, e outras não deu. Aí eu liguei, hum! Aí pegou falando e falando que tinha gostado das roupas e não dava e era para mode (sic) pegar as roupas e trocar pela mesma roupa do mesmo jeito. E onde eu vou arrumar essas roupas do mesmo jeito, menina? Falei, olha, vamos fazer assim: pego você e

levo você na loja, é melhor você ir, aí você escolhe. Escolhe do jeito que você quer, é melhor. “Não, mas com quem eu vou, com quem eu vou?” Eu disse: com a mãe. Que a mãe dela não tem raiva de mim. A gente se separou, mas, ela na dela e eu na minha, né? Não deu certo, tudo bem. Aí vou trabalhar num ponto de, até um dia que eu tiver vivo em cima da terra, eu vou ajudar todas duas, para elas crescer, e (pausa)

[Onde elas moram?]

Uma mora lá em Francisco Morato e a outra mora aqui no Morro Doce. Isso é da vida mesmo. Quando eu vim aqui para São Paulo, na época eu era carinha novo, essa filha minha que tem, está dentro de dezesseis anos: eu era carinha novo, não pensava na vida, aí aconteceu, né? Ficar, né? Agora essa outra minha mulher que eu vivi, que é mãe dessa outra que tem onze anos, essa eu vivi com ela mesmo, um bocado de tempo. Aí não deu certo. Aí eles moram, tem o terreno deles. Deixei tudo lá e, para ela, para menina. Eu quero é dar uma força para ela. Só é melhorar para mim as coisas, aí eu vou começar dar tudo e fazer o possível. Tem dia que, um dia eu, tem vez que ela pede as coisas, um dia ela pediu uns tênis e eu falei “Meu Deus, que que eu faço?” Eu tenho que dar de qualquer jeito, fazer qualquer jeito. Aí eu descii, peguei as melancias lá embaixo, um bocado de melancia e fui vender. Graças a Deus que eu vendi tudo. Quando foi de noite eu apurei o dinheiro, aí comprei e mandei os tênis para ela. Aí ficou alegre, feliz. Sabe, mas é assim a mesmo a vida, a vida é assim mesmo, tem que ser na luta mesmo. Sem luta a gente não consegue nada. Vamos ver se você não lutou muito para chegar no nível onde você está.

Então. Às vezes você saía, chegava em casa, ah nem, nem, não ia nem fazer nada, já caía na cama e ia dormir, por que? Morta de cansada. E a pessoa que vive nessa vida aí de estudo e de trabalho é uma luta muito difícil. Eu tiro por mim. Tem dia que eu chego em casa, por amor de Deus. É, porque a gente trabalha por conta, tem que correr atrás de qualquer coisa. Quando não estava trabalhando de carregador eu parei porque eu dei um mal jeito nas minhas costas e quando eu trabalho com muito peso, amagoa (sic) né? Aí eu fui, passei no médico, o médico falou para mim assim: “Oh! Você tem que parar uns tempos de pegar peso. Vou te passar esses remédios para você e você vai tomar esses remédios aqui e não é para pegar peso não. Se você quiser ficar bom. Se você continuar pegando peso, o

que vai acontecer é te dar um problema e não ter mais jeito esse problema seu.” Aí eu falei que tudo bem. Aí eu peguei, estou fazendo assim: eu pego, compro fruta lá no Ceasa e saio vendendo na rua. Quando às vezes eu chego numa firma, claro, todo mundo me conhece, mas já tem pessoa que é novato que trabalha de vendedor, que não tem conhecimento com a gente, e não confia na gente. Aí eu digo, não, se você não confia em mim, eu vou deixar minha identidade com você, vou pegar as frutas, vou lá vender e volto aqui para lhe pagar. “Ah, não sei o quê. Não.” A identidade, eu estou lhe deixando. “Mas a identidade, o que é que vale uma identidade?” Vale muita coisa, meu amigo. Você sem uma identidade, você não é de nada. Toma a identidade, segura aí. Aí eu pego a mercadoria, vou lá, vendo. Com uma hora, umas duas horas mais ou menos eu volto. Ó, o dinheiro aqui. “Puxa vida, você veio, né?” Falei para você que eu vinha, rapaz? “Pronto, já virou freguês da firma. Pode pegar o que você quiser.” É, eu faço assim. Já tem conhecido, que me conhece há muito tempo: “Não, pode pegar o tanto que você quiser aí. Quantos sacos você vai querer?” Aí, eu na bicicleta, ponho na bicicleta, vou lá, busco uma caixa lá, volto, pego outra, deixo outra lá, nas padarias, restaurantes. Saio vendendo. Às vezes pego a granel, saio vendendo a um, vendendo a outro. Nas casas assim, dos pessoal (sic), vou passando assim, os pessoal (sic) chama.

[Fruta?]

É. [palavra ininteligível] que eu estou fazendo. Aí quando eu termino de, de fazer esse serviço aí, aí eu pego, pego os carrinhos de carregar e vou reformar. Que eu trabalho com madeira, né? Um serviço de oitenta, cinqüenta, cem. Às vezes eu faço novo, mas é muito difícil um cara pedir um carrinho novo. Aí eu pego e faço. Aí eu vou levando a vida até um dia. Mas minha vontade, sempre eu peço a Deus, todo dia. Deus me abrir uma porta para mim assim de um serviço. Inclusive tem um serviço aí que o cara me prometeu para mim. Mas até agora não falou nada, não. Estou esperando, né? Quem espera não cansa. Sempre vai acontecer. Então eu sou assim. Eu fico esperando, esperando. Não falo nada. Tem dia que eu venho para escola assim meio chateado, mas eu fico pensando: “Puxa vida! Quero por minhas coisas tudo em ordem e não consigo pôr. Não consigo.” Às vezes eu quero pagar uma conta num dia, aí chega aquele dia, não consigo. Pôxa! Aí eu venho para escola, venho. Aí fico aí na escola de cabeça baixa, não tenho vontade de conversar com ninguém. Só pensando. Aí vou para casa de noite, chego em casa de noite, e

para dormir? Pensando. Querer resolver e, e não dá certo. Não sei o que acontece. De uns tempos desses para cá as coisas ficaram meio o contrário para mim, eu já percebi, assim, viu? Tudo dá tudo o contrário. Tudo que eu vou fazer só dá o contrário. Eu não sei o que está acontecendo. Já fiquei analisando, pensando um pouco na vida assim. Eu não sei o que acontece, certo? Às vezes eu estou assim, com, com, logo agora tem um serviço aí no Ceasa, um serviço até mais ou menos. Aí eu com dó de um cara, está certo que não vale nada, você ajudar a pessoa, nem que a pessoa seja (sic) lá o que ele for. Pode ser uma pessoa mal (sic), pode ser o que for, mas sempre dê uma mão. Então ele chegava às vezes por ali, ficava se maldizendo. Eu não tinha conhecimento com ele. Aí falou: “Oi rapaz, vejo você trabalhando direto aí, trabalha com uma coisa, trabalha com outra. Você não tem jeito de arrumar uma vaga para mim de serviço, trabalhar com você, não?”

Aí eu tinha um serviço de carregador, três dias por semana. Trabalhava com o cara dois anos. Ganhava duzentos contos, os três dias. Aí eu ficava olhando para ele assim. Mas tu mora onde, fulano? “Não, eu moro lá na, lá em Osasco e tem dia que eu não vou nem para casa porque não tem dinheiro para passagem.” Falei: não, dinheiro da passagem, se você quiser vim, aí eu te dou o dinheiro da passagem. [palavra ininteligível] eu dava. Às vezes eu estava almoçando, ele chegava, dava. Come aí [palavra ininteligível] na minha cola, né? Que acolá, ele vinha com cigarro, ficava conversando por ali, tal. Um dia um cara chegou para fazer uma viagem de carregador, mandei ele. Chegou, agradeceu. Fiquei na minha, né? Aí quando foi um dia o homem, esse, esse serviço que eu trabalhava começou a aumentar. Foi aumentando. O cara começou a comprar mais fruta. Aí eu não estava dando conta só. Eu falei, eu vou ter que chamar um cara para me ajudar. Aí eu chamei ele. Disse: Oh! Eu trabalho há dois anos aqui, o cara me dá tanto, três dias por semana. Quer trabalhar comigo? Ganho duzentos conto (sic), vou te dar cem e vou ficar com cem. Vou te ensinar, você não... “Mas não sei fazer carga e nem sei amarrar.” Pode deixar que eu ensino tudo. Ensino para você tudo direitinho, como é que faz uma carga, como é que amarra, tudo direitinho. Fruto não pode bater. Não pode pegar fruta estragada, certo? Que o dono não gosta. ”Não, não, está tudo bem, tudo bem”. Aí ele veio trabalhar comigo. Um mês beleza, trabalhando legal comigo. Quando passou a dois meses ele começou a ficar o contrário. O contrário comigo, de repente já falando coisa que... eu não ligava não, ele falava as coisas eu nem ligava. Calado,

né? Na minha. Aí quando foi, já com uns dois meses, aí ele chegou no cara e falou que fazia mais barato e eu tinha ligado para o dono da firma, que estava pouco. O cara ia aumentar. Por causa dele, além do cara ter baixado o salário, eu saio do serviço e ele ficou lá no serviço ganhando cento e trinta conto (sic) por semana. Eu perdi o serviço por causa dele. Aí eu também não liguei não, não liguei não. Isso aí é uma coisa que eu nem liguei, a gente, o que aconteceu eu não fiquei com raiva dele. Só falei que Deus ajudasse a vida dele e pronto. Se ele precisar de mim outra vez eu ajudo. A gente tem que ser assim.

Falei para ele, ele chama Batista, o nome dele: Oh! A gente não faz isso com as pessoas não, rapaz. Quando você vê a pessoa, dá a mão para pessoa, agradece, agradece que é muito bom encontrar as pessoas que ajudam os outros. “Não, mas eu não fiz nada, mas desculpa aí, não sei o quê...” Eu digo: não, fica no serviço, não tem nada não. Pode ficar no serviço, tem problema não. Esquenta a cabeça não. Deus dá outro. Os caras ficaram falando: “Não rapaz, tu deixou o cara” Eu digo: não, que ele às vezes estava precisando, né? Precisando, eu falei não, pode ficar. Para mim, quem tem coragem não fica parado, né? E eu não sei ficar parado. Às vezes o cara me chama para fazer uma pintura numa casa eu vou, faço. Aí, lá onde eu moro lá, tem um bocado de serviço lá para fazer pintura. Lá tudo é apartamento. E apartamento é fácil de fazer porque ele é pequeno, ele não é grande. Você pega, pinta tudinho, pinta os teto, pronto. Pinto janela, porta, está pronto. É melhor de pintar do que uma casa, porque ele é baixinho e não dá muito trabalho para fazer, né? Então é isso aí. Então se você quiser desligar [o gravador] para nós ver o que que deu. Vamos ver a, os erros e eu peço desculpa a você de algum erro que está aí, né?

[Não, o Senhor vai ouvir sim a gravação, mas eu, eu queria que o Senhor falasse mais um pouquinho para mim]

Você quer, quer que eu falo mais?

[É o senhor podia falar mais um pouquinho para mim sobre... por exemplo, o senhor já falou bastante sobre o trabalho, né? Mas e sobre a escola?]

Não, sobre a escola eu estou indo muito bem. Estudar é muito importante. A pessoa ter o saber é muito bom, né? Muito bom. Eu tenho um sonho assim dentro de mim que eu ainda vou aprender a ler muito bem, escrever muito bem. Eu tenho

assim um sonho dentro de mim. Um dia eu son...acordei lendo. Acordei, diz que eu pegava um caderno e ficava escrevendo. Diz que eu via a escrita assim, aquela letra bonita e eu com a caneta. Aí diz que eu falava para professora: Está certo aqui? (rs, rs). Está certo professora, do jeito que está aqui? “Olha está ótimo. Puxa vida! Você já aprendeu. Pronto. Daqui para frente não carece mais você, ninguém ensinar mais a você. Você já sabe.” Aí por isso que eu falo, a pessoa que, tem pessoa que não se interessa em estudar. Que nem eu conheço pessoa aí na, na, na escola aí na aula que fica xingando, não quer estudar, que nem eu conheço um menino, o Cícero, ele saiu da escola, por causa dele mesmo. Eu falava, rapaz tem calma, rapaz, paciência, rapaz. Não é por aí rapaz. Se a professora está falando esse lado aí, porque elas têm, em todas escolas existe isso aí. Se tem uma fala é fala, se tem palestra, é palestra, se tem uma física, é física. Porque pede dentro da escola. Todas escolas pede isso. Todas. Qualquer escola que você for tem isso. Se não vai, em qualquer lado você vai passar por esse lado aí. Você não pode ficar xingando. Desenho, tudo, tudo que fala dentro de uma escola, palestra tudo tem. Lê uma, lê uma história. Lógico, o aluno nunca viu. A professora vai ler aquela história para aquele aluno porque ele nunca viu. Quem já é estudado é que sabe que existe história, compra o livro e lê. E quem não sabe ler? Vai saber o que é que está escrito naquele livro? Então por isso que a professora pega aquele livro e lê aquela história para aquele aluno ver aquela história. Que nem eu achei bonito a professora falando a história do Rio Pinheiros. Achei muito bonito, falando a história do rio, antigamente, do jeito que o rio era antigamente. Ele era miudinho, era bem fininho o rio, aquelas curvinhas assim, né? Se mudou hoje? [palavra ininteligível]. Agora por que? Porque ninguém toma providência, né? Aqui em São Paulo, a cidade de São Paulo é uma cidade muito bonita, mas ninguém toma providência.

[O Senhor nasceu onde?]

Eu nasci em [nome da cidade], Pernambuco. Sou lá daquele sertão lá. Lá a vida lá era lutar com o gado, trabalho em roça. Aí quando eu tinha dezoito anos de idade, aí eu peguei e fui para o exército, fiquei no exército, servi o exército, fiquei um ano no exército. Tu acredita que a minha reservista eu não peguei ainda? Porque quando eu, eu, eu me alistei, aí ficou um tempo para eu voltar. Aí eu recebi uma carta, carta do quartel e não me apresentei e não voltei, não voltei. Aí a minha mãe mandou uma carta mandando dizer que era para eu comparecer urgente, eu não fui

ter com o alistamento, mas eu já entrei em contato na junta militar para ver o que é que dava, e um senhor falou que não dava nada não. Eu transfiro a minha reservista para onde eu estou. Comparação: eu posso transferir ela para cá, certo? Aí não vai dar problema nenhum não, mas se eu tivesse tido cabeça naquela época que eu, que nem eu fui para o exército e não ter saído, hoje eu era outro na minha vida. Que nem eles falaram: “fica aí rapaz, vai estudar aí, fica aí” Sabe o que eu fui fazer dentro do exército? Bater caixa. Pá, pá, pápápumpum. Os outros marchavam. Tamborzão de estudante. Eu batia [palavra ininteligível] em dois tempos, dois tempos mesmo. O cara não sai marchando? Então se bate, dois, é um passo, dois passo e meio. Sabe como é que quando uma pessoa sai marchando? Então, você não vê a pessoa marchando quando está, então? Batia a caixa, eu e o outro, o outro trabalhando, o outro, hoje ele está lá dentro. Hoje ele é cabo. Se eu tivesse lá hoje eu estava quase no nível dele. Estudando, estava estudando, tinha um estudo bom já nessa época, porque naquela época quando eu estava lá no Norte, eu entrei numa escola e fiquei um mês porque tem umas [palavra ininteligível] tem uns que eles dão aula lá no Norte. Meu primo, ele é professor e trabalha para o, negócio de imposto de terra. Aqui ele chama o quê? É imposto, né?

Lá no Nordeste não é imposto, é Incra. Incra é a mesma coisa de imposto. Aqui já é imposto. “Ah! Vou pagar o imposto da minha casa hoje.” Lá: Vou pagar o Incra da minha propriedade. Lá é diferente daqui. Mas acho que já mudou para imposto porque naqueles tempos atrás era diferente as coisas. Acho que já mudou para imposto lá, eu nunca procurei saber, mas acho que é imposto lá. Mas lá só sabe por Incra. Aquela papelada. Meu pai mesmo paga todo ano. Todo ano. Que a gente tem muita terra, muita.

Lá tem muita terra. Eu já tinha vontade de, que nem a minha mãe estava falando aí, para eu ir embora. Ir para lá, para ir cuidar das terras lá porque nós somos em doze irmãos. Não, doze irmãos, é. Tudo já casou, quase tudo já. Tem as minhas irmã, casou quase tudo, só tem uma, duas das mais nova, uma estuda. Inclusive, ela veio com a minha mãe, taí. Tem um bom estudo, mas não liga. Veio praí, o cara chamou, chamou ela para trabalhar no mercado lá, não quis. Quer ir embora. Eu digo, esse estudo teu não vale nada. Que se fosse eu que tivesse o estudo que tu tem, eu ia aproveitar esse estudo teu. Eu entrava num serviço aí, procurava uma faculdade aí e ia estudar. Mas não, não quer. Só está faltando fazer

faculdade, só. E não quer. Lá ela dá, ensina o Mobral, lá em, lá em [nome da cidade].

Ela tem uma leitura boa, hein? Bem sabida na leitura, né? Mas não quer não. Já tem o outro, outra prima minha, que ela também dá aula. Ela estava dando aula em Recife, né? Tem um monte da minha família que tem um estudo muito bom. Das minhas irmãs quase tudo tem uma leitura boa. Quase tudo. Agora, eu só não tenho uma leitura boa, que na época quando eu comecei, entrei na escola, eu fiquei um mês na escola. Tem até um conhecido meu que é, que ele é filho de uma irmã da mãe do meu pai, né? Aí eu comecei estudando, estudando. Aí ele: “Se interessa, se interessa, se interessa pelo estudo, se interessa.” Eu era pequeno naquela época. Aí, não tinha tempo, quando era, chegava a hora de ir para escola tinha que, catar umas vacas no curral, meu pai mandava a gente botar um monte de vaca, botar no curral, senão o gado comia bicho, aí não ia para escola, não ia de jeito nenhum para escola. Aí eu [palavra ininteligível] aquele destino ganhar o mundo. Aí eu dizia assim para minha mãe, quando eu crescer mais um pouquinho, pegar meus documentos, eu vou embora daqui, vou embora, sumir no meio do mundo, não dou notícia para ninguém. Falei isso. Que meu pai naq..., inda hoje ele é, mudou mais um pouco, mas antigamente, o meu pai tinha uma volta meio dura com a gente. Era eu, uma irmã minha. Era mais eu e a minha irmã que sofria mais. Tudo que era mais de sofrimento era eu. [palavra ininteligível] um animal bravo rapaz, eu era pequeno, não tinha força de segurar, tinha doze anos, treze anos, mandava eu pegar um animal bravo e montar, bravo. Uma vez ele mandou eu montar num cavalo bravo, eu quase me mato no cavalo, comigo. Boi bravo...

[Para que o Senhor tinha que fazer isso?]

Para pegar, para botar no curral. Para amansar. Que lá era, sabe o que é correio de campo, vaqueiro, sabe o que é? Se veste de perneira, veste a perneira, gibão, chapéu de coro e vai juntar gado nos mato, ancorado. Tem gado que nunca viu um curral na vida dele. Aí aquele gado tem que ir para o curral. Ou dum jeito ou do outro tem que trazer ele para o curral. Se não querer vir, na manha, vir andando para o curral, tem que correr atrás e pegar, dentro da mata. E aí? Tem que correr atrás, pegar e trazer. Aí você corre dentro do mato, por riba (sic) de tudo, aí [palavra ininteligível] dá medo de pegar aquela rede, cortar o chocalho, uma careta e trazer ele bravo que nunca viu um curral. Fazia isso lá no norte, por isso que eu não tenho

estudo. Esse negócio de sanfona: hoje eu sou unido em sanfona, porque quando eu era pequenininho, tinha um primo meu que ele tocava. Parte da minha família tem uns que roda, que são caminhoneiro, que roda na estrada direto e os outros, quase tudo toca. Minha família quase tudo toca, quase tudo. Os mais velhos já parou quase, tinha um que, que ele andou muito com o pai de Luiz Gonzaga, o meu avô, né? Que é o pai do meu pai. Ele tocava oito baixos, né? Entendeu? Aí, eu tinha aquela, aquela invocação (sic), de sanfona. Pedia para o meu pai, dizia: "Não, não é dar sanfona para você não, que quem aprende a tocar sanfona não tem coragem de trabalhar não". Meu pai falava. A minha mãe dizia: "Ts, dá uma sanfona para o menino. Quem sabe se, se der uma sanfona para ele, aí ele não vai ser outra coisa na vida". Aí tinha um tio meu, que, que ele tocava, né? Ele tocava oito baixos. Aí uma vez, o Luiz Gonzaga andou lá em [nome da cidade], que a parte da minha família é todinha de Exú, né? Lá de Serra do Araripe. Aí esse meu, meu avô, andava com Luiz Gonzaga, aí falou para Luiz Gonzaga: "Vou arrumar uma sanfoninha para ele, pequenininha". Eu era pequenininho naquela época. Aí eu custava ir em casa, na roça, aí meu avô, me chamando. "Ah, eu vou apanhar uma sanfoninha pequenininha para você, para você aprender a tocar. Quer aprender mesmo?" Viche, aí eu não durmi, não durmi naquele dia, pensando.

— Aí cadê, já trouxe?

— Não, vai ser para semana que eu vou viajar lá para Exu e vou trazer. Luiz Gonzaga vai arrumar para você. Vai trazer para você, para você aprender.

Aí sabe que eu fazia, quando eu era menino para aprender? Eu pegava uma, uma cabaça, abria a cabaça no meio. É, eu abria a cabaça no meio e pegava um, liga, sabe o que é borracha que estica, né? Cortava aquelas liga. Aí botava um monte, botava uma liga assim, outra assim, outra assim, outra assim. Aí botava uma nessa e outra nessa. Aí [palavra ininteligível] todinha brincando dia de sábado. Aí ajuntava os menino tudo, pegava e dançava no terreiro. Inventava isso e tinha outro colega meu, que ele pegava uma lata e ficava batendo numa lata, né? A invocação (sic) grande. Se meu pai naquele tempo compra um instrumento para mim, Oxa! Hoje eu era outro na minha vida, não vivia [palavra ininteligível] aí na vida não. Vivia não. Quando eu vim, aí quando eu saí do exército, digo eu vou, vou trabalhar e vou fazer onde comprar uma sanfona para mim. Aí tinha um primo meu que ele tinha uma sanfona, né? Era trancado. Ele tinha um ciúme daquela sanfona que por amor

de Deus. Aí quando foi um dia, eu pedi a ele: “Deixa eu pegar um pouquinho?” Aí ele: “Não, só deixo você pegar nessa sanfona, se você limpar esse pedaço de mato aqui, todinho hoje. Mas era grande o pedaço de mato. Eu digo, mas você vai deixar eu pegar quantas horas? “Não, só um pedaço, só um pouquinho. Não é muitas horas não, hein?” Aí eu cheguei seis horas da manhã, meti o... estou limpando aquele mato, mas deu meio-dia, deu uma hora, deu duas horas, deu três horas, quatro horas, cinco horas (rs, rs) e eu não acabava de limpar o mato, quando eu fui acabar de limpar era seis horas da noite, já escuro. Acabei. Aí eu cheguei em casa, cheguei lá: Oh, [palavra ininteligível] chega aí para mode (sic)... “Não, ele saiu”.

Oh! Já terminei lá. E aí, posso pegar lá? “Não, ele deixou trancada”. E me deu uma tristeza em mim rapaz, mas eu saí triste...Aí, ah não quero mais não. Aí voltei e vim para casa [palavra ininteligível]. Ele me viu: “Vai lá para pegar um pedacinho”. Eu digo, não, não, não. Não quero mais não, não quero mais não. Cuida da sua sanfona, um dia eu ainda compro uma para mim. Um dia eu ainda compro uma, vou comprar. Aí meu pai uma vez ainda pensou de comprar uma. Não comprou. Aí foi na hora que eu fui lá para o quarto, aí fiquei lá. Falar para invocação (sic), invocação (sic). Aí, eu pedi para sair. Dei baixa para sair, não quis ficar. Era para ficar direto lá. Dei baixa para sair do quartel. Aí eu vim para casa, né? Aí eu cheguei e falei: mãe agora eu vou ajeitar meus documentos e vou embora para São Paulo. Aí minha mãe: “Meu filho, você sabe que a pessoa que ganha o mundo, não arruma nada de bom. Mãe não arruma não, mas pai arruma todo dia.” Minha mãe falou isso para mim. E é mesmo, a pessoa que anda jogada... Arrumei tanto pai para bater em mim, viu?

[Como assim?]

É qualquer um, minha filha. A pessoa vê que você está sem, a pessoa quer bater em você, quer vir tirar uma com você, a pessoa que anda no mundo. [palavra ininteligível] na minha vida aqui em São Paulo. Sorte que eu não dou moleza. Não dou moleza para ninguém. O cara vem eu mando sair fora. Aí eu, cheguei comecei ajeitando as coisas. Meu pai: “É, agora é cuidar dos bichos, agora aí [palavra ininteligível] de entrar numa escola.” Ah! Só sei assinar meu nome mal. Não tenho uma leitura boa. Eu ir para essas cidade grande, São Paulo, tem que ter uma leitura, sem estudo não vale nada. Foi que nem o capitão falou para mim: “José, você aqui dentro do quartel é uma pessoa muito querida, aqui dentro, educado. Só está

faltando você estudar. Você ser uma pessoa do nível lá em cima. Depende você querer. Por quê você quer sair daqui? Todo mundo gosta de você aqui. Você vai estudar, vai aprender um monte de coisa aqui dentro. Vai ficar aqui. Não tem precisão de você sair daqui. Você já sabe bater as caixas aí, os tambor. É tirando sarro... Já sabe bater os tambor aí para os soldado, ficar marchando aí, então está bom demais.” Aí eu falava na sanfona.

“E pode deixar que nós vai dar uma sanfona para você.”

[palavra ininteligível]. Não, mas eu tenho vontade de o senhor dar baixa aí nos meus documentos. “E a sua reservista? Você não pode viajar, ganhar o mundo aí sem sua reservista. Como é que você vai arrumar emprego sem reservista?”

Não, mas o alistamento não está dispensado? Chegar no tempo eu venho pegar minha reservista ou, onde eu tiver eu mando transferi.

“Não, mas ninguém quer que você saia.”

Eu peguei e saí. Dei baixa. Aí saí. Aí fiquei em casa, trabalhando lá, ajudando meu pai, ajudando, ajudando, ajudando. Foi indo, foi indo, aí veio aquela invocação para mim. E para vir? Meu véio (sic) falou: ”O quê? Tu não é besta de querer embora daqui.” Oh! Ele me deu uma outra dura. Aí, tinha um primo meu que ele viajava direto, caminhão. Aí eu falei para ele: [palavra ininteligível], tem coragem de me levar para São Paulo? “Depende você querer. Quer ir hoje?” ”Aí eu cheguei em casa: Mãe, da outra vez que [palavra ininteligível] vier eu vou mais ele. “Menino vai te aquietar, menino. Vai cuidar das coisas aí.” Eu tinha umas coisinhas minha, né? Tinha bicicleta, tinha um monte de coisinha, aí para vender. Aí deixei de lado, nem vendi. Aí quando [palavra ininteligível] voltou eu arrumei umas malinhas, arrumei minhas roupa, pus dentro das malas. Novinho, o cara é novo, dezoito anos, dezoito anos, cabelo cortado curtinho. Eu. Aí quando ele voltou, eu, não falei nada para o meu pai. Se falasse ele não, não ia deixar, né? Aí eu vim para [nome da cidade] numa bicicleta. Bicicleta que eu tinha novinha. Falei só para minha mãe. Aí eu cheguei em [nome da cidade], tinha um irmão da minha mãe, que ele mora em [nome da cidade], ele trabalha com negócio de padeiro, essas coisas. Ele é padeiro fino. Irmão da minha mãe, né? Faz pão na padaria, né? Aí eu cheguei e falei para ele: olha meu tio, vou deixar essa bicicleta aqui, que hoje eu estou viajando. “Você vai para onde?” Vou para São Paulo.” “Você vai com quem, meu filho?” Meu tio, não,

vou com meu primo lá, que é caminhoneiro, o [palavra ininteligível]. Falou comigo lá: “Mas você vai para casa de quem, meu filho?” Meu tio, né? Não, vou para casa de um colega meu, que ele, eu estou com o endereço dele direitinho, eu vou...

“Mas você pensa que andar no mundo é assim? Tu não tem estudo.” Meus primos tudo estudava, trabalhava em banco, aí, por aí, um bocado aí. Eu falei não, mas quando eu chegar lá em São Paulo eu vou entrar numa escola e vou aprender, vou aprender. “Hã. É, está com um bom pensamento, um bom plano”. - Meu tio. “Olha, cuidado, hein! A pessoa andar no mundo assim não é brincadeira, não, hein?” Não, pode deixar. “ [palavra ininteligível], falou com seus pais direitinho?”

Não, minha mãe está sabendo. Agora, meu pai, fala nada não, mais ou menos.

— Está bom! E a bicicleta, entrega...”

— É, eu vou deixar a bicicleta com o senhor, o senhor entrega para, para os meus irmãos que chegar aí, fala que eu viajei, peguei o caminhão e caí no mundo [palavra ininteligível]. Aí quando chegou na Vila Maria. Conhece a Vila Maria?

[Conheço]

Então. Não conhecia ninguém. Aí eu cheguei assim era umas cinco horas da tarde. Aí, o [palavra ininteligível] falou: “Pronto rapaz, chegemo (sic). E agora? Aí é o teu destino da tua vida. Cuidado, hein? Cidade grande, ter cuidado, hein?” Falei, deixe comigo. Aí desci com aquela malinha, sozinho e Deus. Não conhecia ninguém, ninguém, ninguém, ninguém. Placa? Ler uma placa? Como é que eu ia ler aquela placa? Sabia um pouquinho assim. Aí eu disse: caramba, e esse endereço para achar. Aí eu saí olhando o número. Eu passei na rua direto [palavra ininteligível] até no fim. Não estava. Número eu conhecia. Fui e achei o número. Quando eu cheguei na casa o cara não morava mais lá.

Já era seis e meia da noite. Aí eu falei e agora? Que eu faço? Sozinho aqui, sem conhecer ninguém. Dinheiro eu tinha um pouco ainda. Aí eu vi um bar assim, meio grande. Cheguei perto do bar, um cara estava, um cara [palavra ininteligível] assim do norte. Conheci que se o cara é nordestino, aí o cara falou assim, olhou para mim e disse: tu vem da onde? comigo. ”Não, estou chegando de viagem”. Rapaz, você está com jeito de cara que nem está fugindo, rapaz, do exército. Cuidado que os cara aí estão pegando, cara que foge do quartel, viu? “Não meu

amigo, que é isso?” Aí tirei os documentos e mostrei para o cara. O cara lá da Paraíba.

Mas você vai para onde? “Não, fui ali no, descobrir onde é que um colega meu morava ali, mas ele não mora mais aí. Mudou daí.” Aí ele conheceu o, ele. Chamava Mané, o nome dele.

— Ah! O Mané, não, ele mudou daí, rapaz. Ele não mora mais aí não. Está morando lá para o lado, perto do Ceasa. E agora? Eu não sei onde ele mora, não. Eu falei: “Não?”

Mas se for por isso, você pode ficar aqui a noite com nós. Pode ficar a noite aí com nós aí, que a gente dorme por aqui e, passa a noite com nós aqui. Tudo bem. Aí peguei a malinha, entrei, né? Fiquei por ali. “Quer jantar?” Acanhado. O cara quando vem do norte é acanhado, né? Aí já chegou [palavra ininteligível] chamando eu para sair, para ir não sei para onde. Eu digo: não, cheguei agora do Norte. “Não, mas vamos com a gente, vamos com a gente”. Não sei o quê. Aí chegou outro, um rapaz. “Não rapaz, tu está em casa, rapaz, que isso, rapaz” Tudo cara que nasce aqui, bem estudado. Rapaz chegou. Aí chegou um menino assim, oh, conversando comigo e falando bem, viu? E eu procurando as coisas para mim, respondendo, né?

“Mas, você vai ficar aqui com nós. Fica com nós aqui toda vida. Perguntou se eu sabia ler, a menina, olha? [palavra ininteligível] menina deste tamanho. Sabida! Filha do filho do, não filha dele, né? do Paraíba. Eu falei que assinava o nome, né?

“Fica aqui nós te ensina a ler.” Aí tomei amizade com ele lá. Aí quando foi no outro dia o véio (sic) me chamou lá dentro. “Oh! Gostei do teu jeito. Você tem o jeito de uma pessoa muito boa. Quer trabalhar com nós aqui? Vou ensinar você trabalhar no balcão, aí oh! Bebida, fazer caipirinha, fazer vitamina. Primeiro você vai fazer uma vitamina”

Está bom. Aprendi um monte de coisa lá no, aprendi no, quando você entra para o exército aprende a fazer um monte de coisa, fazer comida, fazer tudo no mundo. Vitamina eu sei fazer. “Então, vai lá fazer uma vitamina.” Peguei um abacate, banana, maçã, leite. Botei um pouquinho de um, pouquinho de outro, botei no liqüidificador, liguei lá e, fiz a vitamina. “Agora uma caipirinha.” Oxente! Demorou... Eu sabia um monte de coisa já. Aprendi lá no norte. Aí fiquei trabalhando nesse bar um monte de tempo. Foi sorte minha de ter achado assim, essa pessoa,

viu? Aí fiquei, deu um mês, dois meses, três meses. Aí quando foi me deu uma vontade de sair andando, um dia de domingo sozinho. “Oh! Não anda só por aí não, que periga você se perder.” Não, pode deixar que eu me viro. E para pegar um ônibus, Jussara? Eu digo, tenho que aprender pegar um ônibus. Que que eu faço para pegar um ônibus? Aí os cara falava Parque Dom Pedro. Parque Dom Pedro!!! Primeira letra é P. Tenho que procurar no ponto de ônibus. Chegar no ponto de ônibus, procurar como é que eu vou pegar esse ônibus, para ir lá na Praça da Sé. Andar, eu tenho que conhecer alguma coisa. Aí eu cheguei no ponto do ônibus, no ponto final, digo: aqui que é o ponto final do Parque Dom Pedro? “É aqui mesmo.” Aí eu falei para o moço: É porque , eu sou novato aqui, vim do nordeste aqui, não conheço nada aqui e quero dá umas volta aí para conhecer. “Não, não esquentar a cabeça não, rapaz. Entra aí.” Aí eu entrei dentro no ônibus (entre risos). Fui parar lá na cidade. Aí eu andei por a Praça da Sé. Todo canto. Eh! Os cara brincando lá, tocando lá, e eu. Pronto, aí eu comecei a andar na Praça da Sé, sozinho. Agora e para voltar? Como é que eu vou fazer. Ele falou: “toma esse endereço aqui, aqui ó e o telefone. Qualquer coisa você liga.” Aí para voltar tinha que pegar o Vila Maria. Tinha o Jardim [palavra ininteligível]. Tudo direitinho no papel. Aí eu chegava no ônibus, olhava o papel e olhava lá o nome do ônibus. Vamos ver se bate esse nome com aquele. Aí, é triste a pessoa não saber ler, viu? É muito triste! Aí eu olhava aquele nome aqui, contava as letras. Caramba, está batendo. As letras está tudo igual. É isso mesmo. Aí eu chegava no motorista: Esse ônibus aqui é esse ônibus aqui (mostrando o papel). Esse número aqui? “É. Vai para onde?” Vou lá para Vila Maria. “Pode entrar.”

Por muito tempo eu fazia isso. Aí quando foi um dia eu vim, vim, andei por o Viaduto do Chá, Praça Ramos, Avenida São João, conhecia tudo, conhecia tudo, não se perdia mais não. Comecei a andar em São Paulo assim. Um dia eu peguei o metrô, o metrô foi no final, voltou. Foi no outro, voltou. Foi no outro, voltou. Foi no outro, voltou. Aí chegou o cara e falou: “Meu amigo, você já deu quatro viagens. Já vai fazer oito viagens. Você nem desce. Está perdido?” Não meu amigo. É que eu vim lá do nordeste e aí eu estou conhecendo, aprendendo a andar. “Ah, é? Não, mas já está bom de descer. Você vai descer aonde?” Eu vou descer na Sé. Sai falando “estação São Bento”, “estação Sé”, “estação tal, tal”, não é? Aí o cara falava: “estação Barra Funda”. Aí, ia contando as estações. Estação São Bento”, “Estação

não sei o quê”. Aí: “Estação Sé”. É essa aqui, pulava fora. Aí eu andava, andava, andava. Agora aquele dia foi fogo. Dei oito viagens no metrô. Fui quatro para lá e quatro para lá. Mas era rápido demais, mulher. Chhhuuuuuuu. E eu lá. Aí o cara chegou e procurou. Não meu amigo, não esquenta a cabeça não, que eu vim do nordeste vai fazer poucos meses que eu estou aqui e eu estou aprendendo a andar em São Paulo porque eu não conheço nada. Não pode? “Não, não esquenta a cabeça não. Fica a vontade aí.” O cara que trabalhava lá dentro do trem, né? Não falou nada, não. Aí eu, todo domingo eu fazia isso de brincadeira. Dia de sábado. Aí eu entrei no, aí eu vim andando na Praça da Sé, encontrei com esse colega meu. Adivinha? Encontrei de cara assim. Ele estava em pé assim, eu cheguei: Mas rapaz, você aqui rapaz! Ele olhou para mim: Mas... Fui lá no seu endereço. Você mudou. Está morando aonde? “Eu moro lá em Osasco e trabalho num restaurante. Num restaurante aqui perto do Ceasa. Falei: você está onde? Eu to lá no, no Paraíba. Eu trabalho lá no bar, mas eu quero sair de lá. “Ah! Se você quiser vir trabalhar aqui no restaurante eu arrumo para você.”

Antigamente nas épocas que eu andei, que eu vim para São Paulo, praqui, era muito bom, emprego. Emprego era um em riba (sic) do outro. Essas fábricas daqui, aqui perto do Ceasa, do Mappin, tudo funcionava, tudo. Você chegava em qualquer firma dessa aí e arrumava emprego. Você escolhia emprego para trabalhar. Você entrava numa firma, se você não quisesse ficar naquela firma ali: “Não, eu vou sair dessa firma aqui, vou entrar naquela ali.” O cara já mandava trazer os documentos. “Não, pode vir amanhã. Já quer começar hoje? Pode entrar e já começar.”

Antigamente o mundo era bom demais. Mas aqui hoje, está muito difícil as coisas aqui em São Paulo. E está muito perigoso a violência, certo? Então, Jussara eu acho que já está chegando o final. A palestra eu acho que você está gostando.

[Eu estou. Estou gostando muito da sua história.]

Então, e a hora já dando, olha faltam vinte para as dez do dia, né?

[O Senhor tem pressa?]

Eu acho que, eu acho que já encheu essa fita do lado da outra, né? Então agora você tem que contar um pouquinho da sua vida, eu queria ver como foi o seu começo, a sua vida, sua carreira de estudo, certo? Porque a pessoa que é bem

estudado é muito importante. Eu acho muito bonito. Principalmente a pessoa que, que fala bonito. Que nem a D. Maria, eu acho bonito ela falar. Acho muito bonito. Tudinho. As pessoas que sabem falar, explicar. Acho muito bonito a pessoa que fala bonito. Eu só não falo mais, mais bem explicado por causa dos meus dentes. Já arranquei quase tudo já. [palavra ininteligível] porque a pessoa que fala segue e puxa muito o “r”, né? Então, se você arrancar os dentes da frente como é que você vai puxar o “r”?

[Erre. Rrrrá. Assim?]

Então. Se você arrancar o dente dá problema na...

[Não consegue fala o “r”?]

É Não consegue falar uma letra. Sempre tem que deixar uma letra. A metade de uma letra. Está sabendo? Que é mais o “r”. Todos nós fala mais puxando o “r”. Duvido você, você falar, você não puxa: ERRE. Ali. Aculá. Duvido. Sempre puxa o “r”. Não tem jeito. É mais o “r” e o “i”. Né não?

Presta atenção, você vê não é? Eu já analisei, assim, assim em letras, assim. A pessoa quando está falando, fala mais o “r” e o “e”, não sei porque é. Eu queria saber porque que cai mais essas duas letras [palavra ininteligível]. Isto. Oh! isto fala o “s” e o “i”, né? Não é não? Não estou falando? Então, eu analiso as coisas. Quando a pessoa está falando eu fico analisando. Sempre a pessoa está falando, aqueles tipos de frase e palavra [palavra ininteligível] sempre cai naquela letra. Pode ver que cai o “a”. Aí sempre vai caindo. Que as consoantes já é uma coisa. Aí tem o outro lado de letra, esqueci o nome como é que fala. Que as consoantes é mais que puxa na...

[É a vogal.]

É. As vogais, né? Acho que as vogais que fala mais, que é “o”, que é “a”. Cai a letra “a”, a “i”, a “o”. Agora já as outra não é, não é...

[Mas como foi que o senhor aprendeu a, a tocar?]

Não. A mu, música, quando eu aprendi a tocar foi assim: quando eu vim aqui para São Paulo, eu já sabia cantar. Eu fiquei um bocado de tempo cantando de ritmista num trio de forró. Eu era ritmista no trio, certo? Tocava em salão. Sanfona, quando eu vim do nordeste praqui eu não sabia tocar sanfona. Aí aquela invocação

(sic). Vou comprar uma sanfona. Aí comprei uma sanfona para mim, piqueninha, né? Aí eu tocava num trio, era ritmista de um trio. Era, eu cantava no trio. [palavra ininteligível] doendo a minha garganta. Eu devo inté (sic) [palavra ininteligível] para ver o que era, corda vocal. Aí eu comprei a sanfona e ficava, ia para o salão doido, ganhava. Eu trabalhava numa firma, numa metalúrgica, trabalhava com torno, torno mecânico. Eu sou operador de máquina. E a noite, sexta, sábado e domingo ia para o salão. [palavra ininteligível] o cara acompanhava na sanfona. Eu não sabia tocar sanfona ainda. Sabia? Ficava olhando assim, cabreiro. Aí quando foi um dia o cara, não ligava não, pegava. “Pega lá.” Acredita que a primeira vez que eu peguei num instrumento, [palavra ininteligível] botei uma música [palavra ininteligível] cantei até Asa Branca, todinha. Aí o cara falou: “Você aprende tocar. Tem todo rumo de aprender. Por que você não compra uma”? Eu digo: agora não, mas daqui um tempo eu vou comprar uma pequeninha. Agora, essa seleção do, nova que saía, aprendia tudo, música. Eu sei muita música, eu fico calado, aqui para nós, às vezes a gente, quando a gente sabe das coisas, a pessoa não pode falar para ninguém. Às vezes você tem um pensamento dentro de você, pensamento bom, lado bom. Você tem assim uma vontade de realizar um, um sonho dentro de você. Ah! um dia, um dia eu realizo aquilo que eu tenho vontade na minha vida. Aquilo que você está pensando. Não, um dia vai acontecer e eu vou conseguir. A mesma coisa, eu né? Eu não tenho estudo, a minha leitura é pouca. Então, eu ponho dentro de mim assim, um dia eu realizo o que, o que eu quero fazer na minha vida, pegar um, pegar um lápis, um papel e vou escrever aqui um jornal deste tanto. Que eu quero escrever. Vou fazer uma carta bem bonita para eu pôr tudo que eu quero pôr, certo? Então, esse é um pensamento que a gente tem dentro da gente, tudo. Nós tem aquele pensamento firme dentro da gente e, que fica aquela força de vontade, até que consegue fazer, entendeu? É que nem eu. Quando eu vim praqui, sempre eu tenho aquele pensamento dentro de mim. Às vezes eu andava assim, noites, pensando. A música, é um, a música, ela não tem fim, a música, a música, ela significa assim numa arte. A música, ela é sem fim, e é um tipo de um trabalho. É, é tipo de arte. A arte é um trabalho, é mesmo você estar trabalhando aqui.

Agora que a música é mais difícil, a música já é de, já é um dom que a pessoa nasce, já como dom mesmo, da mente. Puxa mais para mente, para ouvido. Precisa ter um ouvido muito bom. Se você não tem o dom nem adianta, você pode

estudar, pode fazer o que quiser, pode se formar. Se estudar, tem faculdade para música, doze anos para você estudar, para se formar, para ser um músico de verdade. Ser um maestro. Doze anos. Eu conheço um cara que, ele estudou doze anos, música. Ele não toca. Porque ele não tem o dom. O dom que diz, que, que eu quero dizer é afinação no ouvido. [palavra ininteligível] são boa. Comparação, se você pega uma tonalidade musicais, você tem que saber que tonalidade é essa. Se é alta ou se é baixa. Como é que você vai saber? Às vezes você está ouvindo um, ouvindo um rádio, aí: "aumenta mais um pouquinho aí, para mim aí" aí eu falo uma palavra que você não ouviu. Mesmo quando o gravador está gravando. Então, porque suas [palavra ininteligível] não é boa. Que a música puxa muito pelo ouvido. Muito, muito. Eu tenho um livro de, de música que eu ganhei. Ganhei lá na Casa Manon. Quando eu cheguei na Casa Manon, hoje eu não trabalho na Casa Manon hoje porque eu não tenho estudo. Acredita Jussara? Não tenho estudo. Aí eu cheguei na Casa Manon, o cara me chamou, eu peguei, olhando ali. O cara: "Você toca o quê?" Eu já sabia um pouco, um dia desses. Não, eu toco um pouquinho de música, mas não é muito não. Eu não falo que toco. Eu não falo para ninguém não. Aí eu cheguei, com o cara ali, pá. Olhando a sanfona e não tinha quem testava o instrumento. Aí o cara me chamou num canto, o gerente, que manda lá. "Você sabe mexer em qual instrumento aí? Então, se você fazer aquele cara lá, comprar aquele aparelho lá, eu vou te dar um presente". Mas sobre o quê, o cara? "Não, você ir lá, chamar, faz de conta que você é o vendedor. Chama o cara lá, o cara está querendo comprar um aparelho aí, uns instrumento aí, mas eu não entendo, eu só vendo. E o outro menino que, que apresenta aí, não está aqui." Ah! Só isso? Falei: "Quer comprar o que?" Oi bom dia! Cara bem arrumado. E eu perto de um cara daquele... Mas é igual, mesma coisa. Aí eu cheguei: Bom dia, tudo bem com o senhor? Interessa o aparelho, aí? "É, queria comprar esse..." Era um órgão. Rapaz, órgão!!! [palavra ininteligível]. Esse aqui é um aparelho muito potente e, e italiano. Instrumento muito bom. Vou te dar uns tom para ele, para o senhor ver. Eu liguei lá, e eu: pam, pam, pam. (risos) Aí o cara falou: "ela tem um som muito bonito." Aí a mulher dele: "É, chama minha filha para ver se, se ela vai gostar. Porque ela ainda vai estudar ainda, vai entrar numa aula de música para estudar." Falei: Oh, minha filha. Você já conhece, sabe um pouquinho? "É. Eu não conheço nada não, porque na aula que eu estudo, eu estudo. Faço faculdade, mas não é de música. Mas eu tenho vontade de aprender, pois o som é esse aqui. Aí eu: pam, pam, pam. O cara

ficou olhando. “Ah! Você conhece.” Eu digo: não, eu estou aprendendo. Isso aqui eu não manjo não. Estou dando uns tom para o senhor e nota porque eu conheço notas, né? “Mas você toca outro instrumento? Pega a sanfona ali.” Uma que tem oitenta baixos, aí eu toquei Asa Branca lá dentro do, do, lá na Casa Manon. Aí as mulheres que estavam lá trabalhando, gerente. Era mulher dançando com outro, outro com outro. Aí pronto. Aí o cara terminou comprando o órgão. Comprou. [palavra ininteligível] e agora? Aí o cara, estava lá dentro sentado, um cara. Me chamou lá dentro do escritório assim. Eu fui. “Senta aí. Você é daonde?” Eu digo: Sou lá do nordeste. Pernambuco. “Você já trabalhou de vendedor, José? Puxa, vida! Eu achei bonito. O senhor tem uma boa frente para, para negócio, hein? Trabalha? Falei que trabalhava no Ceasa. “Oh, que grau de estudo você tem?” [palavra ininteligível] oh, meu amigo, só assino meu nome. Eu não vou mentir para o senhor, dizer que eu sei, sei ler. Só assino o nome. Aí eu já tinha, estava começando a entrar aqui. Inclusive, eu, eu já fiz uma matrícula para entrar numa escola para estudar, aprender a ler. “Pôxa vida! Que pena, viu? Quantos anos você tem?” Tenho tantos anos. “Você saberia que você pode estudar mais uns vinte anos? E ser um cara para frente? Oh! Se você tivesse um pouco de estudo, se soubesse preencher uma ficha, ou fazer uma nota, eu ia pegar você para trabalhar aqui com nós.

Aí as moça: “não, pega ele, pega ele assim mesmo, pega ele assim mesmo, pega ele assim mesmo”. Risos. Foi, as moça que trabalhava lá dentro. Não, mas quando for fazer, como é que ele vai fazer uma nota?

O cara compra um aparelho, aí eu tenho que chegar lá, marcar aquele total e mandar fazer, né? Aí, ele pegou um livrão assim e disse:

— Esse livro aqui está custando quase R\$ 100,00. Mas tome de presente para você.

Aí ele pegou um BONA. Sabe o que é um BONA?

[Não]

Eu tenho em casa. Pegou um outro livro.

— Esse aqui está custando R\$ 80,00. Tome. Eu vou dar esses livros e o BONA para você.

[O que é BONA?]

De aprender música. Música para você aprender a tocar. Ah, eu com esses livros!! Eu tirei as notas da sanfona todinha. Eu escrevo tudinho para você as notas aqui, agora. Agora eu sei. O dono da loja: “Você volte e entre nessa escola e aprenda a ler. Aprenda a ler. Se você chegar aqui e eu mandar você fazer uma ficha aqui, eu pego você para trabalhar aqui de vendedor. Só para vender aparelho e instrumento para os fregueses. Você dá para trabalhar nessa profissão porque você já sabe tocar e conhece os aparelhos”.

Certo? Aí eu estou aqui e com fé em Deus vou chegar lá nesse nível.

[Mas então o senhor lê as partituras?]

Leio e escrevo tudo no papel. Quer que eu escreva aqui?

[Quero.]

Notas musicais [desenhou]. Essas linhas aqui significam em 5 linhas musicais. Todas as linhas musicais significam em 5 linhas musicais. Não tem uma linha mais do que outra. É cinco linhas. Certo? Não tem fim. Então tem umas linhas musicais. Eu sei que você sabe. Isso aqui chama uma clave de sol e essa aqui chama uma clave de fá. Entendeu? São as notas musicais. Aí se você quiser saber o que é nota... você não vai saber. Comparação: seu fazer isso aqui, você vai saber o que é? [desenhou] Eu sei o que significa. É os nomes das notas musicais. Comparação: tem uma, duas, três, quatro, cinco. Aqui já tem uma nota e já está em outra escala. Então eu posso botar as notas. Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si. Aí põe. Eu não sabia escrever, mas aprendi. Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si. Entendeu? Aí está dizendo os nomes das notas. Então, você sabe o nome das teclas musicais que chama cada uma nota. Comparação: se você falar em sons estinidos. Sons estinidos são os tons melhores que existe. Tons bemores também tem. Tons bitonados é os melhores tons. Não é todo mundo que toca nessa tonalidade. Só as pessoas que lê muito e sabe o que é partitura de música. Tem cara que fala assim: “Ah! Vou tocar.” Ele não sabe nem o que é um som bitonado.

Dá um som bitonado para um cara que não sabe. Ele nem vai saber o que é. Ele não toca, não toca. Que é muito difícil. É a fundura das notas musicais. Aí já cai em doze tempos. É subir muito. Nós que é amador de música, toca em dois tempos, três tempos. Então a gente pode falar as coisas. Tocar muito, eu não sei ainda porque eu comecei um tempo desses, mas eu posso aperfeiçoar a música, treinar e

ficar bom. Tem toda a carreira. Então, eu vou ter o nome das notas musicais. Você sabe o que é uma nota fácil estinado? Olha: fácil estinado, está aqui ó. [começou a desenhar] Não está essa nota assim? Eu vou saber que ela é fácil estinado por causa disso aqui ó. Não tem esses dois risquinhos assim? Esses dois risquinhos aqui significam nota simples. E ela assim, aqui ela assim é um tempo. Assim já é dois tempos. Assim já é três tempos. A gente estamos conversando aqui, nós estamos explicando os dois lados musicais. Eu não sou um maestro ainda, mas o pouquinho que eu aprendi, aprendi com uma pessoa que é maestro e professor de música.

Então, Jussara, essa nota musical, ela significa em dois tipos de tonalidade. Ela dá fácil estinado e dá FA e BEMOL. Aqui ó. Esta nota aqui já é BEMOL. FA, BEMOL. E tem maior e tem menor. Então depende o tom que você vai pegar. Se você vai cantar uma música, pede vários tipos de tom, né? Ou às vezes é tom baixo, às vezes é alto. Depende a voz que você canta. Todos nós tem uma voz diferente dos outros. Tem mulher que ela não canta igual a outra. Tem mulher que canta com uma voz mais fina, outras já canta mais grave, outra já canta mais agudo. Não é igual. Mesma coisa é homem. Você não vê essas duplas sertanejas? Uns cantam diferente dos outros. Aquela dupla José de Camargo e Luciano. Você não vê como o José de Camargo canta?

Então. Ele canta muito agudo. Então a voz dele já é de nascença. Agora tem um porém, tem que cuidar muito, porque se der qualquer probleminha nas cordas vocais, já dá problema na voz dele. Porque é a última voz que canta, porque é aguda. Você cantar grave, grave já é mais fácil porque não força muito, mas quem canta agudo é som muito alto e força muito.

[Como o senhor canta, agudo ou grave?]

Não. Eu canto um pouquinho grave. Grave é mais fácil. É o mesmo que você falar natural. Você não fala? Como a pessoa falar inglês. Se você mandar a pessoa falar, tem pessoa que fala. Já é diferente da pessoa que nasceu lá no estrangeiro, nos lugares. É diferente do brasileiro. A mesma coisa é a pessoa que canta. Agora, o canto já é de natureza. Você já nasce com aquele dom de alegria dentro de você. A sua alma já nasceu com aquela alegria. Tem pessoa que às vezes, uma pessoa que canta e não tem tristeza na vida dele. A vontade dele é estar cantando, cantando, cantando. Eu mesmo se eu pudesse, eu não trabalhava não. Vivia só com o

instrumento pregado nos peito. Direto. Porque eu amo muito o lado de música, eu acho muito bonito e dou muito valor à música. Música não é bagunça não, minha filha. Música tem que ter o maior respeito pela música. Não é você pegar um instrumento e ficar fazendo bagunça, aprontando não. Música tem que ter respeito. É um canto que bate o recorde no mundo todo. O hino nacional é um tipo de música que você tem que ter o maior respeito. É poucas pessoas que sabe o hino nacional todinho. Tirar ele na sanfona eu sei tirar. Inclusive a Irene, que é uma pessoa muito gente fina, eu pedi um favor a ela, ela escreveu o hino nacional para mim. Aí eu fui ver, ainda falta umas coisinha ainda. Porque o pessoa canta o hino nacional, mas eles não canta completo não.

[Cantam faltando?]

É lógico que falta. Letra. Vocês têm que ir num estúdio musical e procurar o maestro e pedir. Aí eles sabem completinho. Se toco solado é uma coisa. Agora, você cantar ele todinho... Ela [Irene] deu o hino, aí eu gostei. Não vou dizer que ela não sabia todo, né? Mas ela deu o hino nacional quase todo. Faltou pouquinha coisinha, que às vezes não foi erro dela, né? Às vezes, que o hino é grande. O hino nacional, no mínimo, se não chegar a umas doze estrofes, por aí. A senhora sabe o que é estrofe? Estrofe é os versos. Um, dois, três. Você não pode misturar as músicas. Escrever a música de cima abaixo sem separar. Você tem que pôr uma estrofe aqui, pôr outra aqui, outra aqui, está entendendo? Primeira estrofe, segunda estrofe. Aí vai subindo. Tem música que tem doze estrofes grandes, muito grande mesmo. Tem música, tem muita que tem duas. Aí é facinho de você pegar, mas uma música grande, você vai cantar uma música que tem oito, nove, dez. É difícil de pegar. Então, igual eu estava explicando para ti: aqui tem os nomes das notas nos espaços, entendeu? Aí, isso aqui é o tempo das notas. Tempo que é um, três. Qualquer um que não toca um instrumento, pode aprender a tocar um instrumento. Ele pode aprender a cantar. Nem que a pessoa tem a voz ruim o canto faz muito bem para pessoa. Se você chegar assim num consultório de música que só tem maestro, se você é uma pessoa que só vive triste, de cabeça baixa e você conversar com uma pessoa que é maestro, que é músico, que canta, quando você sai de lá, você já é outra pessoa, com pensamento diferente, que mexe muito com a cabeça da gente, com a alma da gente. A alma da gente, você vê um pássaro. Quando o pássaro está triste, porque é que ele está triste? Então me responde agora: porque

quando o pássaro está triste, ele não canta? Sabe porque é? É porque às vezes ou ele está doente, ou quebrou a asa, ou quebrou o pezinho dele. Ele está triste, então acabou a alegria dele. Não canta. Agora, quando ele começa a cantar disparado é porque ele está alegre. A mesma coisa é a pessoa que canta. Nem que às vezes esteja meio doente, mas ele quer fazer o possível para cantar. Às vezes dá um negócio nele, então ele morre de repente. A pessoa que canta morre, mas com negócio de problema de coração, né? Então a gente tem que se cuidar muito. A pessoa que canta tem que tomar muito cuidado. Essas coisas mexe muito comente da gente. Tem que tomar muito alho. Pega o alho, pisa ele, põe na água e toma gelado o alho roxo, que controla a circulação da gente e você não passa nervoso à toa.

Você passa o dia todinho aí fazendo computação, aí chega um e pede isso, outro pede aquilo, aí não fez direito, esquenta a cabeça, passa nervoso. Aí você tem um pouquinho de água do lado com alho pisado. Aí você vai ali caladinho e toma sua água e já dá uma ligação. Todos nós passamos nervoso. O sangue sobe, porque o sangue da gente, ele circula de cima para baixo, na palma do pé, nos dedos e sobe todo cheio de veia. Se você está calmo, paciente, é lógico que o sangue sobe devagarzinho. Se você passar nervoso, aí sabe que às vezes dá problema na pessoa, numa veia. Que Deus o livre. Porque nós somos todos cheios de veia, né? Todo canto da gente tem veia. Veia fininha. Então aquele sangue quando vem todo embolado, ele embola e aí chega para passar, a veinha não agüenta e dá nó, e estoura a veia e aí é perigoso dar um problema de infarto. Essas coisas aí, ficar doente, às vezes da cabeça. Então é por isso que eu falo: eu não sou um cara nervoso de esquentar minha cabeça à toa. Às vezes a pessoa fala uma coisa comigo assim. Não, eu não sei ficar nervoso. Não passo nervoso. É estragar a saúde. Primeira coisa que você sente quando passa nervoso na sua vida é dor de cabeça e dor de estômago. É lógico. Todo nervoso, a raiva, o ódio todo que você passa vai direto para o coração. Então se você passa aquela... nunca passa. Não deixa entrar dentro de você, não deixa que é muito ruim, muito triste. O fim é muito triste também. Não tem pessoa que está assim e de repente cai?

[O senhor já passou muito nervoso na sua vida?]

Não, não. Às vezes eu passo um nervoso assim na minha vida, mas não deixei entrar para dentro de mim. Que a gente só deixa entrar as coisas ruim para dentro

da gente se a gente querer. Mesma coisa se... não tem nossos pensamentos? No espírito tem vários pensamentos da gente, né? Então, tem pessoas que às vezes tem pensamento, olha para lá é um, olha para cá é outro, olha para cima, olha para trás, olha para baixo é outro. Um pensamento ruim já entrou dentro da mente dele. Aí por isso que acontece de ficar com aquilo encucado dentro da mente, aquele pensamento ruim e vai indo, vai indo e cai para o lado. É muito ruim a preocupação. Fica em depressão porque a pessoa deixa entrar na mente. Se você vê um lado assim do pensamento e diz: “não gostei”, tem que fechar o pensamento desse lado e não deixar entrar dentro de você. Você sabe reverter e olhar para dentro de você? Reverter é olhar para dentro de você. Se você olha para frente é uma coisa. Agora, reverter é olhar para dentro de você. É outra coisa, certo?

[E é bom olhar para dentro?]

É muito bom. Você sabe que tudo que é divino existe em cima da Terra. Existe o bom e o ruim. Agora, a gente não deve acreditar no lado ruim. Eu tenho um lado comigo, eu só penso no meu lado bom. Tem uma parte da minha família que eles são muito sabidos, já é de nascença, sabe? Tem sabedoria de nascença, parte da minha família. A mãe da minha mãe foi criada no mato, que na minha terra, minha mãe se criou junto com os índios e eu tenho outro irmão meu e outra irmã minha que tem descendência de índio, né? Então às vezes eu vejo as coisas, analiso, se soubesse como a vida é tão boa, não deixava acontecer o que acontece na vida. Você vê essas pessoas que é jogada na rua? É o pensamento fraco minha filha, que deixa entrar os lado ruim, tomar conta dos pensamentos deles, dos vários pensamentos bons que tem dentro da mente. É tudo pensamento bom. Tudo. Agora se você atrapalha um pensamento... Pronto. Aí embaralha tudo, nunca mais se apruma seu pensamento. Tudo que você vai fazer só dá quebra-cabeça, porque você deixou embaralhar seu pensamento, entendeste? Comparação: às vezes tem pessoa que você está conversando com a pessoa, aí você fala para fulana: “eu estava querendo fazer isso, isso, isso, isso”. Aí a pessoa olha para você e diz: “não vai fazer não, que não vai dar certo”. Isso já é um pensamento negativo. Você está com um bom pensamento de fazer e aquela pessoa já vem com: “quem falou isso para você? Você vai fazer isso? Ah! Não vai dar certo! Nem faça que não vai dar certo!” Já não aconteceu isso com você, Jussara? Então, porque ela viu que o que você vai fazer vai dar certo, aquela pessoa é uma pessoa negativa. Então, eu sou

uma pessoa que analisa as coisas. Quando uma pessoa fala as coisas eu fico calado, na minha, e fecho meu pensamento na hora para ele. Se uma pessoa fala uma palavra para você e você vê que aquelas palavras são boas... Porque tem palavras que são boas e tem palavras que não prestam, não valem nada. Tudo negativa. A pessoa está falando porque não sabe o que é, porque está perdido, que tem o pensamento negativo. Ele só pensa no lado negativo, não pensa pensamento bom porque o lado ruim já tomou conta da vida dele. Já deixou tomar conta do pensamento que ele tinha, que ele pensava. Eu conheço pessoas que nem médico, nem remédio dá jeito. Depressão é a doença mais triste que tem no mundo. Não tem cura. Depressão é uma doença que você fica assim meio... nada para você está bom. Você pode ter dinheiro, pode ter o que ter que nada para você está bom. Porque é um tipo de problema que só põe coisa ruim na sua mente, tudo o que é de ruim põe no seu pensamento. Essas pessoas que se mata, às vezes é depressão, minha filha. Eu sei que você é uma pessoa que tem um estudo muito alto, uma pessoa muito sabida, fala bonito, fala muito especial. Então, você é desse lado, de pessoa escriturária, que tem muita sabedoria. Você sabe quantas letras tem seu nome? Então, tudo você tem que saber e nunca você vai falar com ninguém.

[Então, o senhor não costuma falar das suas coisas?]

Não. Eu não gosto muito não. Já falaram para você que eu fico calado na escola? As professoras já falaram?

[Já.]

A Miriam, né? O que é que elas falam?

[Que o senhor é mais quietinho. Que o senhor gosta de aprender.]

Não. Eu sou uma pessoa assim. Eu vejo as coisas, as pessoas falando. Eu fico calado porque uma: se você está numa sala de aula que tem dez, vinte, trinta alunos, você não vai chegar e falar uma palavra que diz que o que vocês tão falando aí tá tudo errado. As palavras não é assim. Eu não vou fazer isso. Jamais eu vou fazer isso. Eu fico só analisando, prestando atenção, olhando né? Fico olhando quem fala alguma coisa que não existe, outro fala palavra que não tem cabimento. Aí eu fico calado, não falo nada.

É que nem o Amauri [um outro aluno do Ilha]. Pode dar um enfarto nele. Eu falei com ele: “ Rapaz! Um cara que nem tu, rapaz! Tu tem que ser um cara mais

cabeça fria. Olha sua saúde, rapaz! Você vive desesperado na vida. Isso não vai resolver nada na sua vida, não. Se você acha que vai resolver alguma coisa com seu desespero na vida, o final vai ser triste para você”. Ele perguntou porque eu estava falando assim. Eu disse que era uma palavra amiga, um conselho.

Eu Jussara, não tomo conselho de ninguém. Palavra amiga tudo bem, porque palavra amiga é você chegar e dizer isso, isso, isso, mas conselho? Conselho todo mundo dá. Você tem que analisar aquelas palavras que a pessoa está falando e ver se vai bater certo na tecla.

[Mas, se o senhor não gosta de falar do senhor, então como o senhor está se sentindo falando comigo essas coisas todas?]

Não. A gente tem que ficar calado, caladão. Se a pessoa procurou uma palavra, você responde. Que nem aqui, uma coisa que eu posso falar para você em particular, porque isso aqui eu não vou ficar falando porque já é daqui da escola, né? Como é o nome daquela tal professora? Aquela que é amiga da Mônica? Então eu fui explicar para ela e ela não entendeu. Também não falei. Jamais eu ia botar a culpa no professor Paulo e nem culpa na professora que é amiga dele. Lógico que ele entende um pouco de música, ele entende um pouquinho. Muito não, mas ele entende, entendeu? Comparação: se a pessoa está aprendendo alguma coisa, não pode dizer que sabe. Quando ele está aprendendo é um aprendiz amador, entendeu? Eu não vou falar que sou músico profissional não, não posso falar isso. Eu tenho minha carteirinha, mas a pessoa para ter a carteirinha profissional azul, tem que fazer um curso, saber fazer isso, escrever as notas musicais, separar as cifras nota por nota e os tipos de tons. Se a pessoa quer explicação de nota de música, lógico que eu ensino, pois o que eu aprendi um pouquinho foi em escola de música.

[Ah! Então o senhor chegou a fazer um curso?]

Pouquinho, porque o cara me cobrava sessenta pau por mês naquela época, entendeu? Aí foi apertando e não deu para mim ficar lá. Mas eu conheço um professor de música que ele é lá do centro da cidade. Ordem dos músicos do Brasil e dá aula musical lá. Então ele falou para mim um tempo que eu quisesse estudar de graça no consultório de música podia procurar ele. Aí por isso que eu estou estudando mais, para mode (sic) eu entrar numa escola de música e estudar,

entendeu? E eu já sei ler um pouquinho, já pego o livro que eu tenho lá em casa de música e já sei o que é um pouco de música. Antes de eu entrar aqui [no Ilha] eu não sabia nada, eu só marcava as notas musicais, tirava e marcava nota por nota. Se eu pegar um instrumento aqui e eu pegar aqui, é lógico que eu marco. Já sei o que é, o que significa. Antigamente eu não sabia, então eu agradeço as minhas amigas professoras, né? A todo mundo aqui. Então aprendo devagarzinho. Você não aprende de uma vez, assim de repente. Que nem, tem pessoas que acaba aprendendo do dia para noite. Não. Tem que ter paciência. Eu faltei aqui dois dias, uma na segunda-feira. Eu não estava muito legal, cabeça quente, uns problemas da minha irmã. Eu com medo de dar um problema mais sério, aí. Mas graças a Deus, ela foi, fez os exames direitinho, passou tudo, está tudo normal. Não vai carecer tão cedo de médico. Então, quando ela for fazer outra revisão, essa médica que coisou ela é lá de Pernambuco. Pernambucana lá de Recife. Então ela já passou, transferiu a ficha dela lá para o Hospital de Recife. Quando chegar a época, minha mãe vai lá com aquele cartão, apresenta a ficha da minha mãe. Esta lá. Aí não vai carecer dela vir lá do norte para cá fazer uma revisão. Que vai fazer cinco anos que ela está de meningite, eu vou te falar. Crítico. E da primeira vez que ela veio, foi por Deus que aquela médica apareceu, que ia ter que pagar o aparelho dela. Fiquei desesperado, sem saber o que fazer. Pedi tanto a Deus, que minha irmã foi fazer a consulta dela, foi marcar, né? Quando chegou lá na portaria, falou com a atendente lá para, para... Marcou a data. Puxa vida! Tem uma conterrânea que é médica, ela chegou não tem nem duas semanas, que ela está aqui e ela trabalha com esse lado de exame lá do instituto do coração. Ela olhou minha mãe e falou que ia dar a ponte de safena, marca-passo e não vai pagar nada. Só a consulta só. Foi um milagre. E era caro, minha filha o marca passo. Quando foi no outro dia, ela abriu nela aqui assim [mostrou o peito] e colocaram. Aí eu fico pensando assim, quando acontece essas coisas fico pensando que é a natureza. A pessoa nasce, aí de repente faz uma operação, qualquer coisa. Acho que não fica que nem era. Que nem eu, graças a Deus, eu nunca fiz uma operação em mim e nem sou pessoa assim de ficar em hospital. Não, eu não gosto de remédio, de médico. O meu cabelo, eu nunca pinte o meu cabelo. Nunca lavei o meu cabelo com shampoo. Sabe com que eu lavo meu cabelo? Com babosa. Você sabe que você compra o shampoo, eles fazem a fábrica de shampoo, tem uma química dentro do shampoo. Eles fazem de todo tipo de shampoo, oleoso... é assim que eles falam, né? Então, eles põem muita química

dentro daquele shampoo. Você lava o seu cabelo muito tempo, sabe o que acontece? Afraca a raiz do seu cabelo. E se você pegar a babosa e você fazer o shampoo você mesmo e lavar o seu cabelo é outra coisa. Nem compara, está entendendo? O abacate, se você pegar o abacate e lavar o cabelo com abacate é outra coisa. Qual é a vitamina do abacate? O shampoo de abacate, você pega o abacate, tira ele estando maduro, pega o limão, joga dentro, bate no liquidificador. Só ele, sem pôr água nem nada. Aí pega ele e taca no cabelo. Remédio eu não pago, estou falando para você. Mas eu não faço. Tem pessoa que não pode tomar qualquer tipo de remédio de raiz. Às vezes a pessoa tem dor no estômago e não pode tomar. Às vezes tem problema de pressão, problema no coração, certo? Mas meu remédio, oxente, eu mesmo faço para mim. Garrafada de babosa, de guaco, de erva Maria. Aqui chama erva Maria, lá chama mentruz. Lá é mentruz. Aqui é erva Maria. Sabe o que é, né? E guaco? Guaco é uma folhinha que dá numa rama, uma rama que você pega, tira a folha dele e faz um xarope para dar para criança que tem problema de bronquite. Então. A babosa, você faz uma garrafada de babosa e toma, minha filha. É. Você pega a babosa, tira aquela goma dela, do jeito que você pega com pano. Pega ela com pano e corta os pequenininhos e mede assim oh. Aí corta os pedacinhos. Corta toda em pedacinhos. Aí põe no liquidificador, bate ela, não põe água nada. Aí você vai num bar pede um americano cheio de uísque. Uísque. Aquele uísque do bom. Pode ser cheio. Aí você joga dentro do liquidificador junto com a babosa e bate ele sem nem um tico de água. Aí deixa ele bater. Quando ele tiver todo, só aquela baba, aí você pega um litro de mel, mel de abelha. Aí você vai pondo e batendo, pondo e batendo e experimentando. Quando você vê, que acha que tá bom, aquele remédio vai fazer uma limpeza na tua pele... vai te fazer uma limpeza no teu organismo... que nem na minha terra no norte, quando os animais de gado ficava doente, nós dava remédio de babosa. Agora não é assim: você não vai pegar dois litros de mel, três litros de mel, botar numa lata deste tamanho para dez, vinte cabeça de gado. Nós tirava aquele monte de folha de babosa, cortava todinha e pegava uma lata d'água dessa altura. Aí pegava uma madeira, mexia, mexia, mexia. Aí cada uma vez tinha direito de beber o litro. Um litro desses aí de 51. Ah, se você visse...Mudava o cabelo da gente em poucos tempos. Um dia eu fiz para um cara, inclusive o cara me encomendou e dava trinta paus (sic) para fazer um. Falei: "Me dá quarenta que eu te faço agora. Você tem que falar para mim o sistema que

“você tem porque isso serve até para diabete, para o intestino. Muda assim a pessoa”.

Um tempo eu fiquei meio adoentado, sabe Jussara. Fiquei magro, emagreci, dor no rim, nos lados. Eu tomei uma garrafada, tomei. Botei até para fora uma pedra. Agora, não faço para qualquer pessoa, não. Que nem você. Toma um litro de um xarope de babosa para você ver. É muito bom. Você fica outra pessoa, limpa tudo. A pessoa fica outra pessoa. Se fizer um suco de tomate, para que coisa melhor? Não tem um suco melhor do que o de tomate. Não, não tem vitamina que ganha do suco de tomate. Natural. A laranja, tem pessoa que põe água dentro da laranja. Não pode. O suco da laranja tem que ser natural. Do limão, natural, né? Que é muito bom para gente. Fruta tem muita vitamina. Não. Fruta é o seguinte. Você não pode pegar a fruta já do jeito que está e chupar. Tem que pegar a fruta e lavar bem lavado. Eu levo, a mulher lava bem lavadinho, tal. Minha mulher, ela é cozinheira. Ela trabalhou com o Maluf um bocado de tempo. Ela faz quase cinqüenta prato. Mas também respeita a comida viu, minha filha? Respeita qualquer tipo de salgado. O que você pedir, ela sabe fazer. Trabalhou muito tempo lá. Só porque o Maluf perdeu... se ele tivesse ganhado ela estava lá até hoje. Mas está bem. Já arrumou outro serviço, está bom. Ela é cozinheira e cabeleireira. Corta cabelo, faz pé, faz tudo. Eu dei tudo. Só está faltando arrumar salão, pôr tudo dentro, meter o pau e trabalhar. Eu falei para ela: “você tem teu talento e não dá valor” Ela fala que é porque aqui não dá para fazer, tem que ajeitar. Me dá vontade de vender tudo e ir-me embora. Ela é lá do Norte também e se criou aqui, né? É uma pessoa muito gente fina, viu? Pessoa muito compreensiva, entende as coisas. Comparação: para ela tudo está bom. Ela é uma pessoa assim, que nem alguém manso.

[Onde é que o senhor mora?]

Aqui no continental. Apartamento. Dá vontade de fazer um negócio. O pessoal fica tudo doido pedindo as coisas. Sabe que ela faz. Ela põe uma plaquinha que vende geladinho, fruta natural. Dá para levar de bicicleta até comprar um... que dirigir eu sei, mas eu não tenho carta e dirigir sem carta não pode, não. Não. Pode não, né? Se comprar um carrinho meio fraco, se vai andar por aí, prende e aí perde. Então é por isso que eu, ela nunca ligou aqui. Aquela... não, não vou falar isso aqui não porque não é... Não. Um lado que isso tem que ser particular. Um lado que não tem

nada a ver. Não vou falar. Mas ela é uma pessoa muito legal para mim. Tem que dar valor. A pessoa quando é legal com a gente, tem que fazer o possível pela pessoa.

[O senhor está há bastante tempo com ela?]

Ah, faz tempo. E para você ver, às vezes eu via ali e não sabia que ela queria para os lado sério comigo. Não sabia. Eu não sabia. Eu passava num canto e sempre levava fruta lá. Eu não sabia e eu vivia com outra pessoa, era essa que ela sempre liga aqui [no Ilha]. Quando ela ligar, você fala que eu não estou mais aqui não. Fala que eu não se encontro mais aqui. Fala que eu estou em outro colégio. Pronto. Eu falei para ela que eu não queria mais nada com ela. A gente não deve mexer com os pensamentos das pessoas, mas quando você vê que dá certo, você vai em frente. Às vezes tem um bom plano por aquela pessoa, né? Um bom pensamento. E no fim a pessoa pega e faz um lado, que deixa você meio triste. Você vai ficar com ela? Não. Aí eu falei que não dava.

Aí eu nem sabia que essa outra mulher queria um lado certo comigo. Eu não sabia. Aí quando foi um dia, eu andando, estava tirando uma mudança lá onde ela trabalhava e mandou pôr dentro do caminhão. Ela falou: “Você não quer ir com nós até lá em casa, não?” Ir na sua casa, mas para fazer o quê? Ela falou: “Para você ir com nós, porque lá não vai ter ninguém para tirar essas coisas do caminhão e vai ser você mesmo que vai tirar.”

Mas logo eu. Era um dia de domingo e eu resolvi fazer esse favor para ela, porque não é nada difícil. Nós fomos. Quando chegou lá, eu não conhecia nada. Subi lá em cima. Ai, ai, ai. Ela já foi contando a vida dela. Eu subi para tirar as coisas e pôr as coisas dentro da casa dela, mas não tinha nada para conversar, não. Eu não desabafo.

“Eu vivo numa luta tão difícil, tantos problemas que acho muito bom quando encontro uma pessoa que entende de conversar.”

[Quem falou isso?]

Ela. Eu falei para ela que ela podia falar que eu ia ficar só ouvindo. Aí eu tirei fogão, geladeira. Tirei sozinho, peguei o fogão, saí subindo na escada com o fogão. Fui botar lá em cima. Voltei, peguei a geladeira, geladeira pequena, né? Peguei e pus tudo lá em cima. Aí ela perguntou quanto era. Eu disse que não era nada não e ela falou para eu sentar que ela ia cortar meu cabelo. Não, mas meu cabelo estava bom.

Ela deu uma cortadinha aqui, arrumou para mim, tirou minha barba. Depois disse que ia fazer minhas unhas. Falei: “Caramba”. Perguntei quanto era, ela disse que não era nada e disse que ia fazer um almoço.

Eu fiquei sentado ali meio acanhado, por ali. De vez em quando ela olhava para mim, eu olhando ficava com vergonha. Ela perguntou se eu era casado e eu disse não. Moro só. Ela: “Você mora só? Mas onde?” Ah, perto do Ceasa mesmo. Ela: “Mas você mesmo cozinha Antônio? Você mesmo lava sua roupa?” É. Às vezes a pessoa solteiro é assim mesmo, tem que lavar roupa. Quando quer cozinhar cozinha, certo? Engoma uma roupa. Ela: “Qual é seus vícios que você tem?” Eu não tenho vício nenhum, eu falei. Não bebo, não fumo e nem roubo. Nunca gostei de bebedeira e detesto a pessoa que fuma. Por que? Você fuma? Ela: “Não”. Eu não sou muito chegado, não. Eu não bebo cerveja. É uma bebida muito boa para você tomar assim no calor. É muito bom, mas eu não gosto. Eu não gosto de bebedeira. Quem toma sua bebida, ponha para lá. Agora, uma coca, um guaraná, uma tubaína, aí é comigo. Mas encher a cara de bebida... Nunca gostei de bebedeira. Os caras bebe de manhã, enche a cara. Às vezes ia convidado numa festa e ficava olhando. Os caras perguntava se eu não ia beber, se eu ia ficar só olhando. Eu ia lá na frente de uma coca, pegava umas quatro lingüiças no prato e os caras bebendo cachaça. Daqui a pouco estava caindo por cima da mesa e cadeira e eu só olhando. Está vendo? Eu presto atenção nessas coisas. Eu não vou entrar no embalo de ninguém, não. Que a vida é essa e a gente tem que enfrentar e eu pretendo... ela não quer viver amigada, que ela tem uma filha dela, a irmã dela é delegada daquela delegacia lá de Santo Amaro. Então, ela estava falando para mim que ela dá a maior força pela pessoa. Disse que ia conversar com a irmã dela, porque a irmã dela tinha um estudo mais ou menos e ela ia pedir para irmã ajeitar um emprego para mim, para eu sair desse serviço pesado. Ela: “Ou se não, eu tenho um negócio de uma herança para receber de um negócio aí. Se eu receber uma herança de um dinheiro que eu tenho para receber aí, eu vou fazer o possível para pegar uma perua e boto na tua mão para você se virar pegando fruta. Eu tenho para receber aí uns vinte paus (sic) mais ou menos. Eu quero comparar a perua”.

Aí eu levei ela no domingo lá. Primeiro levei ela na casa da minha irmã. Aí nós fomos no domingo, almoçamos lá, ficamos lá numa boa, sossegados. Minha mãe gostou dela, minha irmã, minha sobrinha, meus sobrinhos. Aí marcamos para

minha mãe vir aí. Comprei um monte de coisas, mandei fazer o almoço, aí foi meu cunhado, minha irmã e minha mãe. Aí foi em quatro pessoas no domingo lá, inclusive pegamos o ônibus aqui em frente, o Ceasa. Passamos o domingo lá, almoçamos todo mundo junto. Ela gostou muito da minha mãe. Gostou dela para caramba. Ela tem quarenta e poucos anos, pessoa de cabeça. Já quarenta e dois ela tem, mais velha um pouquinho que eu, mas... Caçar essas meninas nova para....

[Quantos anos ela tem?]

Quarenta e dois. Eu sou mais velho que ela pouquinho coisa. Quarenta e cinco anos. Sou mais velho que ela. Então, aí não tem nada, ela já está chegando já os quarenta e quatro anos, quase a minha idade. Mas é pessoa gente fina. Se ela não mudar, né? Meu jeito é assim. Eu não sou pessoa de agredir ninguém, não sou pessoa de ser ignorante com ninguém, não sou pessoa de ser estúpida. Eu sou do lado da paz. Ninguém manda em ninguém. Eu nem mando em você e nem você manda em mim. Cada um faz as coisas que dá certo, né? Eu tenho que saber o lado que é o lado que você pode saber de mim. Eu posso saber de você. Se você for num canto, eu tenho que saber onde você está. Se eu não saber onde você está eu tenho que ligar. Ou você liga e fala ou deixa um recado e sabe se está lá ou não está. Se eu estou num canto eu tenho que ligar e falar para você onde eu estou. Aí eu concordo com você, certo? Não. Tem marido que a mulher bota a bolsa lá e ele vai só olhar se não tem um telefone errado. Não, isso aí é muito errado fazer isso. A pessoa tem que ter confiança na pessoa. Se a pessoa olhar com cara feia, lógico que a pessoa sabe quem é aquela pessoa, né? Tem muitos casal, que às vezes casa, quando pega para namorar é o amor verdadeiro, é beijinho para lá, beijinho para cá, quando casa aí começa a brigar. Um vai para lá, outro vai para cá. Eu não gosto disso, acho muito feio. Quando eu estava só, eu falei que não queria ninguém na minha vida. Queria ficar sozinho, dar um tempo aqui, depois ir embora para o norte. Pronto. Eu falei para ela que eu não queria mais ninguém aqui em São Paulo. Ela: "Eu fui uma pessoa casada, mas não deu certo. Tive que desquitar do meu marido porque não deu certo o que ele estava fazendo. Não era correto. Eu sendo fiel a ele, mas ele não estava sendo fiel para mim". Mulher nenhuma quer casar e ser traída por outro, por outra pessoa. Se ela tem o marido dela e ele trai e ela sabe ou pega, acabou. Nunca mais vai ter confiança nele, não fica mais. Que nem, talvez tem mulher casada que pensa que o marido está sendo correto com ela, às vezes

ele chega em casa... Jussara, sabe quando o marido está traindo a mulher, como é que é? Comparação: você trabalha e ele trabalha, né? É igual: se o seu marido chega primeiro em casa, é lógico que ele tem todo direito de adiantar alguma coisa, entendeu? “Fulana vai chegar meio tarde, então já tem isso aqui, isso aqui. Eu vou ajeitar aqui porque quando ela chegar já está adiantado.” Entendeu? Ele deixa lá do jeito, quando a mulher chegar já está tudo pronto. Aí lógico que a mulher vai gostar disso aí. Às vezes se o marido atrasa e a mulher chega primeiro, a mulher vai lá para ajeitar. “Meu marido vai chegar tal hora, vou dar uma arrumada aqui, tal”. Fica só esperando. Mas já tem casal que às vezes a mulher trabalha fora, o marido não quer fazer nada e não está gostando. E aí fica perguntado para a mulher onde ela estava e pô, pô, pô. Aí não faz nada e aí já começa a briga. Aí é tampa de panela, é tudo dentro da casa. Começa as brigas por aí e quando o marido começa tomar raiva da mulher, sabe como é? Aí ele chega em casa, não liga nem para a mulher mais, não está nem aí para a mulher. Então, pode ficar esperta porque ele já está aprontando na rua. A mesma coisa é a mulher. Quando ela começa a conhecer outros lados, aí ela larga do serviço tal hora e nem vai para casa, não liga para o marido. O marido vai falar com ela e ela fala assim: “Faço se eu quiser, que eu não vou fazer. Faça você que eu não vou fazer”. Porque a mulher já perdeu todo o respeito para o lado do marido. Esse cabra pode procurar o rumo dele porque já perdeu todo o direito. Não. É toda verdade que eu estou falando. Eu presto atenção em tudo, eu conheço uma... eu conheço tudo ali. A minha irmã quando ela casou com meu cunhado, gostava de tomar umas cachaças. Morava em Carapicuíba. Tinha dia que meu cunhado chegava de fogo em casa e ia brigar com os meninos, mas ela não tem medo não. Um dia ele foi brigar, ela pegou o cabo de vassoura, quebrou todinho no meu cunhado. Foi. Quebrou o cabo de vassoura no meu cunhado. Aí eu estava em casa. Ele ligou lá em casa. Ligou bem cedinho que era para ir (sic) eu ir lá que ela ia ajeitar as coisas dela e ia embora. Eu falei que não pode ser assim. Tem que esfriar a cabeça, ficar com a cabeça fria, gelada e saber o que está acontecendo. Não é por aí. Falei que ele tinha que conversar. Mas aí eu fui. Cheguei lá e a primeira palavra foi: “tu casou com ele e ele casou com você. Para que? Para viver até o fim da vida. Vocês não casaram? Então porque não faz por onde viver? Eu nem vou me meter na vida de vocês dois porque casal é os dois que se entende. Não tem nada a ver. O certo é que a palavra amiga eu vou dar, né? Nem vou punir você, mas nem ele. Vou dar a palavra igual para os dois.

Minha irmã explicou tudo e eu falei que ela errou de bater nele. Se ele chegou de fogo, não falasse nada, deixasse ele ir tomar o banho dele e dormir. Quando ele tivesse bom, aí você senta aí e conversa com ele. De fogo, ele está sabendo o que está fazendo? Bêbado? Meu cunhado falou: “E já que você é irmão dela, José, eu tenho consideração a você, certo? Que eu errei e vou parar com bebida. Não vou beber mais não”. Vou dizer uma coisa, eu não mando na tua vida porque você já é um cara maduro, já sabe qual é a vida, mas diz que bebida não tem futuro. Não tenho nada a ver com sua vida, mas bebida não tem futuro. Quem vai nesse embalo aí é barco furado. Primeira coisa: você vai ficar sem valor, aí vai perder a mulher. A mulher já larga, vai embora. Você fica aí sozinho e não tem valor de nada, certo? Cunhado: “Sabe que você tem razão mesmo, Jose?” Aí ele nunca mais bebeu, bebeu mais não. Aí eles compraram uma casinha lá em Itaquera. Estão lá. Fez um salão de serralheria, de portão, trabalha por conta. Pode se dizer que bebida parou. Uma palavra vale tudo na vida. Cunhado: “Não tem dinheiro no mundo que pague aquela palavra que você falou para mim. Até hoje eu nunca esqueci e valeu”. Bebe mais não. Faz muitos anos. Aí pronto. A minha irmã era meio esquentadinha. Falei para ela que ela tinha que mudar o visual. Qualquer coisinha já quer... Não, não é por aí não. Tem que ter paciência também, com os outros também, paciência com as pessoas também. Já é brigando, gritando. Não, é errado a pessoa ser assim. Agora você. Como é seu visual em casa? É uma pessoa dona de uma casa especial, ou como é?

[Ah, eu fico pouco em casa porque eu trabalho, estudo...]

Seu marido entende, né?

[Ele entende.]

Ele, ele faz o quê?

[É caminhoneiro.]

[É caminhoneiro?]

[É.]

Só vive no mundo?

[Ele viaja muito. Fica uma semana fora...]

Ele é daqui mesmo de São Paulo?

[Não. Ele viaja para outros estados.]

Ele é o quê? Ele é paulista, é?

[Ah! Ele é de Campo Grande, MS.]

Ah! É mato-grossense. E você?

[Eu sou mineira.]

Mineira... Lá é muito legal?

[O Estado de Minas Gerais é legal]

É. Comida da hora...

[É mesmo. Minha mãe cozinha bem.]

Então, tem uma cidade chamada... Já fui bem pertinho de lá. Casa Branca.

[Em Minas? Não conheço.]

É. Casa Branca. Aí tem uma cidadezinha assim, chamada, chamada... esqueci o nome da cidade. Cidadinha bonita, rapaz! Bem bonitinha.

[Ah, então o senhor já viajou para cantar?]

Já, rapaz! Ficava brincando direto. Tocava direto. E o nome do trio, o trio que eu tinha chamava Trio Alegre.

[Aquele que o senhor era ritimista?]

Então. Eu era ritimista. Eu pegava a fita, tem um monte de fita lá. Tem um monte minha. Ficar calado que é melhor. Então, a gente viajava para todo canto. Ia para Casa Branca, para Mogi-Mirim, para Campinas, Aguari, aqui pertinho. Mato Grosso, Rondônia. Uma vez para o Paraná, Londrina, tudo aí. Aí por isso que eu parei, porque eu comecei pensar outros pensamentos. Aí eu larguei de mão, não quis mais. Fiquei uns oito anos sem querer mais negócio de sanfona. Vendi tudo, não quis mais não. Aí, minha filha, peguei e comprei aquela outra sanfona.

[Essa que o senhor traz aqui nas costas?]

É. Essa sanfona ali não pode... eu ando com ela assim, mas sabe quanto é uma sanfona daquela? Tu acha mais ou menos quanto está?

[Ah, eu não faço a mínima idéia.]

Está mais de cinco paus (sic) aquela sanfona lá, minha filha.

[Cinco mil?]

Quase oito paus (sic) ela custa. Eu achei um carro nela. O cara me dava um carro nela e eu não quis. Por isso que eu tenho medo de andar com ela assim. Eu falo assim, mas aqui [no Ilha] não tem nada. Se eu sair e deixar ela aqui, está aí. Ninguém mexe. É um instrumento que você não pode andar de bobeirinha com ela. Instrumento importado, caro né? Um tempo eu vi o preço dela. Estava seis paus (sic) e pouco. Agora está uns oito paus (sic) nela. Achei um carro nela. Não peguei um carro bom porque não quis. O carro aplumado (sic). Caravana (sic). Esses caravanas (sic) nova, zerada. A bicha não tem um risco. Pelejo. Digo: “Não quero, não. Para que eu quero? Para deixar aí?” Pegar uma coisa que você tem estimação e... Toquei nela domingo. Minha mãe ficou ouvindo e peguei, deixei lá os dois chorando. Digo: “Já parei! Já está chorando, vou parar mãe”. A mãe: “Não. Toque, toque mais um pouquinho”. Aí eu toquei mais outra música.

[O senhor trouxe a sanfona hoje para...]

Vou tocar uma música oferecida para você. Eu ia tocar o hino nacional oferecido para Jussara.

[O senhor vai sair com ela hoje?]

Não, não vou levar não. Deixa quieto. Outro dia que tiver outra oportunidade, quem sabe? Eu tinha que trazer e deixar aqui.

[É que o senhor vai sair, né?]

Vou. Lembra aquela vez? Que nem esse menino aí. Se ele fosse um cara, a gente ia fazer um grupinho bem especial, bem bonitinho para brincar, mas ele fica com bagunça. Aí eu naquele ônibus. Lá mesmo, não vim mais não.

A Celina reclamou mesmo.

Ah, é?

A Celina falou que o senhor não está vindo mais.

Não. Sabe porque eu não vim? Porque eu vi que é muita bagunça, rapaz. Não pode. Música não é daquele jeito não. Chamei o Paulo e falei que ele não tem culpa de

nada. Ele é entendido, um cara que entende de música, bem entendido das coisas certo? O que ele ensina é tudo certo. Mas tem um lado aí que ele tem que tomar uma providência.

[Então, mas isso o senhor precisa resolver com ele na aula.]

Chamei ele e falei para ele. Que é isso?

[Mas isso o senhor pode resolver na quarta que vem, na aula dele. Então, quer dizer que o senhor gosta mesmo é de tocar e de cantar?]

Eu gosto. Eu tenho um sonho na minha vida de... Tem um cara aí que ele vai sempre naquele programa do som Brasil, canal dois da Inesita Barroso. Aí um dia nós estava brincando num canto. Aí ele falou assim: "Rapaz, eu vou ajeitar para te levar lá no canal dois, na Inesita Barroso." Eu falei que não porque eu não estou preparado para ir nesses canto aí. Amigo: "O que é isso, rapaz? Oxente. Tem cara pior de que você que vai lá e toca lá. Se você for lá você toca bonito. Você sabe tocar bem certo. Tem coragem de ir? Vai ou não vai?" Falei que não ia não. Ele quer me pegar e levar para marcar para ir lá um dia, mas tem que treinar mais uma música bem correta, né? Sei muita música, né? Aí eu vou ajeitando e devagarzinho, né? Que tem vez que vem as oportunidades na vida da gente e a gente não quer. Que nem, tem uma, uma, uma banda de forró. Os caras pelejaram rapaz, para eu acompanhar eles. Eu não fui por causa da família, mulher. Ia largar tudo e acompanhar eles? Aí eu fiquei pensando. Se eu acompanhar essa banda, aí eu vou ter que sair da escola. Então, é melhor eu ficar treinando minha sanfona em casa, devagar. Ficar tocando só por aí e aprender a ler. O importante é aprender. Eu quero é aprender, poder escrever para mode (sic) escrever minhas música, certo? Eu tenho as letras minhas. Aí meu sonho é esse. Eu sabendo escrever bem, aí o que eu tenho guardado dentro de mim, os meus pensamentos, aí eu vou pôr para fora e vou escrever no papel. Olha aí, Jussara. Gostou dessa? Você leu uma coisa que eu dei praquela menina lá, umas músicas que eu fiz aí? Quando eu estou com uma música, com uma música para fazer, aí eu gravo aquela letra na cabeça para fazer, né? Aí tem vez que eu pego assim com um colega meu. Tem uma menina que cria muito bem. Antes de eu conhecer as professoras daqui, aí elas pegava e ia fazer para mim, escrevia para mim as letras e eu ia falando aquelas palavras e as pessoas iam escrevendo, entendeu? Aí depois, depois que eu comecei a estudar aqui, aí eu pedia para as professoras e elas fazia para mim. Quando eu pedi para... foi a Mônica

que fez, outra eu vou pedir para Irene, outra eu vou pedir para outra pessoa muito especial. Eu gosto muito dela, a...como é o nome dela, daquela professora, aquela de idade que fica aí... como é o nome dela?

[Que dia da semana ela vem?]

Ela trabalha mais na área de computador lá dentro. Uma de idade, já é a ... estou com o nome dela na boca. Eles são muito gente fina.

[A Regina?]

Não. De idade. De cabelo grisalho. Ela fica sentada lá na sala do... Toda vez eu trazia fruta para ela. Foi das minhas primeiras professoras.

[A Melissa.]

A Melissa, é a Melissa. Então, uma pessoa muito gente fina, ela é. Pedia para ela fazer para mim. Tinha outro professor também que foi muito legal também comigo. Aquela é a pernambucana, ela trabalha com negócio de engenharia, essas coisas.

[A Tatiana.]

A Tatiana. Então, tudo elas já escreveram música para mim. A filha dela também foi muito legal comigo. Tem a Bárbara. Conhece a Bárbara, a Binha? Que ela toca um pouquinho de instrumento, mas é pouquinho. Inclusive a gente tirou uma... fizemos um tipo de um livrinho e saiu eu e ela. Eu com a sanfona e ela com instrumento de sopro, né? Aprendendo a tocar aquele chorinho, Brasileirinho. Mas ela pega o som direitinho, mas na hora de levar... Não. Ela falou que fica com vergonha. Eu falei para ela que não pode ter vergonha. Vergonha de quê? Ela tem que mostrar o som do instrumento e pronto. Segurar o ritmo e pronto e deixa o resto tocar. Que nada! Ela: "Mas eu fico envergonhada". E como eu não fico? Ela: "Ah, porque você já tem mais um costume e eu não". Você não pode ter vergonha de nada. E se tocar num canto que tiver mil, duas mil, três mil pessoas, e aí? Olha, já fui no Mano Velho, Mano Novo. Sabe, Mano Velho, Mano Novo? É o programa especial de rádio, que chega na rádio. Lá você... ele faz a fala do rádio e põe você no ar: "e para vocês, agora a gente vai apresentar a pessoa muito importante para vocês, chama fulano de tal, sanfoneiro, tal, tal. Vocês vão gostar muito desse tal, para vocês, alegrando todos os corações dos nordestinos e do Brasil inteiro. E lá vai, e solta..."

Você não pode ter vergonha de nada não. Principalmente de música. Na rádio Iguatemi de Osasco, fui uma vez. Sabe aquela rádio Iguatemi no bairro Santo Antônio, de traz da igreja Santo Antônio? Que seu Marino, era locutor. Oxente, fui muitas vezes ali. Então, quando saiu uns tipos de músicas novas do nordeste. Um sucesso, muito bom. Inclusive esses caras tudo da minha terra. Aí eu comprei as fitas dele e aprendi tudinho as músicas. Aí a gente fomos lá para gravar, cantemos lá, tem muitos violeiros lá. Eu tenho vontade de ajeitar assim: se reunir um pessoal aqui. Eu fiquei analisando rapaz: a pessoa que canta. A pessoa que não sabe, não adianta, pessoa não tem influência não adianta. Às vezes a pessoa pode ser que tem um... Quero ver é um grupo para levar a música certa do jeito que é, se não, não adianta. Tinha um rapazinho aqui [no Ilha] que sumiu daqui. Ele tocava violão. Você não estava na época aqui não. Inclusive tinha um outro que tocava cavaquinho. Um no pandeiro e outro no cavaquinho. O do violão falou que nós podia fazer um grupinho aí e tocar. Eles sumiram, não vieram mais. Mas se esse ano for ter festa aqui, eu venho bem cedo no sábado. Vou vir bem cedo para tocar...

[O senhor quer tocar na festa da escola?]

Vou, vou vir tocar. Vou vir mais cedo para eu me apresentar.

[Está bom. A gente precisa combinar isso.]

Aí eu vou treinar as músicas que eu quero tocar tudo direitinho, certo? Tudo bonitinho. Vou com os caras que tocam bonitinho.

[É. Isso a gente precisa combinar depois. A gente combina.]

No ano passado eu toquei, mas eu queria acompanhar o menino lá, mas não deu. Aí eu toquei com os outros meninos lá. Eu estava lá, você viu? Viu quando nós tocou lá? Então, eu toquei já com outros colegas meu.

[A gente combina depois sobre a festa, ok? Então o senhor acha que estudando vai ajudar nesse lado da música?]

Lógico que vai. Se a pessoa não tem leitura como é que vai aprender? Repare que eu não sabia fazer isso.

[Agora o senhor já consegue?]

Aprendi já. Já sei o que é que está escrito. Se você mandar fazer... escrever... Se você falar as letras tudo eu escrevo até uma carta. Qualquer letra que você falar eu escrevo.

[E se o senhor pegar sozinho, sem ninguém falar as letras?]

Eu já faço. Já faço algumas coisinhas. Já faço devagarinho. Quando eu começar a comprar o óculos, a usar o óculos eu acho que vai melhorar muito, porque eu fico muito... Já tem umas coisinhas que eu já escrevo, entendeu? Sozinho já escrevo muita coisinha. Já depois que eu estou aqui eu já analisei que eu já aprendi muitas coisinhas. Tinha coisa que eu não sabia, se a pessoa dá um papel assim eu já sei. Leio. Já sei o que é. Já sei uma escrita de conta: João comprou tanto, tanto. Foi no mercado comprou tanto, fez uma compra de tanto, sobrou tanto, está escrito lá o nome. Você tem que fazer conta e saber quanto sobrou... Já estou sabendo o que é isso. Eu só pergunto para o professor se está certo. Tem um livrinho que eu gosto de ler, o livro das cores também gosto. Já li uma par de coisinhas.

[Que bom senhor José.]

Só está faltando saber juntar as palavras. Só isso. Mas eu penso dentro de mim que eu vou chegar lá. Eu não sei juntar aquela palavra todinha e falar de uma vez. Conheço as letras, mas chega na hora não falo a palavra. Tem palavra que às vezes eu falo, né? Mas já tem palavra que eu fico gaguejando. Comparação: que nem tem uma palavra assim “São Paulo” eu não sabia fazer “São Paulo” e já sei. Então, tem muita coisa que eu escrevi. Escrevo “casa”. Eu estava escrevendo o começo de uma música, aí dei para professora para ela levar para arrumar, né? Que eu estava fazendo a letra, eu fiz o começo todinho e escrevi no papel. A professora arrumou um cantinho e disse que o resto estava tudo correto. Falando da natureza da Terra, né? “Tanta coisa bonita, viajando a gente vê. No alto daquela serra o lindo sol que se põe. Você que tanto anda, que tanto vê e você que tanto olha, viajando a gente vê o nordeste crescendo” É o começo de uma música.

[É sua essa letra?]

É. Eu estou fazendo. Inventando de cabeça. Aí eu peguei, aí eu ficava, aí eu escrevi as palavras, chamei a professora para ver se estava certo. Aí eu fiz a primeira linha todinha. Está lá no caderno, outra hora eu trago para você ver. Não esqueci mais não. Aí eu fiz a primeira linha, aí fui para segunda, né? Eu fico fazendo, invento de

cabeça, faço uma, faço outra. Tem outra que eu inventei assim: “Eu só quero ter uma vida sossegada para ficar com a minha amada, dezoito hora por dia, sem o luxo do hotel, fazendo amor na grama, com sua fisionomia. Lá não pago água, nem energia, nem aluguel. E nessa economia, estou ajuntando meu dinheiro e minha nega morando na selva, lá no paraíso, imitando Adão e Eva”. Está vendo? Eu guardo tudo na cabeça, gravado. É que não pode quebrar palavra e quebrar o pé. Aí fica feio, né? Então, você tem que fazer correto a palavra, aí fica bonito, né? Então, você vai fazer uma música, na hora está só gravado na sua mente. Quando está escrito no papel é outra coisa, que aí você não esquece. Mas assim na hora, você faz a música, você fala, mas às vezes falha alguma palavrinha, está entendendo? É isso aí Jussara, agora você dá o final. Acho que, acho que já gravei muito.

[O senhor já falou bastante, né?]

É. Já conversei muito. Agora só você que não falou quase nada ainda, né?

[Ah, mas está tão bom ouvir o senhor. Por que o senhor quer me ouvir?]

O que você quiser contar. Assim, se a vida da pessoa que estuda é muito difícil, que nem a gente passa que é muito difícil. Eu não sei se é porque a pessoa quando é adulto... Pequeno, criança já é mais fácil. Agora, pessoa quando cresce que fica... acho que é um lado mais difícil, né? Porque uma criança, se você faz um risco assim no papel. Se você fazer isso aqui eu garanto que ele não vai tirar o pensamento daqui. Uma criancinha, um molequinho, tipo minha filha, minha menina, ela me ensina, sabe? Daquele jeito eu nunca vi, escreve tudo. Ela olha para você e desenha você no papel direitinho. Tudo no mundo que ela vê, ela desenha. Pensamento é um só ali. E a gente que já é mais ou menos grande, grande de idade, se preocupa com muitas coisas né? A gente se preocupa com uma coisa ali, pensa com outra. Vem para escola. “Puxa vida! Era para ter resolvido aquele negócio, nem resolvi”. Aí fica aquele pensamento, que nem às vezes eu estou lá na escola e a professora está lá e eu com meu pensamento lá longe. Na escola você tem que ficar ligado e esperto ali, prestando atenção no que a professora está falando para você guardar tudo na mente. A pessoa que está aprendendo a ler, estudando, tem que guardar as palavras e gravar tudo dentro da mente para não esquecer nunca. Pessoa que se forma, um advogado, eu admiro um advogado. Um advogado, o cara é sabido demais. O cara fala, fala, fala, uns lados de língua, que a pessoa que tem estudo e tem sabedoria, vou te falar... É muito importante, já sabe

tudo na vida, lá para os lados da... eu não sabia que o Sol, a Terra é parada, você sabe? A Terra é parada. Ela gira em torno dela mesma, parada aqui, oh! Como é que pode isso, eu não sabia.

[Quem te ensinou?]

Ah, eu prestei atenção no professor falando e eu só gravando na mente. Ele falando nos planetas que tem na... Tem uns planetas verdadeiros e uns planetas que não é. Ele falou um monte de coisa, escrevi no papel lá. Então, o que eu achei mais bonito foi a Terra. A Terra, ela é parada e gira em torno dela mesma. Comparação: se o sol está praqui, ele nasce, né? Se a Terra gira, é incrível. É uma coisa que a gente não tem noção não. Como é que pode ser assim? Cada giro, o sol vai para cá. Já quando ele vai, ele vai indo aqui, vai descendo, descendo, descendo. Ele se põe, né? Ela faz gi... giração de novo em torno dela mesma aqui, para no dia ela estar lá de novo. O Sol, incrível, né? Muito bonita as coisas da natureza. Esses americanos faz um tipo de foguete para conhecer a Lua. Então, eu cheguei numa livraria e vi um livro lá. O cara falou que o livro era a história dos americanos que faz o foguete para conhecer a Lua, o homem foi conhecer a Lua. Se eu tivesse um estudo bom, levava agora para eu saber o que significa. Tem outro livro que eu estava lendo também que fala da... a cidade mais velha do mundo, sabe qual é? Qual foi a cidade mais velha do mundo, que fizeram a primeira casa? Bahia. Estado da Bahia. Bahia tem uma cidade no estado da Bahia que foi a primeira casa que foi feito. O cara que inventou o primeiro instrumento de corda, sabe quem foi? Não tem São Paulo, não tem Itália, nada. Foi no Brasil, ele era conterrâneo meu. Pernambucano, o cara. Foi para o estado da Bahia e se juntou com outro baiano e eles pegaram e fizeram... eles se ajuntaram os dois e fizeram uma viola. Primeira viola. Fizeram de uma corda só, botaram o apelido de... porque existe o berimbau, então o primeiro instrumento que existiu, que inventaram no mundo todo foi o berimbau. Aí esse pernambucano foi se ajuntou com esse baiano no Estado da Bahia e inventaram um tipo de uma viola, fizeram de três cordas. Aí fizeram outra de quatro corda, de cinco, de seis. Tem viola de doze cordas. A sanfona acordeon aqui no Brasil, no Estado do Rio Grande do Sul. Se você falar que quer comprar uma sanfona, ninguém sabe o que é sanfona, não. Sabe o que significa sanfona? É uma cabeça de um leitão. No açougue, você pede: "Me dá a sanfona de um leitão, aí". Aqui ninguém sabe disso, não. No Rio Grande do Sul, esses lugares, sabe como é o nome de uma sanfona?

Chama acordeon. O nome é acordeon. Nos fins do mundo que foi inventado o primeiro instrumento de tecla. Está no livro que eu tenho lá em casa e era muito diferente de uma sanfona. Nem parecia. Primeiro instrumento de tecla foi um cara que ele é um alemão, foi feito primeiro instrumento na Alemanha. Um alemão que inventou o instrumento acordeon. Muita diferença, rapaz. Esse instrumento que esse alemão fez, está ali no livro. Aí foi para Itália, ele conheceu um italiano que era músico desse instrumento que esse alemão fez. Não existe sanfona. Os caras chama sanfona porque não lê as escrituras, mas está tudo escrito dentro da... da linha musical que é acordeon. Então, por isso que eu falo que tem que prestar atenção nas coisas. Tenho um amigo meu que o nome dele é Paulinho, ele viaja para os Estados Unidos. Um dia nós saímos e brincamos lá embaixo, ele mora bem perto daqui. Eu falei que queria ir para os Estados Unidos e ele disse que não dava não porque para ir para os Estados Unidos tem que resolver muita coisa, tirar passaporte, um monte de coisa tem que tirar, né? Tem que ser outro documento para você passar fora do Brasil. Mas aí ele disse que nós ia tocar nos Estados Unidos. Falou para gente ensaiar uma música para ganhar dinheiro lá. Ele perguntou se eu topo, mas eu não vi mais ele não. Pois na semana passada o tio dele me encontrou e falou que o sobrinho estava me procurando porque ia viajar para os Estados Unidos e queria me levar junto. Queria me ver naquele dia. Eu falei que não porque eu tinha que vir para escola. Tu acha certo, Jussara?

[Ah, não sei.]

Ele foi para os Estados Unidos e ficou cinco meses. Comprou um carrão da hora. É outra coisa o cara que toca sanfona, toca acordeon, toca violão nesse mundo fora do Brasil. Esse tem valor, meu Deus. Nos lugar fora daqui não existe acordeonista, sanfoneiro. Não existe. Acordeonista é a pessoa que toca. Aqui no Brasil é sanfoneiro. Não. Lá é acordeonista, pode prestar atenção se não aparece por aí falando que vem um acordeonista de fora, dos Estados Unidos, da Alemanha, do Japão. Japão, só vi um japonês tocar acordeon. Só um, assim mesmo tocava música japonesa. Italiano toca, mas é tango. Tu sabe o que é tango? Eu vi na televisão esses dias, uma hora da manhã. Mas é bonito, rapaz. Eu conheço dois caras já que é formado. Ele só faz arranjo de música e trabalha dentro do estúdio. Um dia nós brincamos um pedacinho, mas foi pouco. Mas ele falou para mim: "José, nunca desanime no sonho que você tem de música, vai em frente e não desanime.

Na vida você vai chegar onde você quer chegar”. Foi o que falaram. Não falei nada, mas os caras tocam demais, não tem nem como falar. Tocando instrumento de corda. Italiano quando dá para tocar, pelo amor de Deus. Aí ele falou: “Todo o futuro da tua vida José, depende de você querer... querer e se interessar. Vem todo domingo aí prá gente fazer uns ensaio de música. Mas vem mesmo”. Eu fui dois domingos. Eles tem tudo, uma leitura boa, tem um papelzão lá com umas escritas. Outro tipo de tonalidade. Eles escreve muito enrolado, né? Os caras toca tudo, toca demais. Toca o Brasileiro. O Brasileiro eu toco ele.

[Nossa! O Brasileirinho é lindo!]

É difícil, filha. E eles tocou e eu acompanhei. E eles apertou minha mão. Me chamou para ir lá no programa da Inesita Barroso. Eu disse que não estou preparado não. Ele disse que eu estava escondendo. Falou que eu tenho que mostrar o que eu sei, que é muito importante. Mas com fé em Deus Jussara, eu vou. Um dia eu vou chegar onde eu quero chegar. Se eu não morrer logo. É que a gente nunca sabe da vida da gente, né? Às vezes a gente está hoje aqui, mas nós não sabe o dia de amanhã. Mas se Deus me der saúde, enquanto eu for vivo não vou parar de estudar mais não. Se algum dia eu sair daqui eu entro em outra escola. Acho que está no final, já conversei muito, né? Você me desculpa o lado que eu falei muito errado. Estou pedindo desculpas para você, porque a gente fala errado, né? Não é certo. Bom é falar correto, falar as coisas tudo certinho, explicado para pessoa ouvir e saber o que que a pessoa está falando. Então, eu estou pedindo desculpas para você, certo? Já vai dar vinte para o meio dia e eu tenho que me arriar lá para casa da minha mãe.

[Está bom.]

Outra vez que você precisar de mim...

[Se for necessário nós conversarmos novamente, o senhor se importa?]

Não. Eu converso qualquer hora. Sempre eu gosto de conversar assim. Inclusive um tempo aí eu estava pensando que eu tenho que conversar com uma pessoa. Tem que conversar com essas pessoas que é sabido, né? Conversar com uma pessoa que sabe mais do que a gente. Eu gosto muito de conversar com pessoa que explica e ensina coisa que eu não sei. Que nem eu estava conversando com um médico no pronto socorro. Para pessoa se formar para ser médico, vou te falar... É duro, hein?

Um médico se for estudar para cabeça é um, se for para garganta é outro. Olha, por amor de Deus. O cara é de perto da minha terra. Quando ele veio para São Paulo criancinha de Petrolina, ele veio e se formou aqui. Aí eu falei para ele que eu não tinha estudo, que eu estava me batendo para aprender a ler. Ele disse que nunca é tarde. Que conhece pessoas que tem cinqüenta, sessenta anos e se formou e tem mais sabedoria do que ele. Eu vi também no programa do Fantástico uma senhora que tinha oitenta anos e se formou-se. Ela abriu um escritório lá de escriturário e fazia tipo de um documento. Começou a estudar com quase sessenta anos de idade. Eu não tenho essa idade. Eu acho que quando eu tiver com sessenta anos, não é possível que eu já não estou fazendo uma carta. Oxente! Antes disso já vai acontecer, que eu já estou bem. Eu fico muito cabeça quente com as coisas, mas eu fiquei analisando um lado assim que não adianta você vir aqui para escola e ficar de cabeça quente, pensando no problema lá que você não resolveu. Não, aquele lado lá deixa lá. Deixa para resolver amanhã. Tem que vir praqui e ficar aqui, prestando atenção no que está explicando lá e outra, não pode ficar nervoso, cabeça quente, sabe? Eu ficava nervoso, de cabeça quente e não conseguia fazer. Aí foi indo, foi indo... Não pode não, se for assim eu não vou aprender nada. Foi indo, foi indo, aí eu fui tendo mais paciência. Calma, calma, agora eu estou conseguindo. Só com a conta de empréstimo que eu não sei muito ainda, mas a conta de mais eu já sei muito. Antes a professora passava lição que eu não sei, né? Mas graças a Deus, já sei. Agora, já sei pegar conta grande misturada, está tudo misturada a conta, se tem que armar a conta e pôr ela assim em ordem e fazer no final da conta. Sabe quanto vai dar, né? Então, está escrito lá em cima. Tem pessoa que não sabe, que nem a coitada da mulher lá, a menina que tem aí, baiana. Porque ela não conseguiu fazer, começou a chorar. E saiu da escola. Veio mais não. Eu não troco de opinião nem que... Pode dê o que dê, só se um dia a escola acabar. Vou dizer uma coisa: meu sonho é aprender, um caderno, escrever tudo. Eu mesmo estava falando para minha mãe, que a minha mãe sabe ler muito bem. Tem uma leitura muito boa, minha mãe. Ela falava mesmo que hoje a pessoa sem estudo não é nada. Ela cansou de falar para eu ir para escola. Tem uns amigos que me pergunta se eu já vi cavalo véio (sic) aprender a ler. Eu digo: "Meu amigo, se tu tem trinta e cinco anos e começa a estudar, estuda mais uns vinte anos daqui para frente. Tu acha o que? Analisa o que tu estuda vinte ano direto. Não é difícil não, meu amigo. O estudo ensina a pessoa a falar muito bem. O estudo, ele deixa a pessoa muito correta na fala. Fala as palavras

tudo explicadinho. Eu presto atenção em tudo. Quando às vezes eu ligo a televisão, vem aqueles caras falando, os jornalistas. Eu acho incrível os jornalistas falando as notícias que fala no mundo todo. Eles falam palavra por palavra, tudinho. Eles não falam aquela palavra de uma vez, né? Eu presto atenção. Acho muito bonito falando essas palavras. Eu gosto muito de assistir televisão, quando está passando jornal. Assim jornal das 7 da noite. Todo dia passa uma notícia. Passa o dia, quando é noite já tem uma notícia. Aí eu sempre ligo a televisão para escutar e fico pensando. Eu acho muito bonito a pessoa falar daquele jeito. Cara estudado, cara não gagueja e nem erra. Como pode, né? Um cara que parece que nasceu para isso, sei lá. A língua dele é rápida para falar. É assim mesmo a vida. Cada qual tem um destino na vida, né? Com fé em Deus, chego lá ainda. Então, que nem a... aquela Melissa, Mônica, a Salete, a Cláudia, falam muito bem viu? Então, elas falam aquela fala ali, lógico que é para o aluno prestar atenção, para aprender. Aí qualquer coisa que não sabe, pensa que ela está falando bobagem. “Ah! Eu vim aqui para aprender a ler e escrever”. Eu digo: “Rapaz, tu sabe para que que ela está dando essa lição aí? É para tu analisar e aprender o jeito certo e como é que ela fala. Ela está te ensinando o que é a fala, como é que se fala as palavras”. Jussara, ela estava contando uma história que fala, explicando como é que é a fala, como você fala. Às vezes você fala uma palavra errada. Ora, uma pessoa que é formada, estudada, ele quer comparar com uma pessoa que só sabe o óculos que é redondo? Não tem diferença grande? Que nem a Maria. Você quando vai falar, tem que saber falar. Eu não sei. E você quando vai fazer uma entrevista num canto assim, tem que saber falar. Tem cara que só vive xingando, xingando. Principalmente, que nem está hoje. Para você arrumar um serviço de pintar... Olha, eu estava assistindo uma passagem na televisão. Não, era no rádio. Tinha 50 vagas para pintores de parede, com prática que tinha no mínimo 1º grau. É mole? Tinha mais 40 vagas de operador de máquina, no mínimo 1º grau, 2º grau e com experiência na carteira. Eu tenho experiência na carteira. Se o cara me der uma máquina de solda, eu trabalho. Se me dá torno mecânico eu trabalho. Então, você ainda quer falar mais ou...

[O senhor é quem sabe. Se o senhor quiser falar mais, eu estou aqui para te ouvir. Pode falar o que o senhor quiser?]

Está bom, a gente conversou muito. Outro dia se você quiser, eu volto certo?

[Está bom.]

Você vai levar essa fita para onde? Não dá para ouvir agora não?

[Dá sim. O senhor pode ouvir um pedacinho. Não dá para ouvir as três fitas porque vai demorar muito, né?]

Que nem eu estava falando. Eu posso despedir, agradecer você e parar?

[Pode.]

Então Jussara, isso que eu falo, eu... fico muito satisfeito assim, por você ter me convidado para vir aqui. Você me escolheu entre os alunos para eu fazer essa fala para você, essa entrevista. Se você precisar outra vez pode me convidar que eu venho. Não sou pessoa de dizer não. Nunca vou dizer não. A qualquer um. A Dona Maria, qualquer um que precisar de mim aqui eu não vou falar não. Se ela precisar de qualquer coisa, fazer qualquer coisa. Para eu vir aqui arrancar aquele cano, aquele esgoto, aquela pia, aquela privada, pode deixar que eu venho. Só se eu estiver doente. Mas jamais eu vou chegar naquele dia e falar que eu sei fazer uma coisa e não saber. Eu só falo que faço coisa, quando eu sei fazer. É que nem a leitura. Às vezes eu chego num canto, aí a pessoa procura as coisas para mim e eu digo que sei muito pouco. Inclusive eu estou estudando para chegar esse ponto, de sabedoria, leitura.

[Então senhor José, o senhor só pode fazer isso, fazer essa entrevista, falar comigo se o senhor quiser de verdade. Se o senhor achar que não quer mais falar sobre sua vida o senhor pode dizer que não quer mais.]

Não, eu não vou falar isso não. A hora que você precisar eu vou falar. Que nem, eu sou uma pessoa que quando eu era menino lá no nordeste, eu não me interessei. Eu fui para uma escola e não me interessei num ponto. Minha vida era brincar com outras coisas, brincar com o gado, tirar leite. Só viver em luta de roça, né? No nordeste é assim, a maioria das pessoas só se preocupam com coisa de roça, não se preocupam com negócio de estudo não. Certo, que hoje está mudado. No nordeste tem muita escola, inclusive onde nós mora tem um pessoal e eles compraram uma propriedade lá e fizeram assim um tipo de pombal, sabe. Sabe o que é pombal? Um pombal, você planta todo tipo de planta, fruta, planta jardim de flores, faz encanação de água, faz pronto socorro, colégio, tudo. Aí chama pombal. Pombal tem de tudo. Lá os caras chama uma piscina, fizeram um cisternão bem

grande cheinho de água. Chega está brilhando a água. Vamos lá tomar banho hoje. Então lá tem de tudo. É encostado na propriedade do meu pai, só queria que você visse. Pronto, a minha irmã estudava ali. Professores, professores do melhor que vem de fora para dar aula ali, até hoje tem. Meus sobrinhos estudam lá e eles ensinam muito bem, né? As mulheres tudo da Alemanha, tudo de fora o pessoal. Minha mãe está falando que agora está tão bonito... Não tinha água encanada lá. Tinha embaixo da propriedade da gente, aí eles fizeram encanação. Caninho fininho assim... Aí fizeram no canto lá só de jardim de flor, só todo tipo de flores que você pensar na vida tem. Planta, pé de manga, de caju, todo tipo. Aí tem um Pronto Socorro de criança, um colégio bem grande que eles fizeram. Tem a casa que eles mora, bonito demais rapaz. Aí apareceu um desenhista e me chamou. Perguntei para ele quantos anos ele tinha estudado. Ele: "Jose, eu comecei a estudar de pequeno. Agora o desenho a pessoa já tem de nascença. Já é um dom que você tem. Tem que ter a prática. Na escola que você lê e sabe como é que você vai preparar aquele material para você fazer, os vários tipos de tinta para você pôr a cor da água, da árvore do navio. Pôr a cor do sol, da lua, do céu. Se tem um jardim, você olha aquele jardim e você vai analisar como é que vai fazer aquele desenho. Então tem que estudar para saber quantos de altura, de quadro, quantos milímetros, quantos centésimos". Ele não faz nada. O serviço dele é aquilo desenhando, na madeira ele faz cada coisa que você fica... ele falou para mim estudar e se interessar pela leitura. Ele disse que nunca trabalhou para ninguém e o que ele sabe jamais vai esquecer. É bom a pessoa assim, conversar, desabafar. Não está gravando mais nada não, né?

[Está sim.]

Eu presto atenção assim que a pessoa fala. Jamais que eu vou ter vergonha de falar as coisas para as pessoas. Se a pessoa procura uma palavra, é lógico que eu...

[O senhor não ficou com vergonha de falar e gravar tudo isso que o senhor falou?]

Eu não. Ou errado, ou torto eu falei. Agora, você que é uma pessoa que é sabida na leitura, na escritura, sabe ler bem, falar bem . Se tem algum erro, você vai ver aí, vai volta e fala para mim depois.

[Mas eu não estou procurando erros.]

Às vezes você fala uma palavra aqui que é certinho, existe aquela palavra. Mas na escritura, para você escrever não existe. Às vezes a gente fala certas palavras e não bate certo, entendeu? Tem palavra que não bate. Não existe.

[Pode ser. Mas eu quero agradecer muito pelo senhor ter aceitado fazer essa entrevista comigo, está bom? Se eu precisar de novo eu vou falar e se o senhor quiser a gente volta a conversar. Se o senhor não quiser, eu vou entender perfeitamente. Depois o senhor vai ter acesso ao meu trabalho. Vou mostrar para o senhor tudo o que eu escrevi e a gente vai conversar de novo sobre isso.]

Eu fiquei muito satisfeito, muito feliz.

[Que bom!]

Eu gosto muito de conversar, viu? Eu sou pessoa que quando eu estou lá dentro da escola parado, às vezes a professora pensa que eu estou ... às vezes a professora pensa que eu não quero falar porque eu não quero, ou tenho cerimônia. Mas não é. Comparação: se você fala uma palavra correta, aí um fala, outro fala. Um fala, outro fala, não deixa eles falar. Eu vou ficar calado. É melhor você chamar a pessoa e conversar com a pessoa. Tem um lado de palavra muito importante que gostaria de passar essas palavras para você, para depois você falar na aula, onde você quiser entendeu? A pessoa tem que falar, conversar. É muito importante. Inclusive para pessoa que entende, né? Às vezes você está com algum problema na mente e desabafa a gente, né? Não é bom a gente conversar muito?

[E ótimo.]

É muito importante. É muito bom para gente conversar. Você não vê essas pessoas que às vezes está com problema. Tem aquela pessoa para conversar, deixar a pessoa com pensamento limpo, só pensando coisas boas. Já tem pessoas que só conhece coisas desagradável, né? Por que que tem o cara que conta piada? Tem o cinema praquela artista. Olha, eu já vi pessoa para deixar o outro feliz e alegre e fazer a pessoa sorrir, mas às vezes tem pessoa que não dá um sorriso. Então Jussara, a gente já conversou muito, a hora já... então o dia que você quiser, pode chegar, me convidar. Muito obrigado.

[Está bom. Eu que te agradeço e a gente vai voltar a se falar está bom?]

Está bem. Então, vamos embora.